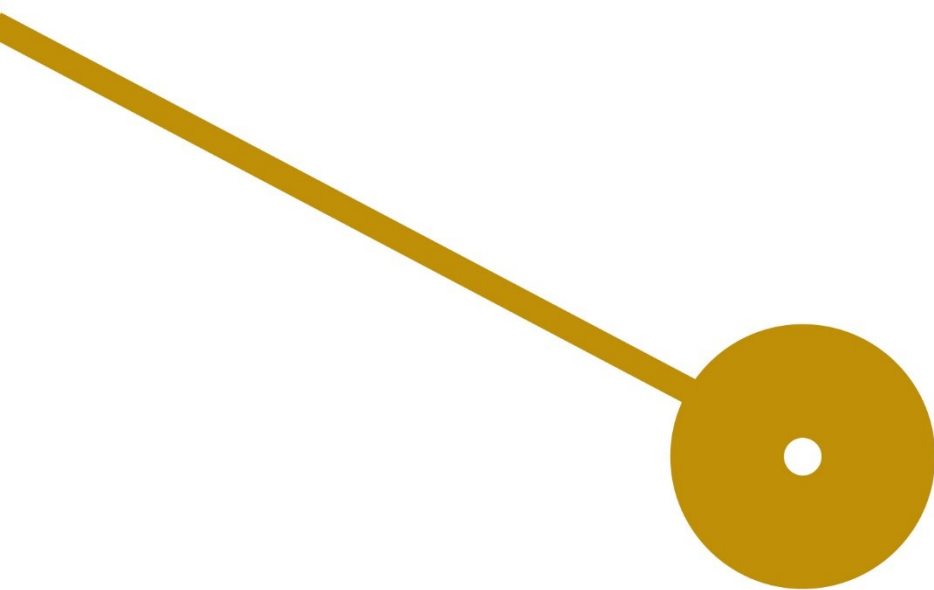




Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]
História de um Projecto
em Construção
Sónia Granja Barbosa

10/2019



M

MESTRADO
ARTES CÉNICAS
DIRECÇÃO DE CENA E PRODUÇÃO

Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]
História de um Projecto
em Construção
Sónia Granja Barbosa

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Cénicas, especialização Direção de Cena e Produção.

Professores Orientadores:
Samuel Guimarães
Regina Castro

10/2019

Agradecimentos

Ao Samuel Guimarães, pelo acompanhamento e envolvimento inigualáveis, pelos desafios e provocações que me levaram mais além, por cada agradável conversa enriquecedora;

À Regina Castro, pela rede de segurança sempre presente, pela disponibilidade permanente para esmiuçar cada detalhe, pelas sugestões e descobertas proporcionadas;

À Claire Bynion pela forma como me foi guiando no meu percurso desde a entrada na Esmae, pela amizade que construímos, pela preocupação e pelo conforto da presença;

À Sónia Passos, pelas propostas desafiadoras que me abriram horizontes e fizeram encontrar novos caminhos para percorrer;

À Inês Vicente, pelas palavras, interesse e presença confortante;

À Eunice, Leonel, Miriam, Miguel, António, Valentina, Anabela e Isabel, pelo companheirismo e memórias partilhadas;

Às pessoas próximas, familiares e amigos, que compreensivamente acompanharam o meu envolvimento profissional para que a vida pessoal não ficasse totalmente de parte;

Aos *meus bonequinhos* por me fazerem esquecer do mundo a cada abraço, por serem a lufada de ar fresco que recarregou o entusiasmo quando tudo parecia desabar;

A todos os que se envolveram no ***Geração 6.0***, desde cada Participante a cada elemento da Equipa que construímos, por cada memória partilhada;

Ao Tiago Oliveira pela incrível surpresa que foi o envolvimento e dedicação à ideia que tanto ajudou a concretizar, pelo sorriso confortante que envolveu cada palavra partilhada... Mas sobretudo por ter tornado as memórias que guardo mais felizes;

Ao Jaime C. Soares, além do que tanto mais que fica por dizer, por me ter feito descobrir há anos atrás este percurso, por me ter conduzido e por estar comigo, lado a lado, na caminhada.

A cada uma destas pessoas que preencheram os meus dias de sorrisos, a tantas mais que fazem de mim uma pessoa mais feliz, não me chegarão nunca as palavras para expressar a gratidão que comigo guardo!

Resumo

O presente ensaio complementa o Projecto de Mestrado em Artes Cénicas (variante Direcção de Cena e Produção) da ESMAE, com o título Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade], que se estreou a 15 de Junho de 2019 nos Jardins da Cobertura da Estação de Metro da Trindade, na cidade do Porto. Opta-se por uma escrita na terceira pessoa do singular cuja narrativa descreve e reflecte o desenrolar da implementação do Projecto, desde a sua génese ao balanço, após a sua apresentação.

Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade], dirigido a adultos a partir dos 60 anos, pretende proporcionar ao público sénior uma pesquisa sensorial na cidade que habita com base em propostas artísticas. Recorrendo a diferentes Práticas Artísticas e Comunitárias, realizou-se uma sequência de cinco oficinas teatrais de exploração, em paralelo com a criação musical, resultando numa apresentação final que sintetiza os principais resultados do processo criativo.

A narrativa documenta os processos criativos e da pesquisa que os norteou. A pesquisa resulta do trabalho no terreno que envolveu profissionais do teatro e da música e um grupo de pessoas com mais de 60 anos, no contexto de produção da Napalm (Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente).

Palavras-chave

processos criativos de produção | planeamento estratégico | oficinas teatrais para grupos seniores | cidade e sentidos | justaposição de linguagens artísticas | apresentação performativa ao ar livre

Abstract

This essay complements ESMAE's Masters Project in Performing Arts (Scene Direction and Production), entitled Generation 6.0 [Sensations, Arts and City]. This premiered on 15 of June, 2019, in the Roof's Gardens of the Trindade's Metro Station, in the city of Porto. It has been chosen a third person of singular writing whose narrative describes and reflects the progress of the implementation of the Project, from its genesis to its balance, after its presentation.

Generation 6.0 [Sensations, Arts and the City], directed to adults over 60 years old, aims to provide the senior public a sensory research in the city they inhabit based on artistic proposals. Using different Artistic and Community Practices, there was a sequence of five theatre exploration workshops, in parallel with the musical creation, resulting in a final presentation that summarizes the main results of the creative process.

The narrative documents the creative processes and the research that guided them. The research is the result of field work involving theatre and music professionals and a group of people over 60 years old, in the context of Napalm's (Theatre and Dance Company) production.

Keywords

creative production processes | strategic planning | theatre workshops for senior groups | city and senses | overlap of artistic languages | outdoor performance presentation

Índice

Prólogo	1
Personagens	2
Capítulo 0 – Era uma vez... ..	4
Capítulo 1 – Alinhamentos	6
Plim!	10
Capítulo 2 – “Quem tem um porquê enfrenta qualquer como	14
O caminho faz-se caminhando	15
E se...?	19
Capítulo 3 – Até ao arrumar dos cestos é vindima	23
Ready, set GO!	24
Olhares nos lugares	26
O que podemos fazer com o que temos	29
Está alguém aí?	31
Megafone	34
Engrenagem	36
Game on	39
O dia antes do dia	45
Terra à vista	47
Pôr do sol	49
Somos o que podemos recordar	51
Capítulo 4 – “Redescobre a tua visão do mundo”	54
Continua	63
Epílogo	64
Referências bibliográficas	65

Orientação de leitura do Índice

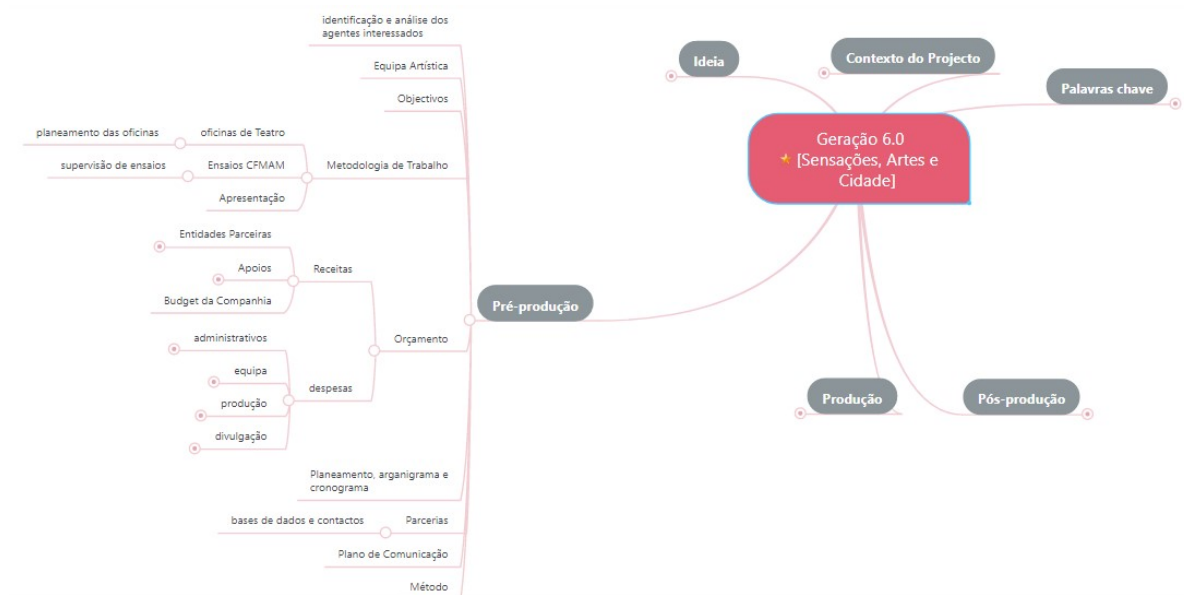
Prólogo	
Personagens	- Equipa Artística
Capítulo 0 – Era uma vez	- Introdução
Capítulo 1 – Alinhamentos	- Contexto
Plim!	- Ideia
Capítulo 2 – “Quem tem um porquê enfrenta qualquer como	- Conceção
O caminho faz-se caminhando	- Breve Estado da Arte
E se...?	- Operacionalização da Ideia
Capítulo 3 – Até ao arrumar dos cestos é vindima	- Da Pré-produção à Pós-produção
Ready, set GO!	- Pré-produção – Abertura de Dossier de Produção e Planeamento
Olhares nos lugares	- Parcerias e Protocolos – Espaços
O que podemos fazer com o que temos	- Orçamentação
Está alguém aí?	- Parcerias e Protocolos - Participantes
Megafone	- Comunicação
Engrenagem	- Metodologia de Trabalho
Game on	- Início da Produção – Implementação das Oficinas
O dia antes do dia	- Montagem e Ensaio
Terra à vista	- Montagem e Apresentação
Pôr do sol	- Pós-produção – Desmontagem e fecho do Processo
Somos o que podemos recordar	- Balanço
Capítulo 4 – “Redescobre a tua visão do mundo”	- Discussão e Perspectivas Futuras
Continua	- Conclusão
Epílogo	
Referências bibliográficas	

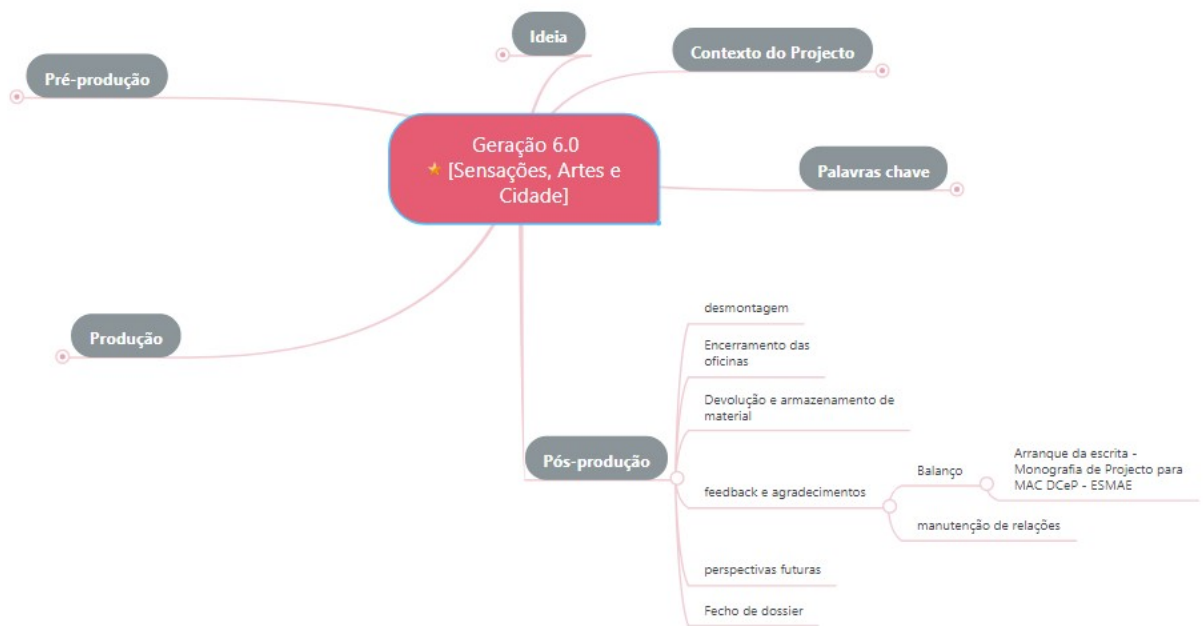
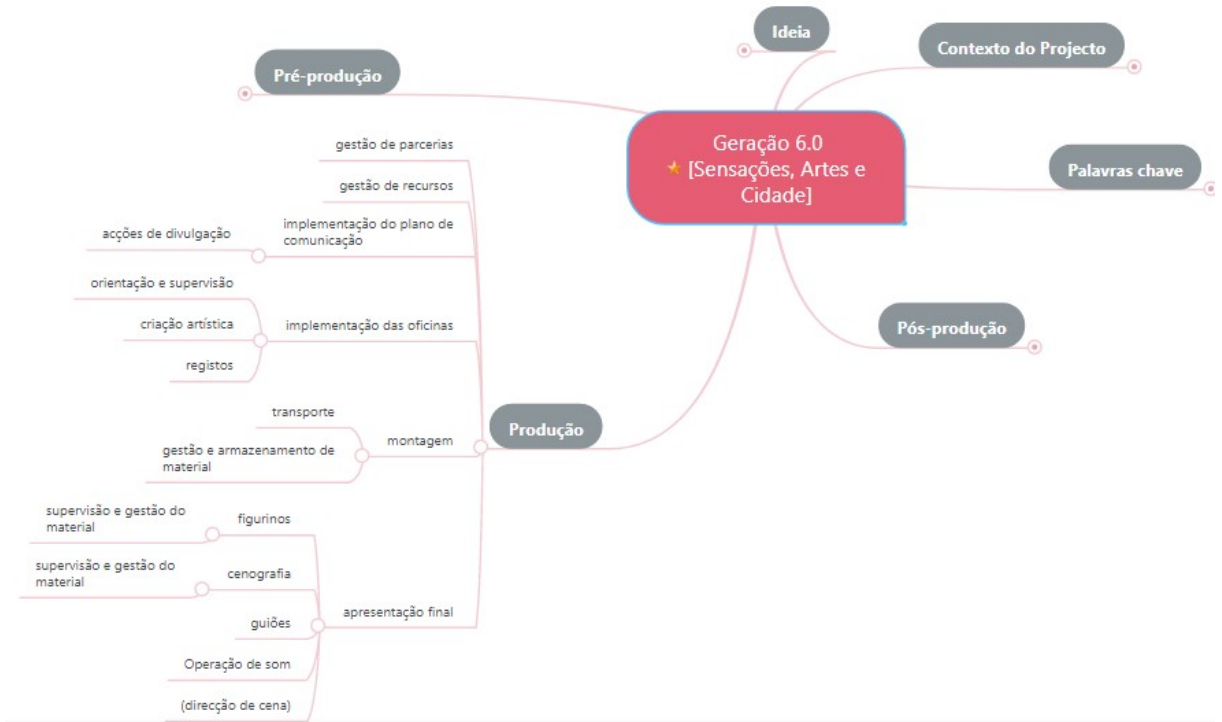
Índice de Anexos¹

Anexo 1 – Registos de Comunicações sobre o Meaning Oriented Strategic Planing	2
Anexo 2 – Mapa Mental – Projecto Sinopale	9
Anexo 3 – Proposta de Mestrado – Projecto Sinopale	11
Anexo 4 – Sentido Porto – Candidatura Criatório	27
Anexo 5 – Estudos de viabilidade	44
Anexo 6 – Planificação de Reunião	49
Anexo 7 – Distribuição inicial de tarefas	51
Anexo 8 – Cronograma de Projecto	55
Anexo 9 – Base de dados – Espaços a contactar	61
Anexo 10 – Gestão orçamental	67
Anexo 11 – Proposta enviada às entidades contactadas	70
Anexo 12 – Plano de actividades	74
Anexo 13 – Base de dados para envio de convites	76
Anexo 14 – Cartaz apresentação final	83
Anexo 15 – Plano de comunicação da Napalm	85
Anexo 16 – Guiões para vídeos promocionais	87
Anexo 17 – Press release	89
Anexo 18 – Registo de imprensa	91
Anexo 19 – Planos de sessão	93
Anexo 20 – Narrativas das oficinas	97
Anexo 21 – Guia de levantamento de material Esmæe IPP	124
Anexo 22 – Guiões de apresentação final	127
Anexo 23 – Folha de sala	145

¹ Por se seguir a norma, dá-se o nome de Anexos aos complementos de leitura do trabalho. No entanto devem ser aqui considerados como parte integrante do mesmo, sendo essenciais à compreensão e acompanhamento do Plano de Produção aqui exposto.

Mapa-Guia Orientador de leitura





Prólogo

Senhoras e senhores, vai dar-se início à história. Pede-se que desliguem os pré-conceitos que possam ter sobre trabalhos académicos e investigações científicas.

Esta é a história dela, vivida nos raros momentos que se faz acompanhar só de si própria. Esta é a história dela, acompanhada pela banda sonora do teclado ruidoso de um computador que lhe conduz o pensamento. Esta é a história dela, quando reflecte consigo própria sobre tudo o que à volta dela acontece.

Esta é a história de um Projecto dela, para onde trouxe muitas outras pessoas de quem se fez acompanhar, e onde expressa a individualidade das suas vivências. No distanciamento que o tempo e o espaço lhe permitem depois de viver, numa análise menos subjectiva, aquilo que foram experiências memoráveis.

Obrigada e boas leituras.

Personagens

Ela - É a personagem principal desta história. Entre outras tarefas, é Produtora na Napalm, Aluna de Mestrado da Esmac, foi a pessoa que concebeu e fez acontecer esta história. É o elo de ligação entre as várias personagens.

Mahir - Mahir Namur, de origem Turca, é Gestor de Projectos Culturais, dando aulas no ensino superior entre Viena e Istambul. É um dos elementos centrais da equipa do Festival Sinopale.

O Mahir representava o parceiro turco (Avrupa Kultur Dernegi) do projecto *European Academy of Participation*. Foi em Londres, na *Summer School* integrada nesse projecto, que a conheceu, acabando por partilhar inúmeras conversas com ela em vários outros momentos do Projecto.

Jaime - Jaime C. Soares é Encenador, Actor e Formador de Teatro. Fundador da Napalm, é o director artístico da Companhia. Conta com diversas peças encenadas, cinco delas com texto original do próprio. Enquanto interprete integrou diversos projectos de teatro e de dança de diversas companhias como Teatro de Marionetas do Porto, Balletatro, La Fura Dels Baús.... Dá aulas em diversos locais há mais de 12 anos em diversos contextos e diferentes estruturas.

Conheceu-a enquanto professor, tendo-a convidado posteriormente para integrar a equipa da Napalm profissionalmente.

Tiago - Tiago Oliveira é Músico, integra duas bandas *a capella* (Vozes da Radio e Pop Up - Vozes Portáteis). Está também ligado ao ensino enquanto professor, assim como ao Serviço Educativo da Casa da Música onde é formador participando em vários concertos e workshops. Ligado à liderança de vários coros, colabora também com projectos de cariz social e comunitário como é o caso da Orquestra Som da Rua, Orquestra Comunitária de Lordelo do Ouro e a PELE. Conta com a composição e interpretação para teatro, sendo actualmente o director artístico, maestro e músico do Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota.

Conheceu-a na Esmac, na Oficina de Música integrada na primeira Pós-Graduação que ela fez, em Teatro e Comunidade, onde o Tiago era formador.

Rita - Rita Roldão, aluna e vizinha da Napalm, amiga dela e do Jaime. Formada em design de moda e em ilustração, é companhia habitual de intervalos de conversa e partilhas. Apesar de não integrar a equipa da Napalm, acompanha o trabalho que fazem bem de perto e colabora pontualmente com o design gráfico de cartazes de espectáculos e apresentações.

Pedro - Pedro Ribeiro, conheceu-a num Projecto promovido pela Fundação da Juventude de Paredes, em parceria com a Napalm e a NotproStudios, onde trabalharam juntos durante uma residência de três dias. É o responsável pela NotproStudios, empresa de audiovisuais que se está a lançar actualmente.

CAPITULO 0

Era uma vez, há muito tempo atrás.....

É assim que a maioria das histórias começam. Esta podia ser uma história épica, se algo de glorioso retratasse. Mas não. Esta é uma história diferente. Não traz príncipes encantados nem finais felizes. Talvez não traga sequer finais com ela. Não traz princesas nem castelos. Não traz duelos arrebatadores e conquistas inigualáveis. Não traz heróis que salvam o mundo nem viajantes de grandes epopeias. É apenas uma história comum, como tantas outras, embrulhada no quotidiano da produção de um Projecto, da concretização de uma ideia. Uma história feita de pensamentos e de pessoas. De memórias e de reflexões. De aprendizagens e de emoções. É uma história como tantas outras por contar.

Esta é a história dela, que tantos caminhos sorridentes cruzou, para cimentar mais uma pedra no castelo que aos poucos queria construir. Esta é a história dela que, há muito tempo atrás, numa terra não muito distante, se deliciava pela primeira vez com uma peça de teatro que não entendia. Teria talvez uns quatro anos quando, arrastada pela mão do pai, pela primeira vez os seus olhos brilharam ofuscados pelas luzes. Ainda lhe restam algumas memórias, induzidas talvez, mas não menos mágicas.

E não, esta não é uma história tradicional. E como tal ela não soube desde esse momento que era o que queria para a sua vida. Não, ela não descobriu aí uma expectável vocação inata, não lutou por esse sonho (nem mesmo teve esse sonho sequer). Era só isto, uma memória em retrospectiva. E é dessas memórias em retrospectiva que esta história é feita. Memórias enevoadas e pensamentos dispersos, numa coerência enleada apenas pelas sincronicidades do acaso. Acaso esse que lhe trouxe, cerca de três décadas mais tarde, o mesmo brilho nos olhos que tinha quando via teatro pela primeira vez.

CAPITULO 1

Alinhamentos

Mais de 11 anos antes nascia a Napalm - Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente, de um sonho megalómano de criar uma companhia, com uma orientação contemporânea, que contemplasse formação e criação na cidade do Porto. Mais de 11 anos antes ela estava longe de imaginar que o seu caminho disperso ali confluísse e lá encontrasse uma vida que, no momento desta história, a preenchia.

Ela cruzou-se com a Napalm pela primeira vez em 2012, enquanto aluna de aulas de teatro. Ela conheceu o Jaime, e tantas outras pessoas, que não imaginava virem a ser personagens principais de tantas histórias da sua vida. Ela estava longe de imaginar que, naquele ano, a vida dela estava a tomar um novo rumo que nunca teria ousado pensar para si.

Aquela companhia de teatro que integrara era um espaço frio e sombrio que habitava apenas uma vez por semana, de forma distante e impessoal. Era um espaço onde vivia momentos desafiantes, que queria guardados naquela caixa preta de segredos que desejava não partilhar. Aos poucos, de uma forma natural e espontânea como tudo parecia acontecer na sua vida, foi percebendo que os inúmeros contextos de que se fazia rodear se cruzavam com as pessoas com quem ali partilhava o tempo; que aquele espaço que procurara, para se afastar do mundo durante alguns instantes das semanas atribuladas de histórias por contar, se embrenhava na vida que fora dali conduzia.

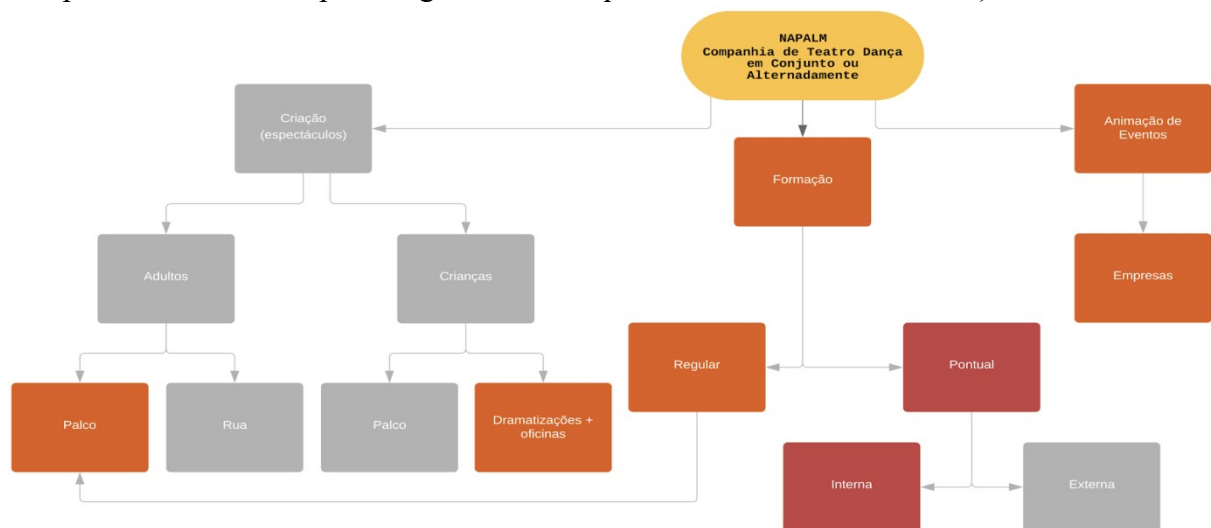
Ela, quando deu por si, via que estava já envolvida em ideias, projectos e pequenas colaborações com a Napalm; percebeu que aquele espaço escuro e frio, lhe trazia novos horizontes coloridos à vida que ia preenchendo. Ela, quando deu por si, aterrorizada por uma crença infundada em capacidades que ela não via ter ainda, mudou sem se aperceber todo o rumo da sua vida ao integrar formações e experiências sérias num mundo que, até então, levava a brincar.

E não tardou a que passasse a fazer parte da equipa da Napalm, um Projecto já existente que a fizera crescer e que tanto lhe ensinara. Não tardou a passar a ser a Produtora da Napalm, aquela figura sombria de bastidores, que facilmente se designa como sendo a pessoa que atende telefonemas e responde a emails, mas que está por trás de cada concepção, de cada ideia, de cada execução. Não tardou a começar, aos poucos, a fazer parte do processo de discussão, realização e concretização de produtos performativos (Rubin, 2005). Não tardou a integrar “o processo de transformação de um conjunto de recursos (artísticos, humanos, financeiros, materiais), que decorrem ao longo de um determinado período (ciclo de

produção) e que são geridos (planeados, geridos e construídos) com vista a alcançar um fim comum” (Pires, 2016), como mais tarde os livros a fizeram entender.

Como todos os negócios, num pensamento empresarial, há um momento crítico de reflexão onde se pensa a continuidade dos Projectos. Foi nesse momento que ela entrou. Num momento em que todos os sábios conselhos diriam para fechar a porta e encerrar um ciclo pouco promissor. Ela, nesse momento decisivo, foi convidada a abraçar um Projecto aparentemente condenado. E, mesmo envolvida nos seus medos e receios, aterrorizada pelas suas inseguranças e limitações, atreveu-se sem olhar para trás a depositar ali todos os seus esforços para que os cuidados paliativos que lá habitavam não fossem o desfecho de tantas histórias que havia ainda por contar. Ela chegou naquele momento em que a Companhia se resumia a um espaço quase desabitado, onde as vozes ténues e pouco entusiasmadas desacreditavam o futuro que estava por vir. Excepto o Jaime. E ela. Que gritantemente procuravam formas de reanimar a Napalm, de lhe devolver a explosão artística que os batimentos cardíacos escassos a tinham feito perder.

Num contexto cultural complexo, não só a nível local mas também nacional, num momento onde as vozes gritavam por 1% para a Cultura, numa teia de financiamentos difíceis e portas que se viam fechar, a Napalm tentava reerguer-se de um comodismo prévio que, por inúmeros motivos pertencentes a outras histórias, a deixaram escurecer. Quando lá chegou tudo era fácil de resumir (Figura 1). A Napalm dividia-se em três vertentes distintas: criação (estagnada por falta de financiamentos); formação (com uma debilidade evidente de turmas quase vazias que, a analisar objectivamente as contas, traziam um prejuízo indesejável); e animação (que raras vezes dava o pouco sustento que permitia que os cobradores de fraque não passassem ainda de personagens fictícias que alimentavam brincadeiras).



Projectos inactivos | Projectos com pouca regularidade | Projectos em tentativa de implementação
Fig. 1 - Organograma Napalm

Ao longo de um ano e meio, contrariamente ao que todos esperavam, começavam a ver-se claros sinais de melhoria. Aos poucos, a Napalm parecia começar a respirar naturalmente, sem ajudas artificiais. Começava a dar alguns passos para fora do quarto inóspito que habitara nos últimos tempos. E daqui começavam a surgir novas perspectivas, novos desejos e novas ansiedades.

Em setembro de 2018, no início apreensivo de um ano lectivo atribulado, ela tomava a decisão arriscada de abraçar a tempo inteiro a Napalm. Ela, por acreditar nos sonhos, decide ocupar-se e preencher-se de ideias, reunindo ali todos os seus esforços para que a Napalm não desmoronasse. E assim foi.

Logo no início do ano lectivo ela percebia que o serviço formativo assumia uma força que não tinha nunca conhecido dentro daquelas portas. Ela percebia rapidamente que era ali que conseguiria garantir a estabilidade económica para a Companhia que, pouco mais de ano e meio antes, todos acreditavam não ter futuro. Ali, perante uma serie de novos rostos que iam chegando, perante novos serviços e novas aventuras a que ela se dispusera também, o primeiro passo parecia estar seguro para que o segundo se lhe seguisse.

A criação, que não podia ser esquecida, foi um risco assumido. Mesmo sem financiamentos, sem perspectivas de retorno, ela sabia que uma companhia sem criação não faria sentido na sua essência. E esse risco trouxe também consigo frutos, não tão doces quanto gostaria de recordar, mas que ajudaram ao crescimento e afirmação.

A Animação, que servia de suporte financeiro e pouco ou nada satisfazia as pessoas que nela se envolviam, ia tomando um lugar cada vez menos destacado e começava a ser cada vez mais desnecessária para a sobrevivência.

O diagnóstico não era já tão reservado, mas não se apresentava promissor ainda. A cama de hospital parecia ser deixada para trás aos poucos, mas não era ainda o suficiente para que se pudesse assumir como estando já de boa saúde.

Era aqui, neste contexto, que ela habitava; que, sem saber, dava início a uma história que guardaria para contar.

~ Plim! ~

O início do ano lectivo fora promissor, os planos eram inúmeros e as ideias fervilhavam num entusiasmo pouco contido. Ela, por entre muitas histórias que, além desta, teria para contar, passeava-se por entre uma imensidão de pequenas coisas em que se envolvia. Ela, nas histórias que gostaria de ver contadas, cruzou personagens que a foram moldando e construindo, conduzindo-a para aquilo em que, progressivamente, se ia transformando. Muitos foram os nomes que por trás do nome dela escondem o reflexo do seu impacto, nas aprendizagens que ela foi absorvendo por onde foi passando. E é, de alguma forma, numa terra bem distante, há algum tempo atrás, que esta história vê o seu começo.

Em junho de 2017 ela teve a oportunidade inesperada de integrar uma residência artística em Londres. Uma experiência repleta de narrativas que viriam a mudar forma de se posicionar no mundo. Uma experiência que, entre sincronidades inesperadas, lhe trouxeram um sentido a uma vida fragmentada e dispersa que achava levar.

Foi na voz do Mahir, um gestor cultural turco que lá conheceu, que ouviu pela primeira vez uma ligação entre a Logoterapia (Frankl, 2005) (que em histórias passadas tanto tinha aprofundando, num Mestrado previamente terminado) e as artes. Foi nessas palavras que ela encontrou sentido naquilo que fazia e que descobriu aquilo que, tal como na Psicologia antes acontecera, a apaixonara pela Produção. E foi nessas palavras que ela encontrou também outras estratégias de intervenção que consigo trouxe para a Napalm. Foi nestas palavras que começou a moldar o pensamento de acordo com o *Meaning Oriented Strategic Planing* (Namur, 2018b; Fund. Academia Europea e Iberoamericana de Yuste, 2016) e que, de alguma forma, se deixou conduzir por novos caminhos nas pesquisas e interesses. Partindo de uma ideia onde o *porquê* está claro, é definida a realidade final que reflecte aquilo que move para a acção. E este processo aparentemente linear constrói-se progressivamente, em espiral de reavaliações sucessivas das acções e resultados, numa metodologia de *learn by doing* que, degrau a degrau, conduzem à concretização do objectivo final².

Mais tarde, quase um ano depois, os seus caminhos voltaram a cruzar-se, num momento em Amsterdão (para manter a tradição da terra distante, que fica sempre mais

² Como complemento à leitura sugere-se o Anexo 1 onde constam os registos pessoais de duas conferências alusivas ao *Meaning Oriented Strategic Planing*.

poética nas histórias). Por entre canais organizados, também entre eles se canalizava um discurso coerente e complementar, em formas de pensar que convergiam para um mesmo fundamento. E é daqui que surge aquele momento chave que nas histórias nunca se desvenda à partida, para manter o suspense. Lá, nessa terra distante e nostálgica, foi feito o primeiro convite para propor um projecto para um festival bianual, que ocorre nas paisagens paradisíacas de Sinop na Turquia. E, perante esse convite, esse interesse manifesto, esse desafio lançado, tudo na vida dela parece confluír para que essa proposta se crie e o peixe morda o isco lançado³.

Assim foi, meses passados, novamente em Amsterdão, posteriormente em Marselha, por entre inúmeras ideias trocadas e desafios discutidos, ela embrulhava-se não só nos modelos de pensamento de projecto do Mahir (Namur, 2011; Namur 2018a; Namur 2018b; Namur, 2018b, Fund. Academia Europeia e Iberoamericana de Yuste, 2016), como começava também a conceber algo que pudesse levar além fronteiras e desafiar-se por novos caminhos a descobrir.

Rapidamente inúmeros porquês lhe assaltavam o pensamento, deixando-se envolver pelas palavras de Newlove (1993: 13 cit in Holdsworth, 2006, p.52), “*Once we know WHERE we are going in space, we must observe and analyze HOW we are going and WHAT KIND OF MOVEMENT ENERGY we use. Our choice of the type of muscular energy, or from now on, EFFORT, which determines how we carry out an action, is the result of previously experienced inner impulses.*”. E deixava-se conduzir pela ideia base da Logoterapia que defende que “quem tem um porquê enfrenta qualquer como.” (Frankl, 2005), determinada em seguir a caminhada.

Esta seria, seguramente, uma bela história para contar⁴. Recheada de paisagens desconhecidas e sonhos por viver. Mas não foi essa a história que se veio a construir. Os movimentos políticos, a instabilidade e a falta de segurança de um país em transformação fizeram deslizar muitos dos planos que se estavam a arquitectar. A falta de financiamento, como tradicionalmente acontece, fez com que se tornasse difícil a implementação de um Projecto que aos poucos se fora desenhando para levar aos envolventes nevões turcos e museus de memórias por criar (Pamuk, 2010; Pamuk 2016). E como pequenos flocos de neve, ela foi vendo desaparecer progressivamente tanto que a tinha envolvido até então.

³ Para que melhor se compreenda o conceito do projecto de que se fala em seguida, sugere-se a leitura do Anexo2 onde pode ser consultado o Mapa Mental que o representa.

⁴ Para os mais curiosos, no Anexo 3 consta a Proposta de Mestrado apresentada, para uma melhor compreensão do plano desenhado e que nesta história não será desenvolvido.

É nas palavras inocentes de pessoas que a rodeiam que ela percebe que o que a movia a procurar a Turquia não era a viagem, a paisagem ou o contexto local. Era a ideia que tinha concebido, a vontade de implementar algo que estruturara e em que pensara até ali. E, percebendo isto, ela constata que poderia fazê-lo em qualquer lugar, predisposto a acolher cada pensamento seu a concretizar.

Envolvida num entusiasmo que desconhecia até então, envolvida num modelo de planeamento estratégico que lhe tinha sido inculcado, ela reestruturava os seus *porquês*, que tinham já mudado drasticamente, e orientava-se para novos *comos*. Ela repensa cada pormenor de ideias suas e decide levá-las consigo para o que a envolvia no momento, para o espaço que a acolhia diariamente, trazendo uma proposta à Napalm que acreditava ser consistente com os planos que tinham e enquadrar-se com as estratégias de produção que começavam a adoptar.

Claro que, como sempre na vida dela, os momentos em que tudo acontece nunca são favoráveis, fazendo-se rodear de adversidades complexas que aumentam a satisfação nas tarefas dificilmente concretizadas. Não foi diferente ali, considerando que os possíveis financiamentos onde o Projecto se poderia incluir, estavam com os prazos já perto do fim e ela, no seu já mais longo percurso formativo na área da Produção, sabia que a precipitação e a urgência dificilmente seriam amigas fiéis de resultados bem-sucedidos.

Não desistindo da ideia, olhando em redor, ela percebe que ia ainda a tempo de apresentar uma proposta ao Criatório⁵, ainda que a soubesse frágil e precipitada. Mas sabia também que a urgência de cumprir um prazo a obrigaria a concretizar em palavras objectivas uma ideia que tinha ainda dispersa e confusa, impedindo-a de continuar a protelar.

E assim foi. Assim nasceu o *Sentido: Porto*. Assim nasceu o primeiro esboço da história que aqui se conta. Envolvido em sonhos de paisagens pinceladas de azul e verde, que conduzem a um recheio de sabores a francesinha.

Como seria de esperar o desfecho foi amargo, mas a candidatura fora surpreendentemente classificada para o tempo de confecção que tivera. E deixara consigo uma semente a germinar nas pessoas com quem falara para integrar o Projecto. Ela, que

⁵ Para os leitores muito curiosos, ou que melhor queiram inteirar-se das histórias por trás da história, o Anexo 4 inclui a candidatura apresentada ao Critório, onde se pode ler de forma mais formal aquilo que acabou por ser o embrião do Projecto que aqui se irá contar em seguida.

cuidadosamente tinha desafiado para trabalhar consigo pessoas que se identificassem com a linguagem que ali queria falar, tinha encontrado as personagens principais que a acompanhariam na história que aqui nascia.

Aqui, a história dela abre portas ao Jaime e ao Tiago, novas personagens desta história, que de outras histórias já vinham a acompanhá-la. Aqui, a história dela abre portas a novos sonhos que, aos poucos, foram construindo pequenos castelos. Aqui, a história dela começa a ganhar alicerces para se erguer e, semanas depois, ver baptizar a narrativa que aqui se vai contar: ***Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]***.

CAPITULO 2

“Quem tem um porquê enfrenta qualquer como”

(Frankl, 2005)

~ O caminho faz-se caminhando ~

Relembre-se que, por entre sonhos, ideias e descobertas, ela continuava envolvida no contexto da Napalm. A vida dela continuava, numa azáfama árdua entre a Napalm (que abraçara a tempo inteiro) e a Esmæ (que lhe tomava o pouco que reservara para uma vida pessoal que quase não tinha). Os dias dela eram preenchidos por uma correria permanente entre ruas acidentadas do Porto que a faziam passear por entre uma vida preenchida, cansativa e atribulada.

A estratégia de Produção da Napalm continuava a trazer frutos promissores, permitindo-lhe uma respiração mais relaxada (Figura 2). No entanto, ela sabia que era também o momento de olhar para o futuro, de perspectivar não só a curto prazo como se vira obrigada a fazer até então; mas, a longo prazo, começar a implementar novas estratégias que permitissem continuar a desbravar um longo caminho que tinha ainda pela frente para percorrer (ARTCENA, 2016).

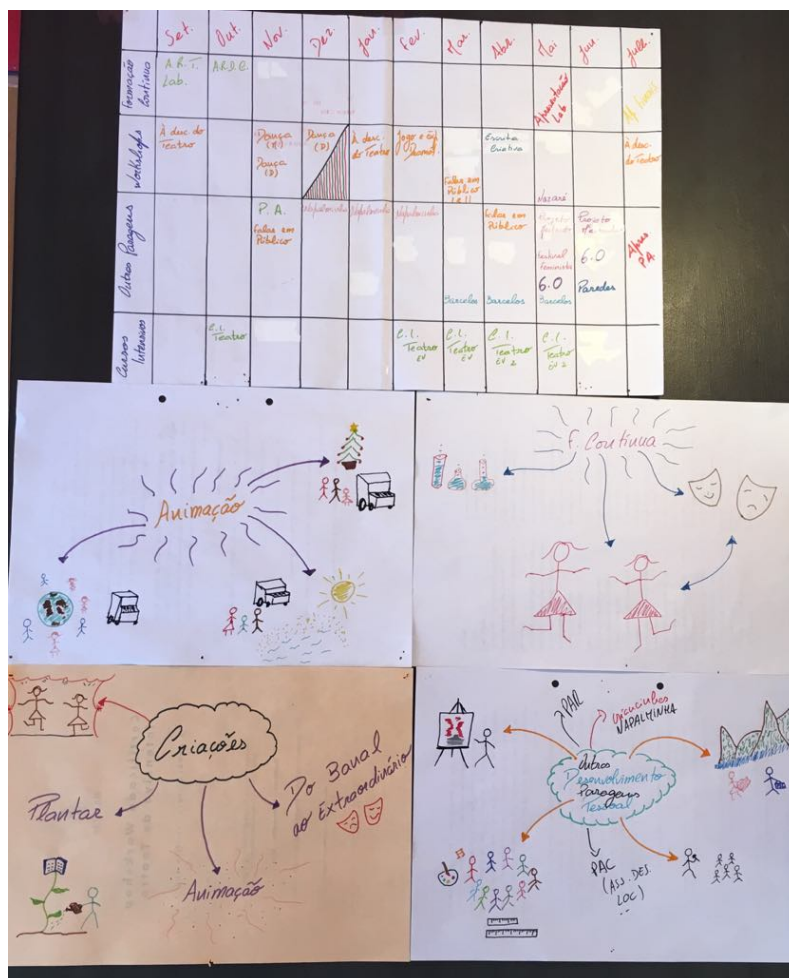


Figura 2 – Mapa orientador de Planeamento da Napalm – Ano lectivo 2018-19

Olhando ao redor, e analisando as orientações de financiamentos, ela sabia que dificilmente ali iria conseguir a curto prazo uma botija de oxigénio. Ela percebe que, mesmo os poucos financiamentos municipais e locais para as artes, não eram fáceis de alcançar para uma estrutura que, ao longo de 11 anos de existência, tão pouco caminho tinha percorrido ainda. Ela percebe que precisava de dar provas fundamentadas de um trabalho que se vinha progressivamente a construir para que, mais tarde, outros olhos pudessem acreditar naquilo que ela via já. Ela percebia que, bem antes de reunir esforços para semear uma colheita ainda pouco provável numa procura de financiamentos, ela tinha um longo trabalho a preparar a terra para a tornar fértil e capaz de acolher as sementes que tinham para plantar.

Não apenas naquele dia, no pico do Inverno, frio e chuvoso, mas em tantos outros que lhe antecederam, ela cruzou caminhos com inúmeras pessoas que não lhe foram indiferentes no seu percurso pessoal e profissional. Não apenas naquele dia ela cruzava as ruas de uma cidade recheada de pessoas, mas despida de relações. Não apenas naquele dia ela cruzava caminhos familiares, esbarrando com inúmeros pormenores desconhecidos. Não apenas naquele dia ela fez-se envolver de coragem de aglomerar o seu percurso pessoal, académico e profissional numa só vida que é a sua, e começar a desbravar um caminho que sabia querer seguir.

Não tardou a encontrar-se com o Jaime, por entre rotinas habituais. Sentados, naquela mesa que partilhavam, ela expunha da forma mais clara que conseguia cada pensamento entusiasmado, por entre um envolvimento contagiante que não conseguia conter. Chamar-lhe-iam os livros uma identificação e análise dos agentes interessados (Pires, 2016), mas naquele contexto ela não se deixava envolver pelo peso formal das palavras. Ela só queria dar continuidade a uma ideia embrionária que encontrou espaço na Napalm, mas corria o risco de se encerrar na gaveta do esquecimento. Ela sabia que, partindo daquilo que tinha já sido a proposta anterior, lhe tinha ficado um interesse estratégico e pessoal no trabalho com o público sénior. Sabia-o necessário, queria que assim fosse. Por entre estatísticas ocas que espelham uma cidade envelhecida (Porto, 2019), por entre estigmas e preconceitos sociais, ela via ali uma brecha que não só tinha um número alargado de pessoas capazes e activas, como tinha também o “bem-parecer” aos olhos da sociedade⁶. A Napalm precisava de se dar a

⁶ Estas e outras ideias estão exploradas no Anexo 5, onde são disponibilizados Estudos de Viabilidade do Projecto

conhecer e ficar bem vista socialmente, precisava de marcar uma posição com a missão que tinha e perseguia, mas que não espelhava de forma latente nos projectos que apresentava. E, sem hipocrisias, a oportunidade. O contacto onde a presença e envolvimento do Tiago a tinham já conduzido e que lhe tinham mudado vários dos porquês daquilo que previamente concebera (Pires, 2016; Namur, 2011).

Olhando em redor, ela tinha contactado com inúmeros projectos comunitários nos anos antecedentes. Muitas eram as referências de que se fizera rodear, desde estruturas mais megalómanas que vão desde a Fábrica da Queima do Judas⁷ (ACERT, 2018) até à Orquestra Geração⁸ (Reis, Carreiras, Malheiros & André, 2015). Diversos eram os trabalhos que, ou em áreas artísticas específicas desenvolviam trabalho, como serve de exemplo a Orquestra Som da Rua⁹ (Correia, 2011); ou ainda estruturas que iniciaram com projectos de duração circunscrita, como o Povoar, mas culmina na criação do Grupo de Teatro Comunitário de Lordelo do Ouro (Castelo, 2015). Uma panóplia de exemplos abre-se em leque nos pensamentos dispersos de memórias com que ela se foi cruzando noutras histórias. Muitos desses exemplos financiados, sustentados ou com uma continuidade já evidente que lhes conferiam a credibilidade e força que aparentam ter.

De alguma forma, ela ansiava que todas essas memórias que o passar agitado do tempo lhe foi fazendo construir lhe permitissem criar algo seu a que se dedicava naquele momento. Algo que acreditava ser conciliável e uma combinação promissora. E que, desse estrugido, viesse um novo sabor àquilo que pudesse confeccionar, encontrando um conforto orientador nas palavras de Porter (2010) *“toda obra creativa se propone a sí misma como organizadora de experiencias y, al menos en el caso del arte, como organizadora de experiencias que no son susceptibles de ser satisfatoriamente asimiladas de otro modo.”*. E naquele instante ela sabia que, aglomerando cada ideia sua com cada partilha que daí pudesse advir; com os conhecimentos e experiências pessoais de vidas que confluíam para um interesse comum; com as vontades, ânsias e desejos de cada um... O caminho estava pronto

⁷ Actividade realizada na Páscoa, desde 1996, numa versão de teatro de rua com participação comunitária. Contando com uma média de 200 participantes anuais, esta actividade contempla dois momentos distintos: A Fábrica da Queima (onde a comunidade se junta para a construção do espectáculo, desde a cenografia à interpretação) e o Espectáculo (onde é apresentado o resultado do trabalho desenvolvido ao longo da semana da Fábrica da Queima).

⁸ Projecto de inclusão social focado na contribuição para gerar competências e conhecimentos que podem beneficiar os comportamentos sociais e processos de aprendizagem dos alunos em diversos domínios. Tem cerca de 800 alunos integrados nas actividades em 13 núcleos distintos, tendo como foco (alem da música) a o desenvolvimento social e a inclusão.

⁹ Projecto musical desenvolvido desde 2009 no Serviço Educativo da Casa da Música destinado à população sem-abrigo. Sob orientação de músicos profissionais, e com parcerias instituídas com diversas associações de cariz social da cidade do Porto, o envolvimento dos participantes é solicitado para todas as tarefas, desde a criação dos instrumentos à participação em concertos e eventos da Casa da Música.

para se abrir e, naquele dia, ela regressava ao conforto da almofada inundada de novos sonhos que começavam a fervilhar.

~ E se... ? ~

A semana estava ainda a começar, mas a roda-viva em que estava já fazia sentir o cansaço. Era terça-feira. Ela, como em todas as terças, estava envolvida numa outra história com cantorias líricas e encenações profissionais mais megalómanas. Porque a vida dela, como a de muitos produtores, era muito mais do que uma história só. Mas no final do dia esperava-a uma reunião que não sabia ainda decisiva. Esperava-a o momento em que, de alguma forma, deu vida a esta história¹⁰ (Pires, 2016).

Retome-se o momento em que o Tiago acolhera a proposta de envolvimento num Projecto dela. Retome-se esse momento inicial, que com ele muito mais trazia para discutir. Por entre agendas preenchidas, essa discussão foi-se adiando até àquele dia. E à noite, já tarde, nem o cansaço venceu o entusiasmo.

Envolvido no seu sorriso contagiante, o Tiago chegava à Napalm, onde se encontraram. O Jaime já lá estava, ainda atarefado, mas não tardou a juntar-se à conversa. Por entre partilhas informais, por entre um convívio próximo e acolhedor, por entre sorrisos trocados e expectativas honestas, tinham o contexto para que tudo surgisse (Dufourmantelle & Derrida, 2000; Serres, 1982). Em cima da mesa estava, como é habitual, a discussão do financiamento. E não tardou a surgir na voz melodiosa do Tiago a pergunta:

- E se não houver financiamento? Se for recusado? Fazemos na mesma?

Ela não hesitou a dizer que sim. Rapidamente todos os medos a assombraram, mas o compromisso estava já assumido. Não ia voltar atrás, não queria fazê-lo. E não o fez. Não deixava de ser curioso quando, ironicamente, ela percebe ao reflectir no assunto que até então a falta de financiamento tivesse sempre sido o seu motor de acção. Decidiram então arregaçar as mangas para um Projecto Piloto, uma “amostra” daquilo que tinham pensado antes. Decidiram experimentar, criar um espaço e um momento para falhar, decidiram seguir em frente, juntos. Havia sempre a opção de não fazer, mas decidiram optar por não a aceitar. E abriram as hostes do *Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]*.

Os instantes seguintes foram envolvidos pelo entusiasmo de dar vida através das palavras a uma ideia que começava a nascer. Ela queria que todos trabalhassem juntos para um objectivo comum. Ela queria que a experiência de exploração sensorial da cidade fosse a base de criação performativa. O Tiago sugeria que o Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota (FMAM) que dirigia acompanhasse à distância o processo criativo e

¹⁰ Sugere-se a leitura do Anexo 6 onde se pode ver a planificação da reunião (a título exemplificativo de outras planificações de reunião que vieram a surgir posteriormente).

pudesse ir criando ambiente sonoro para a apresentação (Parente, 2015). O Jaime sugeria que a dramaturgia fosse montada enquadrando músicas do Coro (Parente, 2015). De olhos postos noutras ideias prévias, fosse em voos pensados para a Turquia ou no *Sentido: Porto*, rapidamente se depararam com inúmeras definições do que este novo embrião “não era”. Sabiam agora que a equipa artística estava reduzida a três elementos (Pires, 2016). Sabiam agora que conciliariam Teatro e Música. Sabiam que continuava a fazer sentido ter por base a exploração sensorial e o que dela pudesse resultar para trabalho performativo. Sabiam quem eram as pessoas que tinham já para trabalhar e a que outras pessoas queriam chegar. Sabiam que queriam implementar o modelo oficial e proporcionar propostas desafiantes nos ensaios do Coro (Cadete, 2012). Sabiam que queriam um espaço oficial onde as pessoas pudessem, mais do que qualquer outra coisa, usufruir do processo de criação artística (Matarasso, 2007; Cadete, 2012). Sabiam que tinham que ter uma apresentação final, o “momento Kodak” que responsabilizasse e valorizasse o processo, o momento onde cada participante poderia desfrutar, à sua maneira, do protagonismo e mérito da exposição e apresentação da jornada a que se propunham (Prendas, 2015; Cruz, 2015). Sabiam que queriam uma criação colectiva orientada, por muito que o desafio fosse efectivamente sufocante, dado o curto tempo que tinham para trabalhar (Tiller, 2012-2014). E sabiam, mais do que tudo, que também eles queriam tirar proveito do trabalho que estavam a fazer. Sem hipocrisias, num egoísmo válido e assumido de usufruir dos momentos e experiências que se propunham a proporcionar às pessoas que a eles se quisessem juntar. E sabiam, naquele momento, que estaria para breve o frio no estômago e o aperto na respiração por todo o trabalho que os esperava para chegarem até lá.

E a ideia do **Geração 6.0** começa a resumir-se a cada vez mais consensos e menos palavras¹¹.

Foi num ambiente informal repleto de à-vontade, sorrisos e entusiasmos partilhados que tudo foi surgindo. Ela sabia, sem que os livros lhe tivessem ensinado, que esse ambiente

¹¹ *Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]* é um projecto artístico a desenvolver com a população sénior da cidade do Porto que pretende despertar os sentidos para a cidade, aportando numa (re)descoberta do espaço-cidade como matéria de criação performativa. As vivências despertadas pela exploração sensorial, aliadas às memórias de mais de 60 anos de vivências da cidade por parte dos participantes (público sénior, com idade igual ou superior a 60 anos), resultarão num encontro da identidade do espaço orientada para a performatização. Através da implementação de cinco oficinas artísticas nas áreas do Teatro (cada uma destinada à exploração de um dos cinco sentidos) será proporcionado aos participantes um espaço de exploração e criação performativa orientada.

Paralelamente, alia-se a componente musical através da colaboração do Coro Sénior da Fundação António da Mota que, durante os ensaios, encontrará estratégias para criar ambiente sonoro que complementemente musicalmente o material performativo.

O desafio passa pela montagem de uma apresentação pública final, agregadora dos processos criativos, apresentando o material de trabalho criado com os participantes do grupo de teatro e com o Coro Sénior.

lhes permitia uma criatividade e uma segurança que a faziam ir mais longe. Ali, naquele espaço seguro, era-lhes permitido “dizer que não”, era-lhes permitido discordar, era-lhes permitido oporem-se sem com isso ferir susceptibilidades e criar constrangimentos relacionais. Surpreendentemente era esse ambiente informal e o à-vontade em que todos se embrulhavam que levava o Projecto adiante. E os medos que a envolviam iam-se dissipando aos poucos.

Surpreendida pelas palavras encorajadoras do Tiago e do Jaime, ela percebia como era importante fazer-se rodear de pessoas que, mais do que pensar como ela, complementavam a sua forma de estar. Por entre uma inspiração profunda, ela soube ali, naquele instante, que haviam de chegar a bom porto (Dufourmantelle & Derrida, 2000; Serres, 1982).

As agendas abriam-se, passeavam-se com os dedos à moda das novas gerações. Procuravam-se espaços em branco que permitissem encaixar toda a imensidão de coisas para fazer. O compromisso formaliza-se, finalmente, depois de várias tentativas frustradas, na única data possível para todos. E o 15 de Junho ganha lugar partilhado naquelas agendas dispersas, assumindo um compromisso que ganhava agora um tom mais formal.

A conversa continuou, apesar dos olhares já cansados, mas não menos entusiasmados. Rapidamente foram chegando a consensos que, a todos pareciam satisfazer. Sabiam de antemão que trabalhariam para produzir e organizar o Projecto a que se propunham, inserido no contexto de Produção da Napalm. Sabiam que teriam pela frente o desenvolvimento de um programa de oficinas de criação teatral, com base na exploração sensorial da cidade. Sabiam que o Coro Sénior da FMAM seria responsável pela criação de ambiente sonoro para a apresentação do Projecto. Sabiam que, como desfecho, teriam uma apresentação final que permitisse aos participantes apresentar o resultado dos trabalhos. Sabiam, acima de tudo, que se propunham a um Projecto que lhes trazia uma enorme satisfação e onde todos se queriam debruçar rapidamente.

Perceberam que a equipa teria que ser mais reduzida do que imaginaram previamente, reduzindo-se aos três elementos, por falta de financiamento. Perceberam que as tarefas a que se tinham proposto iam ser acrescidas de inúmeras outras a cumprir¹², exigindo um esforço redobrado e menos estaque nas funções (Cruz, 2015c). Pensaram e repensaram em cada constrangimento, obstáculo e dificuldade que poderia surgir, nas capacidades e limitações, naquilo que cada um poderia executar, perante incapacidade dos restantes (Pires, 2016).

¹² Em anexo consta a distribuição geral de tarefas, com o respectivo responsável principal atribuído. Não obstante, a distribuição foi meramente indicativa para permitir uma melhor gestão inicial e responsabilização, tendo sofrido alterações permanentes ao longo do processo. De forma meramente indicativa, sugere-se a leitura do Anexo 7, com a ressalva de que as excepções são aqui a regra.

Facilmente perceberam que o *puzzle* se começava a encaixar e cada um deles trazia peças fundamentais para que a imagem final se construísse. E subitamente os três eram produtores ali, produtores estratégicos na concepção do **Geração 6.0** (GAVE, 2006). Os três pensavam em conjunto, em consonância, num organigrama funcional mas que, na prática, assumia uma horizontalidade imprevisível e gratificante (Pires, 2016). Num organigrama onde o último *sim* seria o dela, mas onde todos se envolviam nos processos decisivos e encontravam soluções conjuntas que lhes permitissem um trabalho fluido e satisfatório. E, para surpresa dela, tudo parecia possível.

As despedidas foram breves, numa noite já longa e tardia. Foram envolvidas por sorrisos nos rostos, ansiedades e preocupações empolgantes e um *até já* que transbordava a satisfação com aquilo a que tinham chegado. Ela foi para casa e o sono tardou a chegar por entre projecções que fervilhavam nos seus pensamentos. Envolvida nesse entusiasmo, o cansaço que sentia já se desvanecera. Ela sabia que a partir dali, daquele momento em que se despediam à porta, o *TicTac* regressivo dos relógios apressados tinha iniciado a contagem.

CAPITULO 3

Até ao arrumar dos cestos é vindima

~ *Ready, set GO!* ~

Nem todos os dias amanhecem solarengos, mas rapidamente ela percebe que não se pode deixar abraçar pelos factores externos para pôr mãos à obra. Num matrimónio de afazeres que se espera satisfatório, ela olha à sua volta e perde-se por entre inúmeras coisas já discutidas e decididas. É neste momento que percebe que, aliada à concepção da ideia, a pré-produção do *Geração 6.0* tinha já iniciado, por entre contactos trocados, sugestões de colaboradores, ferramentas de comunicação interna já definidas (Pires, 2016; GAVE, 2006)... E é nesse momento de clarividência, onde o final se encontra ainda distante e o entusiasmo inicial fervilha por cada poro, que se inicia “toda a actividade preparatória para a execução de um espectáculo, visando o planeamento do mesmo” (como definiria Pires, 2016, a etapa de pré-produção). E os dados estavam lançados.

Eram inúmeras as referências que lhe tomavam de assalto o pensamento naquele momento. Eram dispersas e confusas as palavras desorganizadas que a atordoavam para extrapolar o processo de pré-produção do Projecto. Mas foi nas palavras de Pires (2016) que encontrou algum conforto ao perceber que “muitas das tarefas são desenvolvidas em simultâneo e (...) a ordem de execução das mesmas depende muito da produção e da própria organização.” Ela, recheada de inseguranças, fez-se rodear de livros, artigos, papeis, perguntas, pesquisas.... E rapidamente percebeu que, independentemente de tudo o que a teoria a pudesse enriquecer (e enriqueceu, obviamente!), de nada lhe serviria se não iniciasse o processo de forma intuitiva, correndo o risco de errar e ter que começar de novo, em contra-relógio, mas consciente do caminho a seguir.

Aos poucos ia amontoando nos instrumentos de controlo listagens de tarefas. O cronograma geral da Produção¹³, em permanente actualização, ia-se construindo. As tabelas de verificação que habitavam os cadernos de que se fazia acompanhar iam crescendo de forma desorganizada numa listagem exaustiva de tarefas que via crescer a cada dia.

Passada quase uma semana envolvida pelo pânico da responsabilidade do compromisso que assumira com a restante equipa, tentando dar resposta a cada obstáculo que a cada instante que avançava lhe era colocado, foi na listagem de tarefas que percebeu que a maioria dos modelos de gestão e produção não se adequa àquilo que os livros chamam de Práticas Artísticas Comunitárias (PAC), em regime de trabalho oficinal de criação colectiva.

¹³ O Cronograma de Produção encontra-se disponível para consulta no Anexo 8. Serve de linha orientadora geral da execução do Projecto, dado que muitas das tarefas se executam em simultâneo e se poderá tornar confusa a narrativa segmentada das tarefas.

E reflecte, ansiosa, sobre palavras como as de Choen-Cruz (2005) que define as PAC como uma “resposta a um assunto ou circunstância colectivamente significativos. É uma colaboração entre um artista ou um grupo de artistas e uma comunidade na qual a última é a fonte principal do texto, possivelmente também dos actores, e definitivamente de grande parte do publico”. E percebe que aqui se explora uma Produção com moldes distintos daquelas que os livros lhe contavam, com especificidades muito particulares que sucessivamente lhe iam surgindo no decorrer do trabalho. E aqui, numa manhã de Inverno onde o sol espreitava por entre as nuvens, com a presença constante das palavras encorajadoras do Jaime e o entusiasmo contagiante do Tiago, ela decide abandonar os livros e deixar fluir o processo para que o ***Geração 6.0*** pudesse ser implementado.

~ Olhares nos lugares¹⁴ ~

Era urgente encontrar um espaço de apresentação. O compromisso da data estava já assumido, o dia 15 de Junho ganhara um peso diferente nas agendas partilhadas por ser a única data encontrada entre todos. Naquele momento em que disseram *Sim* à proposta, inúmeras foram as partilhas de ansiedades e receios. Naquele momento, nada fazia prever que o espaço viesse a ser um dos maiores constrangimentos. Assim foi.

Na agenda comum partilhada era chegada a hora de reunir nas clássicas monótonas bases de dados uma panóplia de espaços a contactar¹⁵ para viabilizar a apresentação de trabalhos, ainda por iniciar (Pires, 2016). Ela percebeu rapidamente a dificuldade do Jaime em definir um *rider técnico* quando não fazia ainda ideia do que ia ser posto em prática. Ela percebia todas as dificuldades em imaginar e prever as necessidades, ainda imprevisíveis, para que a pesquisa fosse iniciada e ela pudesse avançar. Ela percebeu que, ao contrário do que era habitual, tinha que procurar um espaço versátil que lhes permitisse direccionar o trabalho para lá ser apresentado, e não um espaço que correspondesse às necessidades técnicas e logísticas de um espectáculo já estruturado e planeado. Ela percebeu que todos os seus esquemas mentais, contrariando aquilo que os livros lhe ensinavam, tinham que se adaptar e reestruturar. E assim fez.

Os contactos começaram, entre espaços abertos e fechados, sabendo que esse pressuposto iria condicionar tudo o que iria ser feito.

Surpreendentemente, por entre inúmeros contactos, algumas foram as relações estabelecidas, mesmo com as portas que se fecharam. Subitamente ela percebe que estava a entreabrir uma série de pequenas janelas para outras oportunidades, que estava a dar a conhecer a Napalm, que estava a contagiar outras entidades com o seu envolvimento num Projecto que abraçava entusiasmada (ARTCENA, 2016). Rapidamente ela percebeu que cada reunião marcada para conhecer espaços inesperados lhe trouxeram pessoas acolhedoras e disponíveis para outras colaborações. Rapidamente ela percebeu que cada contacto, cada minuto de espera nos telefonemas, cada passeio que teve que dar para cada reunião lhe valeram não só pelas visitas a espaços da cidade que há muito não visitava já, como para descobrir uma série de segredos escondidos por trás das portas e que lhe abriam os horizontes para outras ideias que começavam a palpitar ansiosas por florir. E por entre esperas

¹⁴ Título inspirado no nome do filme-documentário francês “Visages Villages, de Agnès Varda (2017) que não pode deixar de ser referido como inspiração latente à concepção da ideia do Projecto.

¹⁵ Disponível para consulta no Anexo 9, ainda que com informação extremamente limitada por cumprimento de Regulamento Geral de Protecção de Dados (RGPD).

intermináveis em telefones que tocam sem resposta, perde-se em pensamentos que viajam na diversidade de projectos futuros que poderiam advir, na facilidade que teria em voltar a contactar algumas vozes acolhedoras que, contrariadas, negaram o acolhimento por indisponibilidade de data ou por falta de condições para integrar a quantidade de gente que ele abarcava em palco.

A predisposição para úlceras gástricas dela aumentava com o passar apressado do tempo. A confirmação do espaço de apresentação estava cada vez mais difícil. Por entre jogos de *ping pong* de emails e chamadas, envolvidas em burocracias municipais em que subitamente percebe que quase todos os espaços abertos são geridos por entidades camarárias e que dos Jardins passam para Monumentos e dos Monumentos passam para Património e do Património regressam aos Jardins.... Envolvida num labirinto de desresponsabilização que a impedia de apresentar a proposta devidamente, começavam a ser cada vez menos as hipóteses que lhe restavam.

Os sucessivos contactos sem sucesso multiplicavam-se numa ansiedade crescente que lhe proporcionavam intermináveis insónias. Por trás da urgência em chegar a um acordo, deparava-se com espaços que lhe propunham valores exorbitantes, com espaços que não reuniam as condições que procurava pelo número de participantes envolvidos, com indisponibilidades da data proposta. E deparava-se com tantas outras respostas por chegar, num silêncio ensurdecedor.

E foi num dia de sol abrasador que a chamada chegou, com uma voz sorridente do outro lado, a confirmar o interesse no acolhimento da apresentação.¹⁶ E foi deste inesperado interesse por parte da Metro do Porto que as surpresas foram surgindo. Perante nada, ou quase nada, que recebiam ter para lhes oferecer. Ela de nada, ou quase nada, precisava. O básico

¹⁶ Envolvida num formigueiro nos pés que a assaltou, não resistiu a perder-se numa curta viagem apressada da Napalm para o Jardim da Cobertura da Estação de Metro da Trindade para se deliciar com a vista que o espaço lhe dava, com as cores verdes vivas, com as vozes distantes que se ouviam e o movimento citadino escondido por trás de muros pouco acolhedores. Não resistiu a perder-se no envolvimento das movimentações distraídas que pelo espaço passavam, maioritariamente pouco apressadas mas envolvidas em pensamentos que não lhes desviavam o olhar do caminho que levavam. Não resistiu a sentir o chão debaixo dos pés, o chão que iria acolher outros pés que com ela caminhavam já, e tantos outros que viriam a caminhar para aquela paragem final. E ali, envolvida pelas paisagens contrastantes de uma cidade que sentia ainda sua, rapidamente percebera que aquele espaço privado de acesso público lhe tinha poupado aos tradicionais jogos da “mamã dá licença” repletos de autorizações burocráticas que aos poucos vão matando as raras árvores que se fazem ver pela cidade. E sem se deixar envolver na ingenuidade optimista, listava os novos constrangimentos que poderiam surgir. O vento, o som, o ruído. O S. Pedro que podia vir a não ajudar. Ela via os cães a passear deixando fósseis aromáticos de refeições passadas. Via a diversidade de caras, roupas e posturas. Via a falta de controlo do espaço e dificuldades imensas na montagem do que quer que viesse a ser, desde material de som à eventual cenografia que se previa que dificilmente iria existir. Via a falta de sombras e a exposição solar, a falta de água por perto e pensava como iria tornar confortável um espaço de permanência jovem para pessoas com uma idade biológica bem mais avançada. E ela percebia que cada pensamento, cada decisão já tomada, teria que ser repensada, reestruturada e reformulada.

estava ali: um ponto de luz, limpeza prévia do espaço e vontade de receber. E assim viria a ser. Rapidamente ela se apercebeu que, mais do que um espaço de acolhimento, tinha uma entidade que se envolvia com o **Geração 6.0** e que ficava grata por o levarem lá. Àquele espaço privado, de acesso público, onde raramente algo acontece. Àquele amplo espaço relvado, de passagens apressadas, onde alguns pequenos grupos de jovens se encontram para almoçar ou onde raros casais se deleitam no sol abrasador em dias quentes. Ela percebeu que havia disponibilidade para divulgação, para dar visibilidade e para os receberem da melhor forma que podiam, envolvidos em sorrisos e braços abertos perante a possibilidade de que, naquele momento que queriam proporcionar, a vida daquele espaço se alterasse.

~O que podemos fazer com o que temos¹⁷ ~

As semanas cediam ao incontornável passar precipitado do tempo, recheadas de substanciais aventuras e desventuras. Eram repletas de adversidades, contratempos e alívios precipitados. Eram preenchidas e atarefadas por entre pequenas narrativas onde, em cada uma delas, fica uma nova história para contar. E ao sabor do *TicTac* regressivo que se fazia sentir, ela via latejar as suas características pessoais. Ela tinha um defeito. Um defeito assumido e com o qual dificilmente conseguia lidar. Um defeito que na vida profissional interferia permanentemente. Ela tinha um defeito incomum. Ela odiava dinheiro. Sim, ela odiava dinheiro. Ela arrepiava-se de cada vez que tinha que pedir financiamentos. Ela encolhia-se de cada vez que tinha que se fazer pagar por um trabalho que fazia. Ela dizia que não tinha nascido para ser rica.

Ao mesmo tempo, ela trabalhava com a gestão económica da companhia. Ela, aos poucos, tinha já conseguido equilibrar as contas e trazer algum conforto a uma Associação sem fins lucrativos que, quando a viu chegar, estava na dúvida se sobrevivia. Ela arriscava cautelosamente, de forma consciente e reflectida. Mas ali, naquele Projecto, pela primeira vez ela não hesitou. Ela sabia que tinha que o levar avante e que conseguia fazê-lo. Assim que o compromisso foi assumido, todas as suas sinapses confluíram para cada tabela de Excel, fazendo-a ver rapidamente que o *cash-flow* de que dispunha tornava o **Geração 6.0** exequível¹⁸.

Ao contrário dos projectos habituais, com um orçamento definido, um planeamento estruturado de despesas, aqui a estrutura foi inversa (ARTCENA, 2016; GAVE, 2006; Pires, 2016). Ela sabia qual o tecto máximo de despesa que podia dispor. Ela sabia qual o seu limite e até onde os voos a podiam levar. Ela sabia que, a partir dali, não podia ir. Ela sabia que, tudo o que superasse esse limite, teria que vir de outros recursos que não os da Companhia. Ela sabia que tinha que recorrer a outras ajudas, formalmente chamadas de apoios, patrocínios, financiamentos (Pires, 2016)... E assim foi. E todos aprenderam a separar o indispensável do supérfluo, todos aprenderam a orientar o pensamento para as soluções às adversidades, encontrando estratégias eficazes para colmatar cada peça que faltava para preencher o *puzzle*.

¹⁷ (Namur, 2018).

¹⁸ No Anexo 10 disponibiliza-se a Gestão Orçamental. Recomenda-se a leitura do anexo apenas aos mais ansiosos que não possam aguardar pelo momento posterior em que é referido, considerando que são aqui expostos os valores referentes ao orçamento previsional e ao orçamento real do Projecto.

Se tudo foi como idealizaram? Não, claro que não. Mas curiosamente não foi também por falta de recursos financeiros. E ela sabia que, mesmo que não tivesse disposto de qualquer investimento por parte da Companhia, com mais esforço, tudo se teria feito da mesma forma. Aos poucos tudo se foi compondo, à medida que as pessoas iam surgindo, com elas vinham também mais recursos materiais, imateriais e inimagináveis no momento em que pensavam o ***Geração 6.0.***

A esta altura, com um frio no estômago, com um nó na garganta e um aperto no peito, ela não imaginava ainda que este Projecto lhe viria a mostrar que, ao contrário do que muitos lhe diziam, o financiamento (ou falta dele!) está longe de ser o maior constrangimento para a prossecução de um Projecto. E ela, que ainda assim continuava a não gostar de dinheiro, deixou de o odiar porque percebeu que ele perdera impacto naquilo que a faz abandonar os lençóis a cada manhã.

~ Está alguém aí? ~

Em tempos idos, eles tinham já decidido quem viriam a ser os participantes do Projecto. Em ideias prévias, com cada motivo que encontraram válido ancorado nas necessidades sociais (preconceituosas, talvez) e nos interesses pessoais de cada um, eles tinham já balizado quem poderia integrar o **Geração 6.0**, fazendo-lhe jus ao nome¹⁹. Não esqueciam igualmente os interesses capitalistas operacionais, que os faziam ver que é nos idosos que o futuro habita, considerando que há uma tendência evidente para o envelhecimento da população.

Eles estavam já disponíveis. Eles, aos poucos, iam concebendo o Projecto. Eles discutiam-no e tentavam reunir esforços para que corresse da melhor forma. Muitas tinham sido já as adversidades que tinham surgido: desde agendas que se complicavam, a mudanças estruturais que condicionavam os planos. Mas nada os demovia. Eles sabiam para onde queriam caminhar, e continuavam, incansáveis na jornada a que se tinham proposto.

O plano aqui era simples: apresentar a **Geração 6.0**²⁰ de forma a que as pessoas que correspondessem aos critérios se juntassem a eles na caminhada. Fá-lo-iam nos meios de comunicação habituais da Companhia, juntando um plano estratégico de contactos infindáveis a entidades que pudessem espalhar a palavra e chegar à população-alvo do Projecto.

A agenda alertava que faltavam dois dias para abrir as inscrições para o **Geração 6.0**. E aí ela percebe que, àquele momento, não sabia sequer como explicá-lo às pessoas.

- Ah, juntem-se a nós para fazer umas coisas por aí! - dizia em tom de brincadeira, preocupada, em desabafos com o Jaime. - Como é que eu consigo mostrar às pessoas que isto vale a pena sem falar com elas? Como é que eu consigo chegar até elas? Como é que eu as posso fazer ver que não vão perder tempo, que isto é mais para elas do que para nós?

Não havia uma resposta. Os contactos previstos eram institucionais. Ela tinha decidido contactar uma imensa lista de entidades²¹ que trabalhavam directamente com a população sénior, que tinham um contacto directo com as pessoas a quem eles queriam chegar. Ela tinha decidido fazer ver às instituições que o Projecto era uma vantagem para as pessoas. Mas tinha-lhe escapado que, para apresentar o Projecto às instituições, elas tinham que perceber que era uma vantagem para a Organização, mais do que para as pessoas com quem trabalhavam. Ela defendia e justificava o Projecto, mas tinha-lhe escapado que, no contacto

¹⁹ Estas ideias estão exploradas no Anexo 5, nos estudos de viabilidade, onde é pensada a viabilidade social do Projecto.

²⁰ Sugere-se aqui a leitura do Anexo 10, onde consta a proposta enviada às entidades contactadas

²¹ Lembra-se que a base de dados se encontra no Anexo 9 para consulta

com as instituições, ela não conseguiria chegar às pessoas. E, talvez já tarde demais, ela percebeu que deveria ter adoptado uma outra estratégia. Devia, nos dias menos chuvosos que sorriram por entre as nuvens, ter saído à rua, ter procurado pessoas, ter falado directamente com elas. Devia ter ouvido os *nãos* pessoalmente e tê-los contraposto. Devia ter sido rejeitada directamente para poder reformular, reestruturar e adaptar a abordagem àquilo que, na verdade, as pessoas procuram. E naquele momento ela percebe que não ia já a tempo de o fazer, mas guardou na gaveta das memórias essa aprendizagem para oportunidades futuras.

Durante dois dias, o telefone e o email foram os melhores amigos dela e do Jaime. Durante dois dias que passaram cansativamente sentados numa secretária claustrofóbica perderam a conta às propostas enviadas, às vozes jovens do outro lado do telefone, receptivas, mas pouco optimistas. Perderam a conta às permanentes mudanças de cor na folha de Excel que partilhavam graças às novas tecnologias que, com eles ali, frente a frente, não precisavam quase de falar para comunicar. E os dias seguintes tornaram-se ansiosamente longos pela espera de retorno.

Rapidamente perceberam que a comunicação não fluía, esbarrava ao mais pequeno degrau como se de uma gigantesca muralha incontornável se tratasse. E é na despreocupação proactiva e invejável do Jaime que ela encontra conforto para que diagnósticos clínicos precoces não começassem a ser-lhe atribuídos.

Não desistindo, os participantes acabavam por surgir num Protocolo estabelecido. Foi na Rutis²² que encontraram o acolhimento que precisavam. Ela, envolvida nas suas inúmeras tarefas que se precipitavam urgentemente, não conseguia parar para perceber porque é que aquelas pessoas abraçavam a proposta, não conseguia parar para perceber porque tinham chegado àquelas pessoas e não a outras. Não conseguia entender o que aquelas pessoas teriam de diferente, ou o que teriam feito de diferente para conseguirem chegar até elas. E talvez aqui morasse a resposta a tantas questões que a assombram no dia-a-dia atribulado que leva.

À parceria com a Rutis seguiu-se a parceria com a Atmosfera M. Por questões logísticas, tornava-se mais simples para o grupo se não tivesse que se deslocar, sendo eles a deslocalizar as oficinas para um espaço desconhecido. A aceitação foi imediata, assombrada pelo medo de não conseguir levar avante a colaboração; perante a garantia de que todas as condições para a boa execução do plano eram asseguradas, mesmo que, novamente, todo o plano tivesse que se alterar.

²² Associação Rede de Universidades da Terceira Idade, mais conhecida por Rede de Universidades Sénior, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social e de Utilidade Pública de apoio à comunidade e aos senior, de âmbito nacional e internacional, com sede em Almeirim e com um polo no Porto (Academia RUTIS Porto).

Uma vez mais, ela percebe que o Projecto teria que se adaptar, estariam a trabalhar com um grupo maioritariamente conhecido, ao qual se juntariam algumas pessoas que, através da Napalm, tinham mostrado interesse em fazê-lo²³. O plano das sessões, as estratégias de intervenção, tudo o que paralelamente vinha a ser construído progressivamente... uma vez mais ela olha à sua volta, por entre papeis riscados, amassados e gastos, percebe que muito mais haveria a alterar (Namur, 2018a; Namur 2018b;). E ela percebe aqui que tudo o que planeavam fazer era genuinamente para as pessoas. Ela percebe que cada reestruturação se torna fundamental não pela boa execução do Projecto, mas pela satisfação que cada um deles queria ver reflectida nos seus olhos no final (Cruz, 2015). Ela reflectia, a cada instante, sobre o sucedido. Ela escrevia, riscava, rescrevia num comportamento quase compulsivo. Tudo, na precipitação do decorrer do processo, condicionava o plano inicial e obrigava à formulação permanente de planos alternativos. Desde um espaço desconhecido, às condicionantes de agenda que levam a excluir a presença pontual do Tiago²⁴. Tudo continuava a ser pensado de forma exaustiva, reajustando tudo o que implicava. A cada passo, a cada adversidade, vai surgindo um novo *porquê*, para que se pensasse novamente num novo *como* (Namur, 2011; Namur 2018a).

²³ O grupo iniciava com um total de 19 participantes, aos quais se vieram posteriormente a juntar mais três. Pertenciam maioritariamente à classe média-alta, na maioria com escolaridade superior, com idades compreendidas entre os 60 e os 76 anos. Apenas três dos participantes se encontravam profissionalmente activos, entre os quais um estava de baixa prolongada e outro em licença sem vencimento. Profissionalmente destacavam-se as profissões ligadas à banca e ao ensino. Dois dos participantes, apesar de se terem inscrito, não chegaram a comparecer nas oficinas. Apenas 6 dos participantes estiveram presentes em todos os momentos do processo (oficinas, ensaios e apresentação) tendo sido dada a liberdade de participação àqueles que não viriam a poder estar presentes na apresentação final.

²⁴ No Anexo 12 disponibiliza-se a planificação das actividades para consulta

~ Megafone ~

Os dias eram incontornavelmente curtos para as várias frentes de tarefas que sucediam. Mergulhada entre contactos com entidades que lhe abrissem as portas dos espaços, entidades que lhe permitissem chegar às pessoas, por entre emails e telefonemas, numa agenda apertada para o planeamento das oficinas e da execução dos trabalhos... Saltitando entre afazeres díspares, gritava cada vez mais alto o início tardio do Projecto nas agendas atribuladas. E por entre prioridades que se iam restabelecendo progressivamente, ela sabia que, para que a sua estratégia funcionasse, para que a Companhia pudesse ter o retorno a que se propunha, teria que apostar na divulgação do projecto. Ela sabia que o retorno que teriam de todo aquele trabalho e tempo despendido, além da satisfação pessoal, era mostrarem-se à cidade que habitam, às pessoas que os rodeiam.

Por entre exaustivas folhas entediadas do Excel, ela aglomerava contactos por onde a divulgação estava a fluir. Ela sabia que a divulgação, de forma discreta, se fazia já entrever por entre propostas de parceria. Não foram raras as entidades que ela contactou, prevendo resposta negativa, apenas para entreabrir portas que gostaria de ver abertas no futuro. Uma estratégia que lhe permitia, posteriormente, contactar essas mesmas pessoas e contar-lhes como iria ser, convidá-las a estarem presentes, a participarem. Uma estratégia que, de certa forma, adoptou de forma quase inconsciente e pouco calculista, mas que lhe traria um retorno palpável que não imaginava ainda (Pires, 2016).

Aos poucos ia-se reunindo uma panóplia de contactos a convidar²⁵. Iam-se reunindo os amigos, colegas, alunos e colaboradores da Companhia.... Iam-se reunindo pessoas a quem se ia falando do assunto e que mostravam entusiasmo e identificação com a ideia. Não esquecendo que o *passar a palavra* encerra em si uma das estratégias de comunicação mais eficazes (Abreu, 2006). Para que quando a agenda gritasse, tudo estivesse pronto para seguir caminho.

Ela sabia necessária a elaboração de um cartaz²⁶. Não para a impressão clássica para a posteridade, mas para a inclusão de uma imagem apelativa nas modernas redes sociais, newsletter e emails. Sabia necessária a concepção gráfica de algo que hoje apenas capta a atenção através dos multimédia. Sabia-o essencial, mas não sabia ainda como iria pôr em prática essa concretização. Mas decidira, àquela altura, ainda não se preocupar.

²⁵ No Anexo 13 disponibiliza-se a base de dados onde se elencaram os contactos para envio de divulgação e convites para a Apresentação Final.

²⁶ Por esta altura já se apostava na divulgação. O cartaz estava a dias de ser terminado, mas disponibiliza-se no Anexo 14 atempadamente para consulta.

Ela dedicava tempos infinitos a perceber, dentro do plano de comunicação da companhia²⁷, onde podia encaixar a comunicação relativa ao projecto. Convergia o pensamento para perceber como poderia dar destaque ao **Geração 6.0** sem deixar que os restantes projectos que em simultâneo decorriam perdessem a visibilidade²⁸. Pensava e reflectia como conseguiria chegar a um publico distinto ao qual não chegava habitualmente.

Com a Metro do Porto ela conseguiu uma brecha de divulgação na MetroTv, pensando na estratégia mais eficaz para que os 30 segundos de vídeo que lhe eram destinados, pudessem ser eficazes na comunicação que passavam. Estruturava os guiões dos dois vídeos²⁹ que decidira fazer para a divulgação³⁰. Estipulou as datas mais eficazes para que as centenas de pessoas que diariamente circulam distraídas pelas estações, pudessem, numa eventual casualidade, cruzar-se com a informação do que estava a acontecer, da Companhia, da ideia.

As folhas de Excel cresceram também com contactos da comunicação social, para quem ela redigia uma *Press Release*³¹, mesmo sabendo do insucesso recorrente da estratégia.

Mais tarde, os contactos viriam a ser feitos para que o **Geração 6.0** se desse a conhecer, e por entre vozes simpáticas ao telefone, o retorno foi-se esperando³². Ela sabia-o improvável, mas sabia também que a cada telefonema o nome da Companhia e do Coro eram repetidos à exaustão, para que de alguma forma os contactos não fossem infortuitos. Porque a esta altura, ela sabia já que, mesmo não tendo o retorno a que se propunha, muitos mais frutos havia a colher. E era para eles que, por entre horizontes enevoados, ela olhava também.

²⁷ A título de curiosidade, no Anexo 15 disponibiliza-se o Plano de Comunicação da Napalm, onde se insere o plano de comunicação prevista do **Geração 6.0** nas redes sociais e newsletter nos meses altos do Projecto (Maio e Junho)

²⁸ Podem ser encontradas as publicações efectuadas na página de facebook da Napalm em <https://www.facebook.com/napalmteatrodanca/> assim como no Instagram (@napalmteatrodanca)

²⁹ Vídeos promocionais disponibilizados em Anexo de suporte digital

³⁰ Guiões disponíveis para consulta no Anexo 16

³¹ Disponibilizada, no Anexo 17, a *Press release* enviada para consulta

³² A título exemplificativo, disponibiliza-se no Anexo 18 notícia do Jornal de Notícias do dia 11 de junho de 2019 acerca do Projecto. Paralelamente houve também contactos por parte de Rádios nacionais interessadas em reportar o Projecto, o que nem sempre se tornou viável pelos *timings* dos contactos. Por não terem sido gravadas nem disponibilizadas *online*, não serão anexadas essas entrevistas, que serviram à divulgação da Apresentação Final, considerando o momento em que se proporcionaram.

~ Engrenagem ~

A par da divulgaçãourgia a necessidade de planear e estruturar as oficinas. Ela tinha já uma imensa diversidade de ideias que teria dificuldade em aglutinar em momentos tão fugazes. Aos poucos, por entre discussões produtivas com o Jaime, o plano das oficinas ia surgindo. As sessões iam-se delineando, com desafios inusitados, por entre expectativas pouco fundamentadas e intenções que sabiam que dificilmente se viriam a confirmar. As fontes de inspiração eram diversas (Oddey, 1994, Boal, 1980; Bogart & Landau, 2005; Brandes & Phillips1997), não lhes retirando o interesse na pesquisa de outros desafios mais espontâneos e originais.

Sabiam que as linhas orientadoras seguiriam uma metodologia das PAC (Matarasso, 2007). Esta decisão, quase imposta por ela mas bem acolhida pelo Jaime, assentava na crença de que Bezelga (2015:223) teria a sua razão quando referia que “Actualmente, o teatro é um poderoso instrumento de mobilização social (integração e inclusão social e educacional) de vastos sectores da população. O desenvolvimento de diversas abordagens teatrais nas suas dimensões educacionais, artísticas, sociais e culturais conheceram nas últimas décadas um profundo desenvolvimento tendo em vista dois pressupostos básicos: a perspectiva da construção do conhecimento e de *empowerment* de indivíduos, grupos e comunidades”. E de alguma forma estas palavras resumiam parte das intenções dela no trabalho que estavam a preparar, propondo uma forma de criação onde os participantes fossem capacitados através do próprio processo em que se envolviam, com o propósito de culminar num objecto artístico a apresentar no final (Even, 2001). Sem esquecer o reverso da moeda, vendo o empoderamento também no sentido inverso. Considerando que, da mesma forma, ela acreditava envolver-se num processo empoderador também para ela, para eles. Numa partilha de capacidades individuais em espaço de criação comum, onde o paternalismo do empoderamento dos participantes é visto em ambos os sentidos, numa comunhão de crescimento partilhado também pelos que proporcionam a experiência.

Ela, envolvida na segurança que os livros lhe davam, rodeava-se de palavras sobre o Modelo de Intervenção Teatral para a Transformação Pessoal e Social (Cadete, 2013), acreditando que encontraria ali as estratégias de que precisava. Num modelo que, partindo de uma orientação dirigida, assenta na conseqüente expressão livre, confiança, exploração sensorial, expressão corporal, improvisações e dramatizações como estrutura base das tarefas propostas para cada sessão, ela revia a base daquilo que procurava. De igual modo, também a

temática encontrada de forma comum através da exploração e organização livre seria a base do trabalho físico de movimento corporal individual e grupal (Cadete, 2013). A estas propostas ela acrescentava a pesquisa sensorial, como base de trabalho, trazendo ao grupo um alicerce de memória comum que pudesse unificar a linguagem do grupo.

Ela sabia, nos seus receios e apreensões, que a estratégia adoptada era questionável, trazia consigo modelos frágeis com inúmeros dedos críticos apontados por entre palavras experientes que lia. Corria o risco do paternalismo exacerbado, corria o risco da política do *coitadinho* com que de forma alguma se identificava. Incorria no risco de condicionar o trabalho “livre” com as propostas iniciais, de forma quase inconsciente, porque ali ela não deixava de ser pessoa (com toda a bagagem de experiências e memórias que trazia consigo). Sabia correr o risco (já implementado de forma evidente pela escolha da idade) de exclusão, mesmo pretendendo implementar um trabalho inclusivo. Pela sua forma de ser, sabia correr o risco de um envolvimento excessivo, criando no grupo expectativas que poderia vir a defraudar. Sabia correr o risco de defraudar também as suas próprias expectativas ao receber do grupo aquilo que tivessem para lhe dar. Mas ela sabia ainda que eram riscos que, conscientemente, queria correr. Ela sabia que, para a prossecução dos objectivos a que se propunham, aquele modelo se poderia enquadrar, mesmo com as fragilidades de que se fazia acompanhar.

Os planos das sessões não tardaram a ganhar forma no papel³³, fazendo-se acompanhar de uma infindável listagem de necessidades que foi anexando às tarefas a cumprir, preocupada com que nada falhasse para que as pessoas que muito brevemente iriam partilhar com eles aqueles momentos dispusessem das condições necessárias para a sua participação e envolvimento (Cruz, 2015). O plano foi apresentado ao Tiago, para que o conhecesse também, e o pudesse acompanhar. As ideias foram discutidas, novas estratégias propostas e, uma vez mais, inúmeros *porquês* vão surgindo para que muitos *comos* se reflectissem em papeis dispersos.

Eles tinham já tudo preparado e planeado. Ela assegurava que não faltava o material, as ideias, as expectativas e as cartas na manga. Ela fazia-se munir de ansiedades, qual criança pequena que prepara a mochila para o primeiro dia de aulas. Ela via e revia os apontamentos, confirmava a *checklist*, pensava e repensava em alternativas caso os planos não fossem exequíveis... E quando a véspera chegou, ela adormecia, envolvida no entusiasmo que a

³³ No Anexo 19, da forma mais *spoiler* possível, expõe-se os planos das sessões. Como os planos servem para serem alterados, pode ser consultado sem riscos de desvendar o final. Para os mais aventureiros, pode jogar-se ao “Descubra as Diferenças”, confrontando os planos de sessão com os registos das oficinas (disponibilizados em suporte audiovisual) e com o Anexo 20 Narrativas das Oficinas.

acompanharia no despertar cedo de um dia quente de verão onde tudo iria, efectivamente, começar.

~ *Game on* ~

O dia 13 de Maio aparecia iluminado por entre o ponteados de uma persiana entreaberta, qual visão do caloroso dia que se avizinhava. Ela sabia que se seguiriam dias exaustivos por entre reuniões de equipa, supervisão e execução do trabalho criativo, supervisão de ensaios, execução das acções de divulgação, montagens, gestão de pessoas... inúmeras palavras caras que os livros lhe recordavam a cada dia e, por fim, a apresentação final para onde os relógios caminhavam apressados (Pires, 2016; GAVE, 2006; ARTCENA, 2016).

Naquela manhã o percurso era já diferente, o plano cumpria-se seguindo caminhos distintos do habitual. Naquele dia a equipa ainda reduzida iria estender-se às expectativas de 17 pessoas que se prontificaram a fazer parte do *Geração 6.0*.

E assim aconteceu. Naquela sala nova, numa cumplicidade que lhes era familiar, ambos lideram a primeira oficina³⁴. Ela e o Jaime, por entre um humor descontraído, veem voar o tempo veloz, deixando no final a promessa satisfeita de regresso na semana que se seguia.

O dia fez-se continuar sem que o tema de conversa se alterasse por muitos instantes. Naquele dia, perante inúmeras reflexões e partilhas entre ela e o Jaime, facilmente acordavam ajustes ao plano das oficinas seguintes, tentando assim melhor dar resposta àquilo que foram descobrindo no grupo. Por entre pessoas jovens e instruídas, com capacidades físicas quase intactas, sabiam agora que podiam explorar mais limites do que imaginaram previamente. Descalçar o grupo não era um problema, pô-los a mexer ainda menos, despidos de preconceitos, repensavam as estratégias.

O material de trabalho, conforme esperavam, ia surgindo. Olhando para um mapa onde as memórias daquele dia encaixavam e que lhes permitia dar continuidade a um trabalho já iniciado, um conjunto de espaços comuns reflectiam muitas das histórias contadas³⁵. Ainda que pouco fugissem às banalidades turísticas, a um roteiro digno de uma visita guiada, aqueles espaços associavam-se a memórias íntimas e pessoais que com ela tinham partilhado.

³⁴ Para complementar o texto recomenda-se a leitura do Anexo 20 - Narrativas oficinas onde o processo é descrito detalhadamente. Lembra-se que, em trabalhos com a comunidade, não raramente o processo tem maior valor e impacto do que o resultado final, ressaltando-se a importância da leitura deste anexo para que o processo seja compreendido. Por não se tratar do foco primordial do presente trabalho, opta-se por deixar essa descrição em anexo para uma leitura paralela, não querendo de todo desvalorizar a sua importância no Projecto.

³⁵ Disponível para consulta em Anexo Audiovisual - Registos de Oficina 1.

Ela pôs o Tiago a par das novidades, falou-lhe resumidamente da forma como a concretização tinha superado as expectativas. Por entre um entusiasmo contagiante, num medo que se mantinha, mas parecia já não se sobrepor, ela partilhava o rumo que começavam a esboçar. E sabia que, a partir dali, estavam prontos para continuar a caminhada.

A semana não tardou a passar. A implementação progressiva do plano de comunicação começava já a pôr-se em prática, desde as publicações nas redes sociais que permitiam um acompanhamento progressivo do Projecto, aos contactos com a imprensa que começavam a ser estruturados. Aos poucos, as preocupações que ela antes tinha iam-se desvanecendo, num amontoado de acontecimentos que preenchiam a vida de sincronicidades felizes. À equipa artística começavam a juntar-se novas pessoas espontaneamente dispostas a colaborar³⁶, colmatando lacunas que, por falta de orçamento, ela tinha dificuldade em preencher.

Numa manhã agitada, as três horas de oficina pareceram estranhamente curtas, voando com o vento forte que se fazia sentir³⁷. Tudo começava ali a surgir. Os corpos, as relações, as partilhas, as memórias. Por entre caras já familiares e outras ainda desconhecidas, progressivamente ela e o Jaime tentavam ir mais além do superficial. As memórias começavam a ganhar forma, uma forma turística e reconhecível, dentro dos padrões do expectável, mas que eles não esperavam. E quando estavam prontos para começar, chega ao fim.

As memórias desses momentos passados na oficina, ao contrário do tempo, permanecem inócuas e trazem-se à discussão envolvidos em palavras reflexivas sobre o que ali, naqueles instantes se tinha passado. Paralelamente, por entre muitas palavras trocadas, ela percebia que o trabalho com o Coro não se processaria conforme previam. O Tiago, incomodado, tentava conciliar agendas e gerir pessoas, mas outras tarefas sobrepunham-se, comandadas por interesses superiores, e perante as quais a impotência só lhes permitia gerir de forma pragmática, recorrendo a planos alternativos.

³⁶ Era o Caso da Rita que, numa tarde solarenga, provocada pelo Jaime, se disponibilizara a fazer o design gráfico do Projecto. A Rita conhecia já bem o 6.0, onde o pai dela participava também. A Rita conhecia cada palavra entusiasmada dita por ela e pelo Jaime em contexto informal de partilha, sentia já o envolvimento ainda antes de se envolver. E, rapidamente, já contagiada pelas palavras e pelos conceitos, fez nascer uma ideia gráfica que facilmente se enquadrava no que todos tinham pensado. Facilmente leu os pensamentos deles, e concretizou-os em traços desenhados que espelhavam os pontos fulcrais do que estavam a fazer. O cartaz nascia, o design gráfico montava-se, e ela percebia que mais uma pessoa se sentia feliz por pertencer a um Projecto onde todos podiam encontrar o seu espaço de colaboração, onde se podem incluir, onde podiam pertencer.

³⁷ Importa aqui a leitura do complemento da narrativa da Oficina 2, no Anexo 20

Por entre uma reunião tranquila, no horário de um ensaio do Coro cancelado, o Tiago partilhava com ela e com o Jaime cada receio e dificuldade. Sabia difícil dispor de tempo no Coro para o trabalho previsto. Sabia difícil, ou quase impossível, pôr em prática o plano inicial. E ela sabia que os braços não se baixavam.

Numa conversa agradável a que formalmente chamariam reunião técnica, ela vê nas palavras do Tiago uma solução exequível. A proposta era pouco arriscada e nada inclusiva, mas trazia com ela a segurança de tornar possível a continuidade do plano. Depois de muitas ideias que a ninguém agradaram, o Tiago propõe que o ambiente sonoro que o Coro iria integrar fosse substituído por gravações de ambiente sonoro da cidade, trazendo à apresentação músicas do repertório habitual que não lhes tomasse tempo de ensaio de que não dispunham. A solução era viável e, numa rápida gestão de expectativas e frustrações, todos acabam por concordar ser a melhor.

Decisões tomadas, rapidamente foram definidos os recursos materiais necessários, pensados e testados os recursos de que dispunham, encontradas estratégias para encontrar os recursos em falta. Foi delineado o *rider* técnico, foram pensadas dificuldades e procuradas formas de as colmatar. Foi repensada a dramaturgia, para solucionar a limitada colaboração do coro, foi definido o alinhamento das músicas, foram combinadas novas formas de actuar. E, numa surpreendente disponibilidade que ela não imaginava, o Tiago dispunha-se a recolher sons, a editá-los, a colmatar cada falha de um trabalho que tinha sido pensado de forma conjunta e que, àquele momento, se percebia inviável. E ela, ali, rodeada de olhos brilhantes e sorrisos entusiasmados, sabia que para cada problema que surgisse, eles, juntos, iriam encontrar solução. Estranhamente, não chegou a ficar desiludida por não ter a correspondência esperada para a execução do plano. Estranhamente, entusiasmava-se mais ainda com a estruturação de novas ideias, de se encontrarem novas soluções. Mesmo não indo de encontro ao que pretendiam inicialmente, mas trazendo consigo uma adaptação sistémica aos constrangimentos inesperados que sabia que iriam sempre surgir (Namur, 2011). Ela, ao invés de se deixar enfraquecer com as adversidades, sentia-se a crescer com a capacidade que via ali de superar cada dificuldade com que se deparavam.

A conversa produtiva, apesar de longa, não tardou a terminar. Também ali o tempo fluía de uma forma apressada, não dando pela correria desenfreada que seguia. Cada um seguia o caminho das suas tarefas e outras histórias a viver, mas as palavras trocadas eram permanentes e esclarecedoras.

As três semanas que se seguiram foram recheadas de partilhas de preocupações e ansiedades³⁸. O fim precipitava-se a olhos vistos, olhos cada vez mais postos no horizonte de dia 15 que se aproximava e ainda tanto havia por desbravar.

Ela, deliciada, envolvia-se na experiência do trabalho com o grupo de participantes, com cada particularidade que daí vinha. Encantava-se com cada obstáculo inesperado, cada conflito promissor³⁹ e com cada agradecimento encorajador. Ela, como uma criança feliz que brinca na rua, deixava os pensamentos saltitar por entre inúmeras palavras sábias com que se cruzara e que podia, agora, ver reflectidas naquilo que fazia acontecer. Naqueles espaços era tudo de todos. Nada era escondido, todos habitavam em pé de igualdade. As pessoas eram tratadas como sendo capazes, sem sentimentos paternalistas de ensinar o menos capaz, o menos qualificado. Sem estatutos nem especializações (Bezelga et al., 2016), numa orientação criativa onde as propostas dadas nada valiam sem a resposta activa das pessoas que ali se envolviam (Bezelga, 2015) num processo de partilhas recíprocas.

O desenho da apresentação final ganhava forma cumulativamente, recolhendo meticulosamente, por entre inúmeros registos feitos das sessões⁴⁰, cada pedacinho de histórias partilhadas e experiências criadas. Aos poucos, numa dramaturgia que ela e o Jaime iam encontrando, por entre discussões acesas e entusiasmantes, o desenho daquilo que viria a ser o momento final começava a construir-se. Uma sequência, para eles, lógica, que partia de cada memória que os participantes com eles iam generosamente partilhando (Chafirovitch, 2016). Por entre clichês confundidos com memórias individuais, por entre uma cidade daquelas pessoas que acaba a ser retratada de forma quase turística, eles tentavam encontrar as particularidades de cada instante para lhes dar dinâmica. Porque ambos sabiam que aquele momento, ainda que o encarassem com grande responsabilidade, era acima de tudo para ser desfrutado, para ser vivido com prazer (Cruz, 2015c; Prendas, 2015). Era o momento que eles lhes queriam oferecer. Um momento do qual não se iriam envergonhar, protegido e controlado, mas que lhes permitisse um espaço de deleite que vincasse nas memórias de cada um a experiência vivida.

³⁸ Recomenda-se a leitura do Anexo 20 narrativa das oficinas 3, 4 e 5 para que se possa compreender o contexto e o desenrolar do processo.

³⁹ A título exemplificativo, recomenda-se a leitura complementar do anexo 20, Narrativa da Oficina 3, onde a Gestão de Conflitos se torna mais evidente.

⁴⁰ Disponibilizados para consulta em Anexo Audiovisual.

A cinco dias do momento final, o relógio gritava-lhes aos ouvidos. Sabiam que aquela última semana espelhava já o entusiasmo e a ansiedade tremia nas mãos atarefadas. Só naqueles instantes de precipitação para o final todas aquelas tarefas podiam ser cumpridas (Pires, 2016). Os figurinos decidiam-se, a cenografia construía-se, mas o trabalho de um palco inacabado estava ainda por completar. A porta entreaberta da Napalm foi acolhida por alguns dos participantes, que regressavam espontaneamente fora dos horários marcados para ajudar (Salvador, 2015; Cruz, 2015c). De forma surpreendente, ela e o Jaime acolhiam num espaço que era deles novas relações que tinham vindo a construir, que não raras vezes lhes dirigiam sensatas palavras de recomendações de descanso e alimentação, que alertavam para o frio que se fazia sentir para não se constiparem (Cruz, 2015c; Bezelga, 2015). Acolhiam ali, naquele espaço deles, palavras familiares, vozes ternurentas e gestos calorosos. E envolvidos nesse ambiente, raras eram as vezes que davam pelo passar do tempo revoltados quando, entre outros afazeres pertencentes a outras histórias, tinham que interromper aquilo que os envolvia (Cruz, 2015c).

Por entre a contrariedade de um tempo que não passa pela pressa de ver terminado, e um tempo que corre apressado sem que as tarefas se cumpram no tempo estipulado, o grupo de participantes regressava àquela que era a “*casa de ensaios*” deles. A Napalm enchia-se de vozes que entravam, que se acomodavam, dispunham os seus pertences pelo espaço, circulavam sem cerimónias, que traziam os netos e se descalçavam. Conheciam as regras da casa, cada canto, como se ali tivessem sempre estado. Transportavam para aquele espaço novo as memórias já construídas e transformavam-no num espaço onde pertenciam, onde se incluíam e tornavam-no acolhedor⁴¹.

Por entre orientações apressadas do Jaime, ela passeava-se entre a Rita (envolvida no design gráfico), e o Tiago que, atarefados nas respectivas tarefas, tentavam também dar resposta eficaz ao que se tinham proposto. Ela tentava disfarçar uma ansiedade imensa, por entre tecnologias que não colaboram que obrigam a visitas inesperadas para resolver pequenos problemas que progressivamente iam surgindo. Ela respira de alívio ao perceber que, na proximidade e intimidade do contacto que se foi criando, todos ali circulam num

⁴¹ Recomenda-se como complemento à compreensão do texto a leitura da narrativa da oficina 5 (que decorreu nas instalações da Napalm) e do ensaio de montagem, disponíveis no Anexo 20

espaço comum onde tudo é permitido, porque todos caminham no mesmo sentido. E isso fizera o **Geração 6.0** caminhar até ali.

O fim aproximava-se a passos largos. A cenografia organizava-se, os adereços construídos pelos participantes juntavam-se cautelosamente pela fragilidade e exclusividade de cada um. Pelo simbolismo que traziam consigo. A *Malinha McGiver*⁴² de que se fazia sempre acompanhar recheada de fitas, tesouras, fios, alfinetes, agrafadores, sinalizadores... e tudo mais que pudesse algum dia ter-lhe feito falta ao desempenhar o trabalho de produção e direcção de cena de espectáculos, era meticulosamente preparada. O sistema de som guardava-se nas caixas de transporte, as mesas, as cadeiras.... Tudo se preparava para abandonar as paredes claustrofóbicas e ver a luz de um dia que faziam prever pouco solarengo (Pires, 2016; GAVE, 2006; ARTCENA, 2016).

⁴² Vulgarmente referida na bibliografia como Mala do Director de Cena

~ O dia antes do Dia ~

Avizinhava-se um dia decisivo. Iam finalmente ensaiar no espaço da apresentação, perante olhares atentos e desprotegidos das paredes que conheciam já o que tinham para mostrar⁴³. A caminhada não se podia fazer sem aventura, sem risco. E a semana passou-se com previsão de chuva para o momento final. No dia do ensaio geral, naquelas únicas horas de disponibilidade do Coro, previa-se um temporal. As nuvens cobriam o céu numa manhã que timidamente começara. Mas por entre a bravura de guerreiras e guerreiros, eles não se acobardavam. Recheavam as malas de plásticos para que, numa emergência, pudessem cobrir os materiais de som enquanto desmontavam. Mas não deixaram, nem por um segundo, que esse medo que lhes causava desconfortos gástricos e respiratórios os impedisse de fazer frente ao S. Pedro ameaçador. Os guarda-chuvas, por via das dúvidas, passaram a fazer parte da panóplia de adereços que se foram juntando. Por entre um *hall* de entrada labiríntico, dispunha-se cada pedaço de uma história construída que viria a ser mostrada. Assegurado o transporte por entre as inúmeras ajudas que proliferavam, os últimos materiais foram levantados na Esmac-IPP⁴⁴ (entidade parceira do Projecto⁴⁵), o Tiago fazia-se acompanhar do material que a FMAM disponibilizara também. Tudo estava reunido para que a aventura começasse.

Por entre uma agilização inesperada, entre tarefas definidas espontaneamente (Cruz, 2015), cada um ia encontrando lugar para cada elemento que ali se amontoava, naquele novo espaço que transformavam.

O Jaime, perante um grupo presente e com vontade de ver esclarecidas as ansiedades que trazia, não tardou a iniciar um ensaio corrido não programado enquanto os testes de som despertavam a curiosidade de quem passava apressado. À excepção do céu cinzento e carregado que aterrorizava qualquer optimismo, tudo parecia fluir para que o plano se fizesse cumprir.

A hora não tardara a chegar. Começavam por um ensaio técnico pré-geral, onde ajustavam detalhes e reorganizavam os guiões⁴⁶ por ela preparados. Seguiu-se o ensaio geral, o derradeiro, onde se espera que tudo corra mal para manter a tradição, e garantir que o espectáculo se cumpra sem falhas de maior. Assim foi, conforme desejado. Ela, por entre

⁴³ Para o leitor menos atento aos anexos, realça-se que não foi a primeira vez que se proporcionou um ensaio fora de sala. Recomenda-se a leitura do Anexo 20, na Oficina 4.

⁴⁴ Instituto Politécnico do Porto

⁴⁵ Disponível para consulta a respectiva Guia de Levantamento de Material no Anexo 21

⁴⁶ No Anexo 22 disponibilizam-se os diversos Guiões criados.

botões que manipulava desconfortavelmente a tempo e horas e uma atenção dispersa entre as orientações que em simultâneo se tentavam fazer cumprir, ia registando cada pormenor que falhava, cada detalhe que podia ser melhorado, cada descoberta inesperada, por entre o acumular de tarefas que a mantinham num estado de vigilância exaustivo que a fez respirar de alívio com o fim dos trabalhos que se aproximava⁴⁷. O balanço final foi feito, por entre preocupações disfarçadas, e as recomendações finais foram transmitidas por entre mensagens optimistas e encorajadoras aos participantes.

Seguiam-se as desmontagens obrigatórias, armazenando o material em espaço seguro previamente acordado com a Metro do Porto, por entre conversas capazes de encontrar soluções aos problemas encontrados. Aquilo que deveria ter sido uma reunião, fazia-se com cabos nas mãos, sorrisos nos rostos e partilhas despreocupadas. Ela, por entre obsessões que já lhe eram familiares, confirma cuidadosamente o material arrumado, verifica o espaço ocupado sem que nada seja deixado ao acaso. E o dia chegava ao fim, por entre um cansaço gratificante que a embalara ao adormecer.

⁴⁷ Recomenda-se a leitura do Anexo 20, descrição do ensaio

~ Terra à vista ~

O derradeiro dia em que o *TicTac* regressivo iria deixar de soar chegara. O calendário marcava 15 de Junho e recheava-se de inúmeras pequenas tarefas que meticulosamente ela tinha planeado para aquele dia. A Produção estava a terminar, as ansiedades deveriam estar ao rubro, mas ela estava demasiado envolvida no processo para se deixar vencer pelos medos que a costumavam assaltar.

A manhã era curta para a meticolosa preparação do lanche que estava ainda para vir, depois da apresentação. O convite tinha já sido anunciado aos participantes das oficinas, assim como aos coralistas. Ela perdia-se por entre as listas de compras exaustivas, enquanto aos poucos os corredores da Napalm se iam preenchendo de sacos amontoados que faziam prever o movimento que lá chegaria. As mesas montaram-se cuidadosamente, tudo ficou preparado para, mais tarde, acolher cada rosto carregado de memórias para partilhar.

À hora marcada, a porta velha e pesada da Napalm fecha-se atrás dela e do Jaime que, carregados de dezenas de garrafas de água, caminham calmamente em direcção ao ansiado desfecho do *Geração 6.0*.

À ajuda esperada do Tiago juntaram-se várias outras mãos que se foram prontificando a agilizar o processo. Tudo parecia acontecer ali de forma automática e natural, como se há meses ensaiassem aquele complexo processo que ali fluía naturalmente. Por entre palavras trocadas, numa boa disposição contagiante, a montagem transformava-se num momento de convívio e partilhas trazendo àquele espaço o ambiente descontraído e divertido de que todo o processo se fez envolver. Ela assegurava que todos iam chegando, progressivamente, e que tudo o que precisavam lhes era garantido. Figurinos e adereços eram confirmados à exaustão, cada pessoa se ia encaminhando para os seus lugares, tudo estava pronto para acontecer antes da hora marcada.

Por entre os olhares familiares que se iam juntando, aos poucos a Frente de Casa ia sendo assegurada pelo Samuel e pela Rita que se dispuseram previamente a colaborar nas tarefas⁴⁸ (Gomes, 2014; Cruz, 2015c). E aos poucos, tudo se ia dispondo para que a hora pudesse, finalmente, chegar.

O pontapé de saída é dado por ela, por entre botões de uma mesa de som já mais familiar e olhares trocados entre uma equipa próxima e cúmplice. E, naqueles instantes que rapidamente passaram a habitar espaços imponentes nas memórias de cada um, todo aquele

⁴⁸ As folhas de sala foram distribuídas por ambos, à medida que as pessoas iam chegando. Para consulta está disponível a folha de sala no Anexo 23

percurso que tinham caminhado estava ali, exposto e à vista de todos. Tudo acontecia. E ela percebia, envolvida no que via acontecer, que o teatro e a música traziam ali, com eles, a magia de os unir, de criar novas comunidades, mesmo que circunscritas num espaço e num tempo, com propósitos comuns, de os tornar mais fortes e capazes de alcançar o impensável (Parente, 2015; Cruz, 2015c).

Os pensamentos ensurdeciam-na a cada instante que passava⁴⁹. Assustadoramente, naquele Projecto, naquele contexto, naquele espaço que criaram, o tempo parecia sempre voar. Rapidamente tudo se precipitava para o final, e parecia que não tinham ainda quase começado. Aquele parar do relógio ocorreu para uma vertiginosa chegada ao fim. Por entre sorrisos divertidos, por entre respirações fundas, passos inquietos e danças ainda por terminar, o Tiago olhava-a e dizia-lhe:

- Está feito!

⁴⁹ Recomenda-se a leitura do Anexo 20 onde está narrado o momento da Apresentação Final.

~ Pôr do Sol ~

E efectivamente estava. Num misto de transições entre o que era a produção e o início da pós-produção, ali pouco estanques e fragmentadas como a literatura desenha, o fim dava continuidade a outros inícios (Pires, 2016). As coisas arrumavam-se, por entre uma azafama agitada onde todos participavam. Cada um recolhia prontamente as suas coisas, cada um ocupava o seu lugar e aguardava pacientemente pelo desfecho.

O Jaime, com a ajuda preciosa da Rita e do Samuel, tentava apressadamente recolher cada pedaço de história que ali tinham montado. O Tiago, tentava apressadamente reunir o material que à FMAM pertencia, para que pudesse devolver no prazo estipulado. Ela precipitava-se para abrir a Napalm, que silenciosamente aguardava vazia à espera de receber cada uma daquelas vozes alegres que nas horas seguintes a iam preencher (Cruz, 2015).

Por entre uma azáfama atribulada para que nada faltasse, entre chá e bolachas que se abriam, agilizava tudo o que tinha já deixado previamente preparado⁵⁰. Quem conhecia os cantos da casa fazia questão de ajudar, numa responsabilidade partilhada e vontade de bem receber quem habitava o espaço pela primeira vez. As palavras calorosas eclodiam por toda a parte, os entusiasmos partilhavam-se, o êxtase ia esmorecendo por entre conversas sorridentes facilitadas por comidas distribuídas que justificavam o encontro (Scher, 2010).

O Jaime não tardou a chegar para, com os participantes das oficinas, fechar o processo. O devido balanço foi feito, numa partilha organizada de expectativas superadas e sensação de dever cumprido. Os olhos punham-se no futuro também, por entre os planos partilhados da Napalm percebia-se onde se poderiam encaixar todas as vontades ali expressas.

O fim aproximava-se e as despedidas foram menos dolorosas por saberem que a porta pesada que ali se fechava ficava entreaberta para um regresso futuro. E o vazio das memórias que terminavam de se construir assombrava a noite que começava a cair. E aquele espaço que lhe era familiar, que em tão pouco tempo conhecera tantas novas vozes ternas, enchia-se de um vazio ensurdecedor onde ela e o Jaime, exaustos, mergulhavam (Salvador, 2015).

A noite continuou ainda por longas horas de devolução e armazenamento de material. Tudo fora recolhido da Estação de Metro da Trindade, que deixara já de ser o espaço que habitavam. À Esmãe foi devolvido atempadamente o material cedido e à Napalm regressavam um amontoado de memórias encerradas naquilo que restava. Numa energia já quase inexistente, iam dispendo nas prateleiras meias vazias os materiais previamente confirmados

⁵⁰ Recomenda-se a leitura do Anexo 20 onde é narrado o lanche e o fecho do processo de oficinas.

(Pires, 2016). A noite ia já longa quando, num cansaço crescente, cada memória lhe assaltava os sonhos, organizando-se progressivamente em sensações que perpetuaram numa noite abafada de primavera.

A manhã seguinte trazia consigo uma dolorosa ressaca do que é irrepetível, da saudade e do vazio que ficam. Num misto de sensações calorosas dos abraços ainda sentidos que ficaram num passado recente e um vazio da aparente falta de afazeres contrastante com os tempos atarefados que precediam.

Os convites insistentes feitos por parte do Coro para que os brindasse com a sua presença num espectáculo que tinham naquele dia foram por ela acolhidos com ternura. Ainda por entre músculos doridos e um cansaço gritante, arrasta-se entusiasmada para partilhar momentos que não lhe pertencem, mas que acolhe com curiosidade. Naqueles instantes onde desfruta do orgulho espelhado nalguns rostos familiares, pode perceber tantas das emoções sentidas no dia anterior. E no final, mais sorrisos, palavras e abraços recheados de ternura, por entre vozes familiares e acolhedoras. Num contexto que lhe era distante, na companhia do Tiago, uma primeira reflexão já algo distante do que tinha sido e do que poderia vir a ser. Naquele momento, uma transição entre o antes e o depois começava a traçar-se, ainda na companhia daqueles que desde o início a rodearam e com ela começaram a caminhada que, naquele primeiro capítulo, terminara.

~ Somos o que podemos recordar⁵¹ ~

Os dias que se seguiram foram recheados de palavras gratas, emoções partilhadas e desabafos honestos (Pires, 2016). Ela esquecia já aquele discurso formal inicial que os modelos literários lhe ensinavam, adoptando o seu próprio discurso, tão pessoal e tão dela. Era nas suas palavras, na primeira pessoa, que agradecia a cada colaborador, a cada parceiro, a cada participante, um por um, todo o envolvimento que a preenchiam de gratidão por, consigo, terem levado a bom porto uma ideia ousada em que acreditara. Foi na resposta igualmente informal e próxima que encontrou o *feedback* que precisava para uma avaliação distante e objectiva daquilo que tinha já sido. Foi nas palavras partilhadas em cada resposta que percebeu o impacto ainda morno daquilo que encerrava. E foi ali que percebeu que muito mais do que pensara havia a considerar.

As relações, o tempo preenchido, a ocupação de um espaço inabitado com a apresentação final, a fé e o envolvimento, a exposição, o não esquecimento... Tanto que por cada pessoa foi referido e que ela não tinha considerado como pontos importantes, mas que para cada uma das pessoas envolvidas, à sua maneira, se destacava como referência nas memórias construídas.

Por trás de cada agradecimento, de cada retorno, entreabriam-se brechas iluminadas de portas que atrás deles não se fecharam (Pires, 2016). A latejar de ansiedades futuras, cada partilha deixa transparecer o desejo de continuidade no envolvimento em novas propostas, novos projectos e histórias para contar. E, mergulhando aos poucos naquilo que era o trabalho global dela, retomando a Produção da Companhia na sua íntegra, começavam a desenhar-se as novas linhas orientadoras de Produção da Napalm. Recheada de novas experiências gratificantes, ela percebia que dificilmente conseguiria deixar que não interferissem intensamente nos passos que viria, no seu futuro, a dar (Cruz, 2015b; Cruz, 2015c).

O dossier de produção, na sua versão final, começava a preencher-se de cada dado desorganizado, num amontoado de papeis dispersos e perdidos. As contas fechavam-se⁵², percebendo que se encerrava ali um investimento abaixo do que podia ter sido e surpreendentemente inferior ao esperado. Ela constatava que o plano orçamental tinha sido cumprido e, longe do que esperara, a despesa tinha ficado muito aquém do que estipulara. Ela percebia, com o pulsar gritante de um final que se aproximava, que tinha conseguido reunir inúmeros recursos que não representaram qualquer despesa, respirando confortavelmente por

⁵¹ “We are what we can remember.” (Defuster, 2018)

⁵² Lembra-se que o Plano de Gestão Orçamental se encontra para consulta no Anexo 10

entre os gastos necessários. Ela percebe ali que, ao contrário do que tinha acontecido em tantas outras histórias que guarda por contar, aquela história não trazia dissabores económicos, não lhe trazia deslizes imprevistos e não guardava más memórias de desperdícios inesperados. Ela percebia que conseguira efectivamente fazer muito, com muito pouco.

Ela percebia que não eram quantificáveis ali inúmeros valores que não teriam sido sequer pensados, se não tivessem sido contemplados em ofertas espontâneas e generosas. Ela percebia, naquele momento, que não sabia calcular o valor real daquilo que foi além da despesa efectiva. Da mesma forma que se tornava incalculável o valor do retorno que trouxe cada momento pela experiência, crescimento e empoderamento. Ela sabia que ali, em números despidos de sentido, objectivos e vazios, ela não conseguia transpor o valor incomensurável daquilo que agora terminava. Ela sabia apenas que ali encerrava números por decifrar e tantos outros que viria ainda a descobrir, no contexto global da Produção da Companhia, cujo retorno se fazia já sentir de forma objectiva nas contas gerais que odiava gerir.

Aquele dossier fechava-se, repleto de materiais dispersos. Aquele capítulo da história que iniciava, encerrava memórias construtivas, e que viriam a manifestar-se de forma latente a cada nova narrativa em construção. Ela, ao fechar uma capa de argolas recheada de rugas vincadas pelo uso, é assaltada por inúmeros pensamentos. Perde-se por entre os reflexos inesperados do impacto que viu construir progressivamente com aquela ideia que fez nascer. Um impacto muito micro, mas significativo para quem se envolveu (Cruz, 2015c). Um impacto social naquelas relações que se criaram durante aqueles momentos partilhados (Cruz, 2015c), um impacto criativo, nas propostas que se fizeram à visão do que os rodeava (Bezлга, 2015), um impacto pessoal pela forma como cada um digeriu e assimilou cada memória construída (Defuster, 2012-2014). Um impacto relacional, pelas relações proporcionadas e pela sua gestão em contexto de trabalho nos grupos (Castello, 2015; Gomes, 2014). Um impacto na cidade, num pequeno espaço, inabitado, esquecido e recorrentemente subaproveitado a que, por algumas horas, deram vida e cor. Um impacto nas vivências de cada um que individualmente os transformou com novas experiências (Cruz, 2015b; Andrade, 2015), e se reflectiu naquilo que eram naquele momento. Um impacto naquilo que era a Napalm, naquilo em que ela se viria a transformar. Um impacto aqui bem evidente por haver sempre nos discursos entre ela e o Jaime partilhados, um antes e um depois do **6.0**. Um impacto claro e objectivo daquilo que foi um abrir das portas a pessoas, entidades e relações (Pires, 2016). Um impacto pelo crescimento da Companhia, pelo alargamento dos horizontes (ARTCENA, 2016), pelo abarcar de novos rostos além daqueles de quem se faziam rodear

profissionalmente. Um impacto no conhecimento e reconhecimento que daí adveio, seja pelo fotografo do JN que com eles se cruza e curioso pede para visitar o espaço de ensaio, seja pelos colaboradores habituais da Companhia que, surpreendidos, os viam ali levar a bom porto projectos distintos daqueles a que se habituaram. Um impacto envolvente que lhe fizeram ver que aquele era apenas o primeiro capítulo de uma nova história que começava a escrever.

Ela fechava aquela capa, vincada pelas rugas das memórias que ali se encerravam. Ela saboreava aquele momento tranquilo, envolvida pelo silencio solitário que lhe permitia o grito constante das novas ideias que começavam a ferver. Ela procurava um espaço na prateleira para arquivar aquelas memórias, mas o olhar dela teimava em vaguear pelos espaços vazios que tinha ainda ali, em prateleiras despidas, por preencher.

CAPITULO 4 -

“Redescobre a tua visão do mundo”⁵³

⁵³ “Rediscover your own world view”(Mahir, 2018)

Aquela história terminara já. Aquele capítulo encerrara-se por entre inúmeras outras histórias que, em semanas agitadas, se seguiram. A distância trazia-lhe a importância das memórias significativas e que gritavam ainda aos ouvidos silenciosos nos momentos de reflexão (Defuster, 2012-2014). Com a frieza da distância e da saudade que habita nas memórias, ela via de forma crua cada detalhe. Deixando esmorecer o entusiasmo efusivo do êxtase da concretização, o olhar crítico e assertivo era o que lhe permitia o filtro necessário para que o empoderamento que dali adviesse fosse efectivo (Cruz, 2015c; Bezelga 2015).

Semanas tinham passado, por entre apenas algumas palavras dispersas trocadas. Podia ver finalmente, de forma clara, os resultados daquilo que tinha sido construído. Olhava para cada estratégia adoptada, para cada escolha feita, de forma fria e dura. Reflectia no que podia ter sido diferente. Tentava perceber cada decisão tomada, no calor do momento. Pensava na ideia que tivera, desde o início, em lugares distantes como as histórias requerem para serem contadas. Percebia que tudo se foi preenchendo cumulativamente. Percebia, à distância do tempo veloz, que a sua ideia se envolvia das ideias de tantos outros, se complementara com tantas outras sugestões, participações e vivências⁵⁴. Percebia que criara, com base em algo que era dela, algo partilhado e comum a várias pessoas de quem se fez rodear e que contribuíram activamente para a construção de algo com que se identificava, sem nunca perder a essência daquilo que queria cumprir (Andrade, 2015; Bezelga et al., 2016).

Ela percebia, à distancia do tempo, que as PAC de que se servira, a metodologia que de certa forma impusera, era fruto da sua experiência, de uma sociedade artística e um contexto cultural que vive de um modelo oficial com o qual, até certo ponto, se identificava. Percebe que, numa personalidade forte, se deixara também influenciar por todo o contexto cultural em que se envolvia, deixando transparecer em cada linha da história contada o reflexo das leituras e observações em que se envolvia. Tudo se resumia a um reflexo claro e objectivo daquilo que fizera sempre, até então. E ela pensava agora de que forma se poderia desprender daquilo que era já por um grande colectivo partilhado, daquilo que era já feito e assumido como válido por uma colectividade extensa da qual também ela fazia parte, numa perspectiva

⁵⁴ Aqui não só no que toca aos livros de que se fazia rodear, dos Modelos e estratégias que seguia, mas também de toda a bagagem daqueles que a rodeavam e consigo traziam novas propostas de experiências e ideias. Sem esquecer tudo o que lhe fora trazido pelos participantes com quem partilhou quinze horas de oficinas que em muito a enriqueceram profissionalmente. Não só pelos mais de 60 anos de memórias acumuladas, mas pelos encontros improváveis que de outra forma não teriam acontecido (Cruz, 2015b).

crítica, mas ainda pouco fundamentada. Ela sabia que estava disponível para novas falhas, novas pesquisas e novas experiências. Ela sabia, àquele momento, que estava disposta a procurar mais, novas estratégias, novos modelos e novas formas de intervir, de pôr em prática cada experiência. Ela sabia, sobretudo, que queria seguir um caminho menos dirigido, onde a implementação das oficinas pudesse de alguma forma ser substituída por encontros, de onde a criação artística pudesse, eventualmente, surgir.

Reflectindo naquilo que era a sua vida até ali, no que era o seu trabalho e a sua forma intuitiva de agir, ela percebia que não se cingia a cumprir o que os livros lhe davam, tentando adaptar os modelos de gestão e produção de que se fazia rodear às particularidades daquilo que eram as ideias que ia concebendo. Ela percebia que era nessa perspectiva sistémica que poderia ir buscar estratégias eficazes e flexíveis, capazes de pôr em prática projectos pouco estanques e compartimentados. Correndo riscos ao contradizer aqueles que sabiam mais que ela, mas que tinham construído o seu conhecimento em experiências distantes das que ela partilhava. Ela não aspirava a conceber novos modelos, apenas tentava perceber de que forma poderia absorver o melhor de cada um com que se tinha cruzado. Tentava adequar às necessidades com que se ia deparando a flexibilidade das escolhas. Aquelas escolhas que passam pela opção da negação do que é proposto também. E, naquele momento, apesar dos inúmeros erros que foi cometendo, orgulhava-se de ter conseguido encontrar muito de positivo em cada palavra contextualizada com que se cruzava permanentemente.

À distância das emoções vividas, ela percebia a importância de uma organização permanente, das capacidades e competências pessoais que ao trabalho de produção estavam inerentes (Pires, 2016; Soares, 2011; ARTCENA, 2016; GAVE, 2006). Ela percebia a importância das relações que se criavam e estabeleciam, a importância da identificação com as pessoas e as personalidades de quem se rodeava. Ela percebia que, mais do que tudo, eram as relações que criava que lhe permitiam um processo de autocritica construtiva permanente, que lhe permitiam a expansão que daquele pequeno passo seguiu viagem. Eram as relações a base do trabalho de produção que tinha escolhido para si.

Ela observava cada passo dado e percebia, mais do que tudo, que o trabalho de produção nas artes encerra em si um trabalho criativo permanente. Não se restringe às estratégias empresariais de gestão de projectos, não se limita à implementação das regras básicas de gestão de projecto empresarial. É um trabalho criativo constante, de descobertas sucessivas, de adaptação e resiliência (GAVE, 2006; Pires, 2016). Ela percebe que é na figura do produtor criativo que se encaixa, um produtor em acção num contexto de criação, um

produtor activo e dinâmico que participa activamente de todo o processo e nele mergulha de forma envolvente (GAVE, 2016).

Ali, à distância das frustrações, ela relembra cada afastamento, cada porta que se fechou e cada desistência e abandono. Ela relembra que cada participante que deixou a caminhada a brindou de justificações que a fizeram também crescer. Ela percebe que as vidas atribuladas de quem se envolve encerram um contexto onde as artes são secundárias e apenas complementam vidas dispersas (Cruz, 2015). Ela percebe que os conflitos são necessários e nem tudo tem que acontecer (Gomes, 2014). Ela percebe que, tal como na maioria dos processos, uma selecção natural se vai progressivamente fazendo. E ela vê também, agora à distância, que cada um dos abandonos de alguma forma deixou uma marca naquilo que foi construído, naquilo que foi criado. E vê que o resultado final espelha também essas presenças que, nalgum momento, cruzaram a caminhada conjunta. Ela vê que mesmo as portas que se fecharam deixaram entreaberta a janela da aprendizagem que lhe permitiu procurar melhorar as abordagens futuras.

Olhando para trás, ela não encontra resposta às perguntas que lhe assombram o pensamento *“Porque se mantiveram aquelas pessoas no processo? Porque se envolveram? O que as levou a desafiar-se e confiarem nas propostas ousadas de iniciais desconhecidos?”* A única resposta que encontrava para eras perguntas, ainda que vaga e dispersa, reunia em si um estado de espírito de predisposição tão característico daquelas pessoas: porque estavam disponíveis para se relacionar, para interagir, para confiar (O’Brien, Ebert & Tiller, 2012-2014).

Ela, à distância do tempo, via que o resultado final ficara aquém das expectativas iniciais. Percebia a falta de relação entre o Coro e o grupo de teatro, que ali se manifestaram como dois grupos estanques que trabalhavam separadamente para a concretização de um fim comum. Não sendo isso que se pretendia inicialmente, ela percebe que precisava de mais daquele bem precioso de que todos carecemos: tempo para agir. Ela vê que as agendas atribuladas tinham sido o maior dos constrangimentos na boa execução do plano inicial que mantém ainda como sendo mais satisfatório do que aquele a que chegaram. Questiona-se, claro, se havendo mais tempo teria conseguido levar a bom porto a junção de dois grupos complexos nas suas vidas pessoais, se conseguiria ter estabelecido relação entre mais de sessenta pessoas de quem se fez rodear. Questiona-se se, dessa relação, adviriam frutos sociais capazes de combater o isolamento e solidão que, nos preconceitos sociais, se acha que estas pessoas se envolvem. Ela deixa-se rodear de dúvidas sobre a efectividade dessas relações, a reciprocidade e a circunscrição a um contexto de espaço-tempo que os projectos

proporcionam, tendo ainda algumas reservas sobre a sua efectividade e continuidade que brindariam os grupos com a designação de comunidade além do espaço-tempo proporcionado. Ela não sabe se, dispondo de tempo para o fazer, o resultado seria diferente e mais significativo. Ela questiona-se sobretudo se, não havendo continuidade, vale a pena pelos momentos que proporcionam, se o balanço será positivo com o vazio que deixam no final. Ela envolve-se dessas questões que se reflectem na forma como pensa na concepção de projectos futuros, tentando descortinar estratégias para encontrar respostas a estas dúvidas e descobrir novas questões que possam naturalmente surgir.

Olhando para trás, envolvida nos planeamentos futuros em que se encontrava naquele momento, ela percebia que aquela Companhia com 11 anos de existência encerrara um ciclo. Percebia que aquela Companhia era, naquele momento, o reflexo da sua forma de pensar e de estar consigo, com o mundo e com as artes. Percebia que naquele momento assumia na estrutura da Companhia um poder central nas decisões tomadas, tendo ali construído uma nova forma de agir, de pensar e de intervir. Ela percebia que aquela Companhia isolada, quase escondida numa esquina de uma rua movimentada, abria progressivamente as portas para uma cidade que começava a conhecê-la, a considerá-la e a aceitá-la. Ela percebia que conseguira, com uma estratégia de produção que era desconhecida à Companhia, abrir as portas para novos caminhos, novas relações e novas formas de se sustentar. Sem com isso perder a sua identidade, a sua essência e a sua missão. Ela percebia que, nos caminhos futuros que naquele momento ali traçava, cada memória passada do *Geração 6.0* faziam a diferença nas decisões e nas escolhas, abrindo horizontes que trilhavam percursos por portas entreabertas que naquele momento se atreviam a percorrer.

Ela, à distância do tempo que passara, podia observar de forma menos enevoada pelas emoções o impacto que cada pedaço da caminhada que fizera acompanhada trazia ao seu contexto naquele momento. Ela percebia as portas que se abriam para a acolher, o mundo de oportunidades à disposição que descobrira. Ela via as relações pessoais mais próximas e mais sólidas, com mais memórias partilhadas, de que se fazia rodear. Ela via que aquele pequeno instante lhe trouxera novas pessoas que se vinculavam àquilo que diariamente fazia e em que acreditava. Ela via uma equipa artística a crescer na companhia, novos públicos a surgir, via uma área de actuação mais abrangente do que imaginara antes. Ela via novas perspectivas de criação, ela via novas formas de comunicar, mais suas. Em suma, ela via mais. E mais além. Ela perspectivava um futuro que até então não conseguia ver tão distante e seu. Onde até então não conseguia imprimir um cunho pessoal, uma identidade. Um futuro onde ela se espelhava e reflectia aquilo que de tão seu trazia para o que fazia. Ela via que, depois daquele

pequeno capítulo da história, outros novos capítulos se avizinham e muitas novas histórias haveria para contar.

Olhar para trás é sempre doloroso, ela sabia-o. Dói pela saudade que fica do que foi bom, dói pela impotência de actuar no que foi mau. E naquele instante, semanas atribuladas já corridas, as cores vivas habitavam só nos momentos mais marcantes, ofuscando as restantes memórias em cores esbatidas. E o que ressaltava eram aqueles momentos fotográficos. Os ecos das gargalhadas em momentos embaraçosos. A melodia das vozes trémulas recheadas de doces palavras de alento e incentivos. O ruído gritante da porta que fecha no final, sem saber se voltaria a abrir.

Naquele dia, olhando para trás, ela ouvia os gritos mudos dos pontos fracos que lhe doeram. Não por ter tornado o projecto melhor ou pior, mas porque de alguma forma desprotegeram cada um daqueles rostos de que se fizera rodear. Cada fragilidade cortante que lhes trouxe inseguranças ou receios. Aquele desafio que julgava associado a financiamentos de que todos se queixam parcos, fora a agenda! Ela via que a tarefa de conciliar agendas tinha sido o maior desafio do Projecto, o maior obstáculo e a maior fragilidade. Só tarde, já com os tijolos e o cimento na mão, perceberam que a construção iria ser mais frágil do que planearam. A disponibilidade do Coro era limitada, as solicitações para outras colaborações obrigaram a que alguns ensaios que seriam destinados ao 6.0 fossem canalizados para outras preocupações mais urgentes. E, aquilo que queriam que fosse um trabalho conjunto, transformou-se num trabalho segmentado. Forçosamente, de uma construção única passaram a duas casas germinadas. E da melhor forma possível tentaram torná-las uma única para quem os via, mas não deixaram de, ironicamente, brincar com a ideia do coro de igreja que se junta ao padre para musicar a missa. Nem tudo corresponde às expectativas, e, mais do que isso, percebe que nem tudo pode correr como gostaria. E aqui, sabe claramente que não cumprira na totalidade o objectivo a que se propusera. Nem mesmo com a boa vontade do Tiago, que prontamente se dispôs a um trabalho acrescido para complementar o trabalho que percebera inviável de montar.

Olhando em retrospectiva, assaltava-lhe o pensamento a ideia de que, quando se gosta do que se faz, quando há identificação, quando se acredita nos projectos, eles ganham vida e tornam-se possíveis. E o *Geração 6.0* acabou por ser uma prova disso quando via nele a superação de inúmeras expectativas e concretizações que não ousava idealizar.

Ela percebia que o que de melhor levava das memórias do Projecto eram as aprendizagens e perspectivas futuras. O que de melhor ficara consigo eram as relações e as portas entreabertas, que não se encerraram com o fechar de um dossier que se poderia alargar imensamente.

Ela encerrava o dossier ali, mas não encerrava o Projecto. Retomando as conversas iniciais, aquele era apenas um Piloto que quiseram implementar para que o futuro lhes trouxesse outras experiências mais sustentadas. Assim o futuro prometia.

As ideias que por entre um entusiasmo colectivo foram fervilhando fizeram nascer outras histórias paralelas que foram ganhando vida por entre contactos efectuados na procura exaustiva de espaços de apresentação, implementação de oficinas, participantes⁵⁵ e divulgação do Projecto. Paralelamente, perante a divulgação do Projecto, ela pôde também observar o retorno efectivo que daí veio com novas ideias⁵⁶ e conceitos⁵⁷ a implementar. À distância do tempo que passara, ela percebe que o retorno que vem da implementação do Projecto reside sobretudo nestes contactos, nessas ligações e no reconhecimento que à Napalm trouxe.

Difícilmente conseguiriam também internamente continuar os projectos que tinham já a decorrer, sem que eles sofressem influência das aprendizagens que o **Geração 6.0** lhes trouxera⁵⁸. A experiência por que passaram fê-los descobrir uma capacidade para mobilizar

⁵⁵ Foi o caso da Universidade Sénior da Senhora da Hora que (na impossibilidade logística de colaborar no Projecto no momento em que se iria realizar) contra-propôs a adaptação com a duração de um ano lectivo, convidando a Napalm ao estabelecimento de uma parceria continuada que permitisse a implementação no decorrer do ano lectivo. Esta proposta obrigou a pensar de que forma o trabalho poderia ser menos intensivo, podendo assim sair do terreno superficial em que assentou a apresentação final. Na expectativa de conseguir ir mais longe, pensando que, se no espaço de um mês e meio tinham conseguido chegar onde chegaram, no espaço de dez meses conseguiriam ir muito além do que foi feito e chegar não só a um produto final mais próximo daquilo que pretendiam (verdadeiramente integrativo das valências artísticas abordadas e capaz de aprofundar cada uma das experiências proporcionadas, capaz de ir mais longe na exploração sensorial e na descoberta do espaço que nos rodeia, saindo do que era apenas rapidamente apreendido).

⁵⁶ Perante o trabalho com a população senior, surge também uma nova proposta de integração de um projecto promovido pela Sonae (em parceria com outras entidades como a Universidade do Porto e outras por definir) com financiamento europeu para o trabalho artístico (teatro e pintura) com a população *sénior*. A Napalm, enquanto parceiro estratégico, integra a componente teatral num trabalho cujo objectivo passará por perceber de que forma as actividades artísticas são importantes na promoção de qualidade de vida e bem-estar da população *sénior*, melhorando a sua autonomia para os hábitos de consumo correntes.

⁵⁷ Numa surpreendente proposta de parceria com uma entidade turística, o conceito de exploração sensorial da cidade foi adaptado a uma curta oficina teatral (6 horas) de experiência sensorial da cidade. Um projecto a implementar a partir de Novembro, já em processo de divulgação, onde os destinatários serão turistas de todas as idades e proveniências. E aqui, numa tentativa eximia de combater a vulgar visita guiada pelos monumentos da cidade (onde inesperadamente o resultado final do 6.0 acabou também por cair) pretende proporcionar às pessoas uma descoberta do espaço com base na exploração dos sentidos e posterior performatização.

⁵⁸ É o caso do serviço das aulas Regulares que, perante interesse dos participantes do grupo de teatro em dar continuidade ao trabalho desenvolvido, abre uma nova turma num horário mais apelativo e com método de ensino diferente. Este era um dos focos em mente na implementação do Projecto, que surpreendentemente foi proposto pelo próprio grupo ainda antes que se pudessem precipitar a expor a ideia. Perante este contexto, rapidamente também perceberam que o serviço de aulas regulares que não se adaptava da melhor forma à faixa etária que ali trabalhavam, repensando os modelos adoptados e estruturando um novo planeamento de formação. Pela primeira vez pensaram em aulas partilhadas, com vários formadores capazes de apresentar não só valências

peessoas, desde que dentro de um padrão de organização pré-estabelecido e metódico. A capacidade para que os recursos que as pessoas trazem consigo sejam aproveitados e se reflectam naquilo que na Napalm possam fazer. Fê-los perceber que conseguiam voar mais alto do que habitualmente se aventuravam e que podiam chegar mais longe de forma mais eficaz. E é a pensar nisso que olhavam para o serviço formativo com novos olhos. Até então tinham diversas turmas compartimentadas, segmentadas. Tinham aulas a decorrer, com pessoas com quem se relacionavam, mas que nunca se cruzaram entre elas. Tinham pessoas a correr para um objectivo semelhante, mas não comum. Naquele momento pensavam o serviço formativo como um todo global, onde todos podem fazer parte de um objectivo partilhado possibilitando um trabalho mais direccionado e criando mais encontros, relações e uniões.

Ela não esquecera que a Napalm era uma Companhia de Teatro Dança e que tinha como vontade principal a criação artística. Ela não conseguira ainda esquecer que a criação não acontecia ali por questões meramente económicas. Ela não conseguia esquecer que com o **Geração 6.0** se tornou possível levar a cabo um Projecto sem financiamentos. Não era esta a pretensão da Napalm, não perdendo de vista o objectivo da criação artística profissional, mas é aqui que surge uma nova vertente de criação, aberta à comunidade geral, na ideia de que a arte não só é para todos como pode ser experienciada por todos. E aqui passam a incluir na planificação anual da Companhia a implementação de um projecto semelhante no modelo de produção adoptado, despreocupado com financiamentos, mas que pretende sobretudo continuar a apostar nessa jornada de contactos e relações que aos poucos parecem trazer frutos saborosos. Ela abandona aqui a exploração sensorial da cidade, a pesquisa do modelo oficinal e a inclusão sénior (não esquecendo que por trás do propósito de inclusão está a exclusão de todos os que ficam de fora). O tema, o conceito, a base de trabalho, ainda por decidir por lhes ser difícil a decisão da escolha, não turva o objectivo a que se propunham. E ela, por saber que o tempo terá sido um dos maiores inimigos da perfeição, preocupava-se em reformular o Plano de Actuação para que os momentos futuros se façam acompanhar de tempo para serem verdadeiramente desfrutados.

Aquilo que começou por ser um Piloto de algo que sonharam maior ramificava-se agora para uma diversidade de Projectos que começavam a nascer. A vontade de implementar a ideia base do *Sentido: Porto* ou de levar até terras Turcas projectos que temporariamente se abandonaram não morrera ainda. Ela não deixava sonhos para trás, mas tinha a capacidade de

distintas, mas sobretudo métodos de ensino diferentes capazes de propor aos alunos uma experiência mais ampla do que é habitual. Pensar o teatro como uma arte completa, onde tudo se pode enquadrar (desde as artes manuais na construção da cenografia à escrita na criação de texto), pensando no ano lectivo como um processo de criação colectivo com um objectivo final de criação de uma peça original em co-criação.

os ajustar e torná-los mais sólidos. A experiência do **Geração 6.0** trouxera-lhe um *know how* que poderia permitir que, a longo prazo, ambos os projectos temporariamente depositados na gaveta ganhassem asas. Sabendo dos constrangimentos que foram surgindo, seja pela gestão de agendas, pelos desafios do espaço de apresentação, a dificuldade em encontrar participantes, a claustrofobia provocada pelo tempo, a superficialidade com que os conteúdos foram tratados... Seja por cada aventura a que os três, com um entusiasmo contagiante, se propuseram... Ela seria capaz de tornar mais sólidos os alicerces de cada proposta, usando das relações que foi criando para desbravar novos caminhos que lhe permitam encontrar os recursos que precisa para, atempadamente, implementar um plano melhorado de cada sonho que ficou ainda por viver. E aí residirão novas histórias para contar.

Paralelamente, a Equipa da Napalm começava a crescer também, contando já com novas mãos disponíveis e activas. Aparentemente tudo se encaminhava para um final feliz da história que estava ainda a começar. Naquele momento pensavam na Napalm como uma constelação alargada, onde tinham um núcleo que suporta o trabalho profissional da companhia, mas que não sobrevive sem um enorme conjunto de outras pessoas de quem se faziam rodear. Pessoas com capacidades incríveis que iam descobrindo e que em muito iam colaborando da melhor forma que sabiam e podiam, porque se envolvem e porque isso lhes dá também estímulo para continuar. Naquele momento ela via que tinha sido isso que a trouxera até ali, começando por ser aluna, passando a ser colaboradora, colega e assumindo mais tarde uma posição central na Companhia. Naquele dia via que o envolvimento, o vínculo só aconteceu porque se envolveu nos vários projectos que lhe foram apresentados, porque fez parte ao longo do tempo e porque via o reflexo do que era naquilo que foi sendo feito. Naquele momento ela sabia que, mais do que “aprender a fazer teatro”, as pessoas procuram um espaço de envolvimento, de crescimento pessoal e criativo, um espaço de expressão que lhes permita ser.

Ela, naquele momento, percebia que aquele era o seu espaço, o reflexo daquilo que fazia, o contexto onde se permitia promover as suas ideias e novas histórias que gostaria de construir.

~ Continua... ~

Os dias continuavam a passar, com tantas histórias que se iam construindo. Esta história teimava em aproximar-se do fim. Ela sabia que a história que construía não encerrava com um *foram felizes para sempre*, sabia que aqui a história era diferente. Uma história comum, um primeiro capítulo de várias outras histórias que se constroem agora. Uma história dentro de uma narrativa em construção que lhe trazia para as vivências do dia a dia muito mais do que fadas e dragões.

Dias e dias passaram, envolvida em pensamentos expressos no barulho ritmado das teclas de um computador, já longe de todos eles. Envolvida em pensamentos agora só seus, o entoar das teclas silenciava-se por fim.

Ela olhava à volta à procura de um espaço vazio que aquele dossier preenchido de experiências enriquecedoras pudesse ocupar. Ela sabia que naquele espacinho claustrofóbico se encerravam tantas memórias de caminhos cruzados, de partilhas surpreendentes, de descobertas inigualáveis. Sabia que ali deixava à mão de semear os caminhos desbravados entreabrindo horizontes por alcançar.

Envolvida no silêncio ensurdecido do luto das vivências que fecha na prateleira, percebe que as brechas de luz que espreitam por entre portas entreabertas trazem consigo uma clarividência de tanto caminho ainda por descobrir. E ali, naquele pequeno espaço, ficam os restos das memórias. O que sobra das experiências. Os registos semânticos de vivências que dificilmente se materializam. Ali, naquele pequeno espaço, fica esta história. A história dela que, há muito tempo atrás, numa terra não muito distante, se deliciava pela primeira vez com uma peça de teatro que não entendia. A história dela, que muitas outras peças viu e acompanhou. A história dela que muitos outros dossiers arquivados em prateleiras colecionou. A história dela que muda a cada história que diariamente vai construindo. A história dela que mudou, com esta história, com as memórias ainda presentes que guarda e que revê em retrospectiva.

Na Napalm, aquela casinha que a acolheu em tempos, arquivam-se agora numa prateleira despida as folhas dispersas e pesadas e as muitas histórias ainda por contar.

Epílogo

Esta foi a história dela, na terceira pessoa. Já longe das vivências e das emoções.

Esta foi a história dela, já distante de todos e de tudo. Mas ainda próxima de cada momento e cada memória.

Esta foi a história dela, do que foi até ao momento e daquilo em que se transformou.

Esta foi a história dela, a história que a desprendeu de cada contexto e cada existência para deixar confluír cada momento na essência daquilo que era, e já não é.

Esta foi a história dela. Agora diferente dela antes da história.

Esta foi a história dela, na terceira pessoa, na versão que construiu e quis contar, por entre tantas outras que ficam por narrar.

Esta foi a história dela, a minha história.

Referências Bibliográficas

- Abreu, M. (2006). *Guia das Artes Visuais e do Espectáculo*. Lisboa: Cassefaz/Instituto das Artes
- ACERT (2018). Consultado em 29 de novembro de 2018, disponível em <https://www.acert.pt/judas/2018/>.
- Andrade, C. (2015). Coro e Teatro Comunitário: em busca d hum corpo colectivo e de um espaço poético. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 325-344). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bezelga, I. (2015). Teatro e comunidade em Portugal: práticas que refletem a relação entre Teatro, Educação e Sociedade. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 213-240). Lisbos: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bezelga, I.; Cruz, H.; Aguiar, R.; Wengorovius, R. (2016). Princípios e práticas de teatro e comunidade: Poéticas, pedagogia e dramaturgias da Comunidade. In Saldanha, A. & Ornelas, M. (orgs.) *Artes, Comunidade e Educação* (pp. 112-120) Ed. Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual.
- Boal, A. (1980). *200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Bogart, A.; Landau, T. (2005). *The Viewpoints book: A practical guide to viewpoints and composition*. New York: Theatre Communication Group
- Brandes, D.; Phillips, H. (1997). *Manual de jogos educativos: 140n jogos para professores e animadores de grupos*. Lisboa: Moraes Editores
- Cadete, M. (2012). *Escola Secundária Maria Torres: Modelo de Intervenção Teatral para a Transformação Pessoal e Social*. (Tese de Doutoramento não-publicada). Universidade de Granada, Granada.
- Cadete, M. (2013). *Modelo de intervenção teatral para a transformação pessoal e social*. Revista Teatro N.26: 199-223
- Castelo, A. (2015). O Teatro e a intervenção comunitária: perspectivas para o desenvolvimento e transformação das comunidades. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 369-400). Lisbos: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

- Chafirovitch, C. (2016). *Teatro Social Criação Artística, Acção e Performance na Comunidade*. Lisboa: Esfera do Caos
- Cohen-Cruz, J. (2005). *Local Arts: Community-based Performance in the United States*. London: Rutgers University Press
- Correia, H. (2011, 27 de Abril). *Som da Rua: Uma Orquestra, Todas as Vidas* [Ficheiro Vídeo]. Recuperado a 22, setembro, 2019, de <https://www.youtube.com/watch?v=Iu98CwZy88c>
- Cruz, H. (2015). Arte e comunidade: as formas de uma intersecção. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 33-60). Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cruz, H. (2015c). Possíveis leituras síntese e projecções futuras em arte e comunidade. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 533-547). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cruz, H. (2015c). Possíveis leituras-síntese e projecções futuras em arte e comunidade. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 533-547). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Defuster, M. (2012-2014). Our memory, my identity: Michael Defustere - The right for an own history is the right for an own identity. In: *Participate! Talkit for Participatory Practices*. (pp. 6-9).
- Even, E. (2001). *Community Theatre: Global Perspectives*. London: Routledge
- Frankl, V. (2005). *Um Psicólogo no campo de concentração*. Lisboa: Vega
- Fund. Academia Europea e Iberoamericana de Yuste (2016, Outubro). *Mahir Namur speech*. [Ficheiro vídeo]. Recuperado a 28, Novembro, 2018, de <https://youtu.be/TVhw6mtbqHE>
- Gomes, A. (2014). *No caminho para casa - um estudo a/r/tográfico de recolha de memórias numa comunidade informal*. Tese de Doutoramento em Educação Artística - Faculdade de belas Artes Universidade do Porto
- Holdsworth, N. (2006). *Joan Littlewood*. London: Routledge Taylor & Francis Group.
- Matarasso, F. (2007). *Community Art. Virtual Forum of Community Art, Utrecht*. Acedido em 22 de setembro de 2019, disponível em

<http://vredevanutrecht.com/community-art/2007/06/07/francois-matarasso>

- Namur, M (2011). *Networkink, production, identity: Cultural manager experiences*. CIDOB d'afers internacionals, n.o 95, pp. 89-98.
- Namur, M. (2018a). *Comunicação de aula sobre Meaning Oriented Strategic Planning*. In *Pós-Graduação em Práticas Artísticas e Comunidades*, Porto 27 de março.
- Namur, M. (2018b). *Comunicação de aula sobre Meaning Oriented Strategic Planning*. In *Mestrado Artes Cénicas*, Porto 11 a 13 de outubro.
- O'Brian, T, Ebert, L., Tiller, C. (2012-2014). *Academy of Participation - Capacity building for a cultural inclusive Europe. Participate! Toolkit for Participatory Practices:14-27*.
- Oddey, A. (1994). *Devising Theatre: A Practical and Theoretical Handbook*. London: Routledge.
- Pamuk, O. (2010). *O museu da inocência*. Lisboa: Editorial Presença
- Pamuk, O. (2016). *Neve*. Lisboa: Editorial Presença
- Parente, B. (2015). *As vozes do Teatro Comunitário: Testemunhos de quem participou*. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 501-532). Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pires, P. (2017). *Manual de Produção das Artes do Espectáculo*. Lisboa: Chiado Editora.
- Prendas, J. (2015). *Música e comunidade: uma relação possível?* In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 273-288). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reis, J; Carreiras, M.; Malheiros, J.; & André, I. (2015). *Orquestra Geração 2007-2014: a inclusão pela música*. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 289-324). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ruben, L. (2005). *Organização e Produção da Cultura*. Salvador: EDUFBA.
- Salvador, R. (2015). *A dança como metamorfose: a presença e a transformação do corpo através da dança, a partir do projeto de dança na comunidade de Madalena Vitorino*. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 241-2). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Scher, E. (2010). *Teatro de vecinos de la comunidad para la comunidad*. Buenos Aires: Argentores.

- Sousa, A. (2013). *Teatros Municipais e o envolvimento da comunidade local nos seus programas*. Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Doutora Luísa Arroz Albuquerque - Escola Superior de Artes e Design - Instituto Politécnico de Leiria
- *Visages Villages*. (2019). [DVD] Directed by JR; A. Varda.

ANEXOS

Anexo 1

Registos de Comunicações sobre o *Meaning Oriented Strategic Planing*

Registos de comunicação de Mahir Namur de 10/07/2017
London Summer School - European Academy of Participation

(**Nota:** os registos usam a língua portuguesa e inglesa quando não se encontram termos adequados para a tradução).

Learn by doing

Processo de aprendizagem permanente: “*learn by doing*” porque é a forma mais eficaz de aprendizagem, através da experiência.

É necessário começar com tábua rasa, pôr todo o conhecimento prévio de fora.

É um processo de improviso sucessivo, vamos vendo como é que as coisas funcionam e vamo-nos adaptando às consequências

Partilhamos tantas coisas nossas num processo criativo que chega a ser perigoso

Conventional strategic planing project development

“em que mundo quero eu viver? - é a resposta à pergunta *Why?*”

Quais são os meus recursos? Pensar nos limites realistas. Pensar numa forma realista de por em prática - *How?*

Para isso precisamos de concretizar os objectivos - *What?*

Por vezes a inspiração surge e temos necessidade de a concretizar no momento, mas isso não é produtivo. Temos que aprender a criar contextos criativos

Se temos uma ideia e desistimos de imediato é estúpido porque é arriscado. Quando aplicamos este modelo nos estamos a pensar sobre isso, por isso podemos analisar o risco e encontrar os dois lados da moeda.

Começando com experiências confortáveis vamos evoluindo a credibilidade e criando capacidade para lidar com situações mais desconfortáveis

Nos temos liberdade para encontrar significado em três situações:

- O que fazemos
- O que experienciamos na vida
- O que retiramos das adversidades

O sentido da vida é retirado da combinação da forma como interpretamos as situações nestas três perspectivas.

Não é tao importante descobrir “o criminoso” num filme policial, mas sim encontrar o potencial do momento, do processo e da co-criação construtiva

Processo de construção é uma espiral. Começamos por construir, observamos o resultado final, analisamos e reflectimos, agimos e iniciamos um novo projecto.

Registos de workshop de Mahir Namur a 24 e 25 de Março de 2018

Mestrado em Artes Cénicas - ESMAE

“Learn by doing”

Recursos - não só económicos, mas também vontades e motivações humanas e instituições

“What can we do here?” - é o ponto de partida para o início dos projectos exemplo de Sinopale, em 2006:

O que pode ser feito sem nada, só com memórias. Produção artística com essas memórias

Não há o desejo de criar um evento artístico - artes como elemento impulsionador do desenvolvimento

Não há financiamento (só de algumas instituições europeias, que apenas pagam custos de viagem), mas há apoios institucionais locais (como por exemplo quartos de hotel cedidos para alojamento)

Não há poder governativo instituído, não há regras, por isso os artistas gostam da liberdade criativa

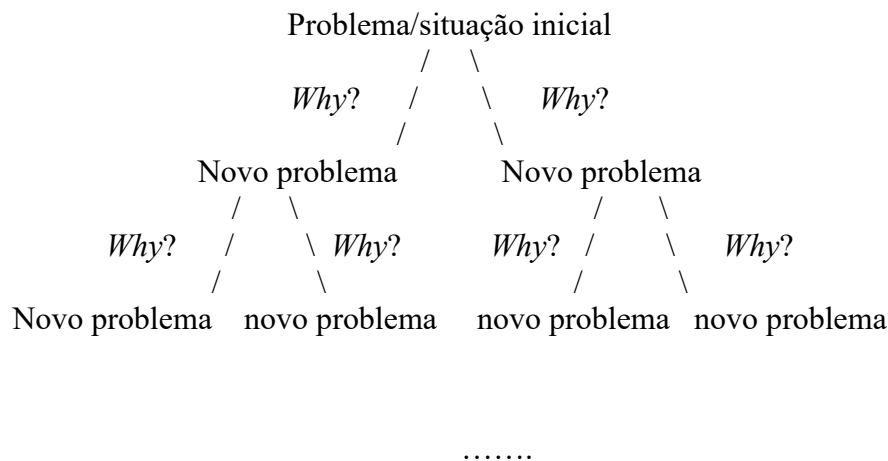
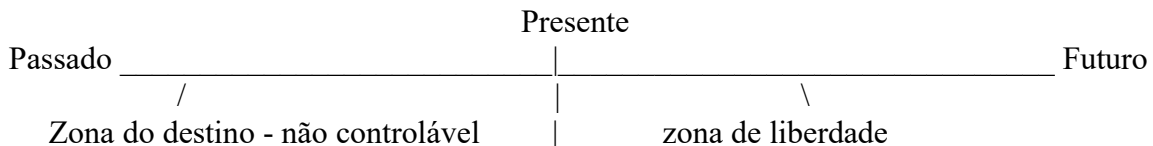
Oportunidade de reflexão e autorreflexão - ver o espaço, a cidade aos olhos das artes
“entusiasma-me muito ver como as criações artísticas influenciam directamente as pessoas”

Ter uma experiência artística e criar relações/ligações com o seu próprio passado

Os problemas locais não são apenas locais, são problemas mundiais (eg. problemas ambientais)

“life is really simple, but we insist on making it complicated”

1º *why?* - os valores implícitos, as motivações, internas e externas, é o que justifica as nossas acções e que nos dá motivação para continuar. Também é o que cria ligações com os restantes, incluindo financiamentos - a justificação. É o que faz com que o financiado se identifique com o projecto e o queira sustentar.



Encontrada a origem da árvore, vamos encontrar as questões onde podemos actuar para resolver o problema original. Temos que perceber quais os pontos em que podemos intervir, as que dependem de nos e os que são externos à nossa actuação. Deve ser identificada a zona de destino e a zona de liberdade.

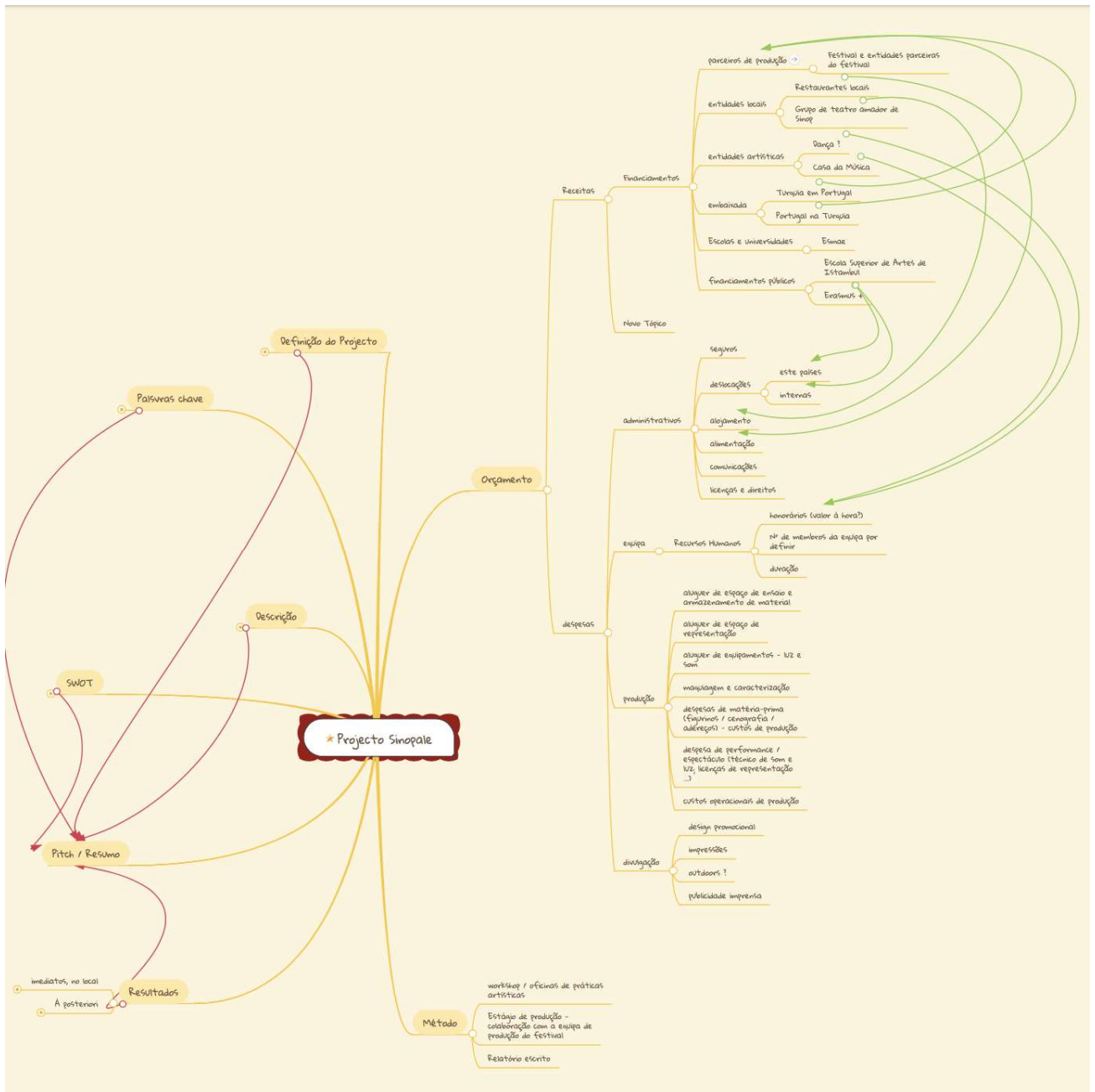
Neste momento devemos perceber o que podemos fazer com o que temos.

Não podemos mudar a situação total, podemos apenas descobrir como podemos torná-la melhor - encontrando os pontos em que podemos actuar, externos/estruturais

daqui deve resultar a metodologia para resolver as questões em que podemos intervir.

Anexo 2

Mapa Mental - Projecto Sinopale



Anexo 3

Proposta de Mestrado - Projecto Sinopale

Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo
Instituto Politécnico do Porto

Mestrado em Artes Cénicas - Direcção de Cena e Produção

Proposta de Projecto de Mestrado

Caminhos ComUns

~ Um Projecto Artístico Integrado no Festival Sinopale ~

Identificação: Sónia Granja Barbosa

Modalidade: Projecto

Orientação: Samuel Guimarães

Co-orientação: Regina Castro

Novembro 2018

Questão/Tema

Como pode ser a experiência de conceber, produzir e organizar um Projecto Artístico de criação e formação para o Festival turco Sinopale?

Tema:

Desenvolvimento do *Projecto Ka*⁵⁹ no que respeita à concepção, produção e organização, que integra o festival SINOPALE 2019:

- Apostando no conceito de cruzamento cultural entre profissionais das artes contemporâneas implementado no Festival
- Tendo como pressuposto os moldes do Festival de criação e produção de um projecto artístico comunitário assente em dois pressupostos: formação e criação artística

Palavras-chave

Festival Sinopale; Práticas Artísticas Performativas; Produção como Criação; Comunidades; Cruzamento Cultural

Objectivos

- Conceber, produzir e organizar o *Projecto Ka*, inserido na programação do SINOPALE 2019, assente em dois pressupostos (formação e criação);
- Desenvolver um programa de oficinas no âmbito do Teatro, Dança e Música, possibilitando o cruzamento cultural entre profissionais de Portugal e da Turquia atentos a uma linguagem artística dos dias de hoje;
- Criar, com a comunidade local de Sinop, uma apresentação artística que contemple o resultado formativo das oficinas de Teatro, Dança e Música.

⁵⁹ Nome inspirado na personagem principal do romance Neve de Pamuk (2016) que, a par do Museu da Inocência (Pamuk, 2010), servem ainda de quadro conceptual para o imaginário turco, enquanto o quadro conceptual do festival não é definido de forma a melhor orientar o trabalho.

Delimitação

O contexto

“*I've never seen anyone who has left Sinop unhappy.*” (Namur, 2018a)

Estas foram as palavras motoras deste projecto. Foi em 2017, no âmbito do *European Academy of Participation* em Londres, que ouvi falar pela primeira vez do SINOPALE, um festival comunitário em Sinop, com a primeira edição em 2006, numa pequena cidade no Norte da Turquia, banhada pelo Mar Negro e colorida por paisagens verdes e azul claro. Uma cidade ainda pouco desenvolvida, onde a agricultura é o principal foco de actividade. Uma cidade onde as artes chegam de uma forma ainda algo rudimentar, e que não acompanha a contemporaneidade da Ásia nem da Europa. Uma cidade onde a cultura, de alguma forma, fica esquecida. E neste contexto surge o SINOPALE (**Sinop+bianale**), festival que pretende trazer a Sinop o envolvimento da comunidade nas artes contemporâneas. Um festival que pretende devolver àquele espaço repleto de história a vontade de lhe pertencer, o orgulho de fazer parte de uma comunidade que tende a abandonar à procura de melhores condições de vida. Um espaço recheado de memórias que, aos poucos, foram perdendo vida, e que o festival pretende recuperar através da intervenção das artes (Sivil Toplum Diyaloğu, 2017; Sinopale, s.d.).

E desta primeira abordagem surge o convite, as primeiras palavras de interesse pela parte do Mahir Namur, num cruzamento cultural entre Portugal e a Turquia, numa colaboração no Festival. A proposta surge, dirigida à Esmæ, e acolhida com entusiasmo, partindo de uma ideia simples: colaboração na produção do festival. Daqui, rapidamente surgiu a vontade de viabilizar a colaboração de artista(s) português(es) no festival, integrando a programação do mesmo. E é desta ideia base, deste sonho, que surge a presente proposta.

O Festival

O Festival, decorre no verão, com a participação de artistas provenientes de diversos países que se deslocam até Sinop onde a comunidade local os aguarda para iniciar um novo processo de construção artística, potenciando assim o desenvolvimento turístico local. A reflexão sobre o seu próprio espaço, sobre a comunidade e questões de interesse comum tem ali um espaço de reflexão através das artes contemporâneas, proporcionando ainda à comunidade local um espaço de aprendizagem que lhes permite um contacto próximo com as artes contemporâneas que, durante o restante tempo, chegam ao local com uma expressividade pouco significativa (Sinopale, s.d.).

Sinopale é um evento bienal, planeado por artistas e agentes culturais, que investiga várias formas de resistência e adaptação de movimentos locais e iniciativas da sociedade civil. É um projecto internacional que, no contexto do desenvolvimento local, articula a sociedade com o objetivo de construir o diálogo através da cultura e das artes, no âmbito do modelo "produção artística baseada na partilha". Pretende que os cidadãos de todas as idades encarem novamente os seus próprios espaços de vida com uma visão para o futuro, que reflectam sobre problemas urbanos, que partilhem a memória colectiva histórica e a organizem por meio da produção artística criando um espaço de vida social melhor. Deste modo, é uma organização artística que envolve os habitantes da cidade no processo de produção, gerando um formato de intercâmbio cultural com o contexto local. Assenta, assim, numa estrutura colaborativa horizontal, que trará os artistas convidados junto dos cidadãos de Sinop para criar espaços para a prática estética, social e política (Görgün, 2018; Sinopale, s.d.).

Neste sentido, o festival compõe-se por uma multiplicidade de eventos de diferentes formatos como workshops, exposições, fórum e festival de cinema. Durante o festival, os artistas organizam workshops com a participação do público, permitindo uma expressão em linguagem internacional para problemas locais e criando uma consciência de apropriação; atraindo a atenção para questões de agenda internacional. Destes workshops resultam, na sua maioria, produções de obras de arte, apresentadas em exposições, mostras, happenings ou performances. Estas obras são multidisciplinares, variando entre diversas linguagens artísticas e cruzamentos de linguagens. Paralelamente, ocorrem os fóruns, onde se discutem temáticas variadas com o objectivo de desenvolver as potencialidades locais. Por fim no que respeita ao festival de cinema (vertente mais recente do Sinopale), pretende fazer chegar à comunidade uma selecção de filmes dos arquivos das instituições internacionais de cultura e arte. Todas as actividades decorrem dentro de um quadro conceptual definido pela organização como linguagem comum dos trabalhos (Sinopale, s.d.).

A sétima edição do Festival irá decorrer de 1 de agosto a 15 de setembro.

O Projecto Ka

Posto isto, aparentemente *as mangas já estão arregaçadas para pôr mãos à obra*. Num processo de desbravamento de obstáculos, de descobertas que se esperam vir a permitir “viver com ansiedades os contratemplos; intervir junto dos poderes públicos e privados, das autoridades; solicitar autorizações para a realização de tarefas que a tantos funcionários parece absurda para, finalmente, quando tudo for possível, a obra nasça.” (Ribeiro, 2011).

O desafio que se propõe aqui passa pela concepção, produção e organização de um Projecto que possa integrar os moldes do Sinopale, incluindo-se na sua programação. Assim, o *Projecto Ka* é um projecto de intercâmbio cultural que, em última instância, pretende um cruzamento de linguagens artísticas contemporâneas não só entre si, mas também entre Portugal e a Turquia, bem como o cruzamento de linguagens entre artistas e a comunidade local. O Projecto assenta no pressuposto de levar de Portugal uma equipa artística constituída por três elementos de diferentes áreas (Teatro, Dança e Música) que, em parceria com artistas locais (das mesmas áreas) constituirão a equipa artística do Projecto. Com base nas sinergias do espaço que acolhe e nas características dos participantes, esta equipa será responsável por encontrar uma orientação formativa que concilie linguagens portuguesas e turcas, proporcionando à comunidade local três workshops temáticos de uma semana (um de teatro, um de dança e um de música). Estes workshops culminarão numa performance única que conciliará os produtos finais de cada num objecto performativo onde artistas e comunidade apresentarão o resultado do processo.

Deste modo, pensa-se no *Projecto Ka* sob várias perspectivas distintas, assentes nos pressupostos de base do festival:

- Cruzamento cultural - parece aqui fazer todo o sentido olhar para o cruzamento cultural entre Portugal e a Turquia como um desafio. Deste modo, não faria sentido levar uma equipa de trabalho de Portugal para trabalhar com a comunidade local sem que pudéssemos trazer também na nossa bagagem a experiência de trabalhar com profissionais Turcos. E daqui surge o cruzamento cultural também nas linguagens artísticas entre profissionais, propondo que as equipas de trabalho sejam constituídas por profissionais de ambos os países. Deste cruzamento entre profissionais, deverá resultar um “modelo de trabalho” que conjuntamente deverão encontrar para orientar a implementação no terreno.

- Formação e Mostra de trabalhos - a estrutura do Projecto consiste numa semana de trabalho na qual três oficinas da área do teatro, dança e música ocorrem em simultâneo, em locais distintos, proporcionando a crianças e adolescentes da comunidade local uma exploração de uma das três áreas de trabalho. Este trabalho formativo culminará numa apresentação final que pretende conciliar as três linguagens artísticas trabalhadas.

- Equipa de Trabalho - Partindo do princípio que os artistas são também eles uma comunidade capaz de criar estratégias comuns, pensa-se aqui na possibilidade de criar uma equipa multidisciplinar, possibilitando assim um espaço de trocas e aprendizagens enriquecedoras para cada um dos profissionais envolvidos. Neste sentido, surge o segundo pressuposto: haverá três equipas de trabalho de disciplinas artísticas diferentes: teatro, dança e música, cujo trabalho será efectuado em separado, mas que culminará numa apresentação conjunta que cruze o resultado dos processos de cada equipa. Deste modo,

as três equipas terão que trabalhar para um objectivo comum, permitindo-lhes um cruzamento disciplinar orientador do trabalho, que possibilitará uma maior partilha.

- Destinatários - Por fim, e porque é nas crianças e adolescentes que o SINOPALE tenta encontrar a disponibilidade para a mudança, estes serão o público a que se pretende chegar para a implementação do projecto, a implementar-se nos bairros de Sinop, possibilitando uma semana de fruição de oficinas artísticas na envolvência do espaço local.

Para a concretização deste Projecto, muito caminho haverá ainda por desbravar, em plena consciência de que os objectivos propostos são ambiciosos. E é nesta consciência que se foca novamente a proposta das três abordagens do Projecto: concepção, produção e organização. No (de)correr do ano estará seguramente um cronograma apertado para cumprir, numa produção de *timings* apressados para a reunião de recursos que viabilizem a concretização do Projecto. Sendo o Festival suportado sobretudo por apoios locais, pretendendo promover as sinergias económicas de Sinop, não dispõe de financiamentos próprios (sustentando-se apenas com protocolos e parcerias que anulam os custos através de financiamentos em recursos não financeiros). O trabalho de todos os envolvidos é voluntário, não havendo portanto remuneração. Deste modo, acresce a necessidade de trabalhar sob um Plano de Produção devidamente estruturado que permita a viabilização financeira da proposta .

Citando Inês Maia (2017), “Sou uma optimista, mas o pessoal não se pode distrair na luta”. As adversidades serão, seguramente, inúmeras. As inseguranças mais ainda. Mas tudo na certeza de que a concretização terá um sabor mais intenso quando em paisagens turcas se vir nascer o sonho.

Estado da Arte

A primeira questão que parece pertinente destacar aqui, e que de alguma forma acompanhará toda a linha de pensamento de construção do Projecto (seguindo as orientações de Namur, 2018b; Fund. Academia Europea e Iberoamericana de Yuste, 2016), será abordar o *Porquê?*. E, tentando chegar à base da questão, questiona-se *porquê o Sinopale*. Apresentadas previamente de uma forma genérica as particularidades do Projecto, rapidamente o pensamento nos foge para uma realidade mais próxima, em Portugal, de diversos festivais comunitários que começam a surgir. Será o caso, a título exemplificativo, do Bons Sons (BonsSons 2018) (direccionado para a música, mas que movimenta toda uma comunidade local para a sua concretização) ou do Tremor (Tremor, s.d.) (também ele direccionado para a música, mas directamente influenciado pela paisagem local dos Açores onde decorre). Numa outra perspectiva, também remete para a Fábrica da Queima do Judas - ACERT (ACERT, 2018) (eventualmente mais próximo do Sinopale considerando que de uma semana de trabalho intensivo com a comunidade local, orientado

por profissionais, resulta um espectáculo final que conjuga teatro, música e construção de cenografia), ou para o MEXE (A Pele, s.d.) (na perspectiva dos fóruns de discussão de práticas artísticas comunitárias e de apresentações de trabalhos comunitários, incluindo-se os workshops dos quais por vezes resultam também produtos artísticos). Pode ainda, numa perspectiva distinta, ser referido o Andanças (mais focado na dança e na música, mas também ele recheado de uma programação de workshops intensivos na área da dança e da música onde muitos resultam em *happenings* com a comunidade do festival, orientados por artistas convidados de diversos locais não só do país como do mundo) (Martins, 2018). Seriam ainda muitos outros os exemplos passíveis de comparação, como o Festival do Castanho, Rádio Faneca, a Bienal de Cerveira, Terras sem Sombra.... Ou, numa realidade um pouco mais distante, exemplos como o FITECA em Espanha.

Mudando agora a nossa lente de observação, permitindo-nos um olhar mais macro, pode ver-se na Europa (onde se inclui a Turquia, ainda que parcialmente), uma tendência crescente para uma necessidade de pertença que ultrapassa as fronteiras dos países (Namur, 2011). Essa ideia remete também para o movimento das Capitais Europeias da Cultura, introduzido por Melina Mercouri em 1985, que pretende promover oportunidades para ter contacto e descobrir a grande diversidade cultural do nosso continente, bem como tomar contacto com um olhar sobre a nossa história e valores comuns, promovendo assim o sentido de pertença à comunidade europeia (Navracsics, 2015).

Estas ideias corroboram também com uma aparente mudança do paradigma artístico que progressivamente tendem a valorizar o envolvimento da comunidade. De uma forma mais clara, vem a valorização da experiência na arte e na cultura que, de acordo com Eliasson (2009), se relaciona directamente com responsabilidade na medida em que ter uma experiência é tornar-se parte do mundo, que por sua vez se relaciona com a ideia de dividir uma responsabilidade. Então a arte, neste sentido, relevância no mundo para o qual nos estamos a mover. Como diriam O'Brian, Ebert & Tiller (2012-2014) "*Art no longer wants to respond to the excess of commodities and signs, but to a lack of connections*". Convém então realçar que as Práticas Artísticas Comunitárias surgem como "resposta a um assunto ou circunstância colectivamente significativos. É uma colaboração entre um artista ou um grupo de artistas e uma comunidade na qual a última é a fonte principal do texto, possivelmente também dos actores, e definitivamente de grande parte do público." (Choen-Cruz, 2005 cit in Cruz, 2015), o que parece aqui, de certa forma, resumir o que se pretende com o trabalho artístico desenvolvido pelo Festival e que o presente Projecto pretende enquadrar. Deste modo, assume-se que "Um projecto artístico pode ser ele agregador de pessoas bem diferentes, mas que se encontram à volta de um desafio artístico e em comunidade trabalham juntas." (Prendas, 2015), sendo também desses "encontros

improváveis” que as comunidades se criam e encontram uma linguagem comum que lhes permite envolver-se e crescer conjuntamente (Cruz, 2015c).

Não perdendo de vista estas ideias, somos conduzidos a uma forma distinta de encarar as práticas artísticas, de as trabalhar, num quadro conceptual que poderá viajar desde as ideias do *Espectador Emancipado* de Rancière (2012) ao trabalho de Joan Littlewood (Holdsworth, 2006). E, deste modo, parece fazer sentido a ideia avançada por Matarasso (2007, cit in Bezelga, 2015:226) de que “a Arte Comunitária é encarada como metodologia de trabalho”. Não obstante, parece claro o consenso no que toca às Práticas Artísticas (sob esta perspectiva) no que respeita a um objectivo: o empoderamento dos envolvidos. E o Sinopale, mais do que qualquer outro festival aqui referido, parece ir de encontro a esta ideia na medida em que não perde o seu próprio *porquê* de vista, que passa pela autonomia da comunidade de Sinop para assumir o controlo das suas próprias vidas (Rappaport, 1987, cit in Cruz, 2015:48), não só a nível individual (variáveis intrapessoais e comportamentais), como organizacional (sistemas de mobilização de recursos e participação organizacional) e comunitário (estrutura sociopolítica e mudança social) (Zimmerman (2000 cit in Cruz, 2015:48).

Partindo do Modelo Clear⁶⁰ (Vivien, Lawrence & Gerry, 2006, cit in Cruz, 2015:47), parece justificar-se a estrutura de base do Sinopale e do *Projecto Ka*, considerando como base a formação que conduza a uma apresentação final. Deste modo, e pensando no Modelo de Intervenção Teatral para a Transformação Pessoal e Social (Cadete, 2013:221), permite-se assim criar um espaço de desenvolvimento pessoal e social que perdurem numa forma de ser e de estar na vida, partindo-se da Educação e da Comunidade como motivos teatrais (leia-se aqui num âmbito mais amplo as artes performativas em geral). De uma forma sucinta, segundo este modelo, pretende-se valorizar a cidadania, cujos valores são articulados e promovidos pela prática artística.

Não esqueçamos a ideia de que “The feast is a primary, indestructible ingredient of human civilizations; it may become sterile and even degenerate, but cannot vanish.” (Bakhtin, 2009:27). Deste modo, e corroborando a ideia de Cruz (2015:40) de que “A arte inspira-se e revela o real e o objectivo de forma poética e a comunidade precisa da urgência do imaginário e do subjectivo que a arte transporta.”, o Sinopale surge como pretexto aparentemente ideal para a implementação de um Projecto com a comunidade local,

⁶⁰ assenta no pressuposto de que há cinco aspectos essenciais para que o processo participativo ocorra: *Can* (necessidade dos recursos); *Like* (associado ao sentido de pertença); *Enabled* (capacitação das pessoas) *Asked* (solicitação e encorajamento das pessoas); *Responded* (a sua colaboração faz a diferença).

abordando diferentes linguagens artísticas proporcionando aos envolvidos um contacto com diferentes poéticas e imaginários.

Sendo o Sinopale um festival com financiamento limitado, tal como foi já referido, importa focar a importância que neste trabalho o Modelo de Produção assumirá para que ele se torne viável. E, considerando o contexto em que o Projecto surge, parece fazer sentido enveredar pelo “*Meaning Oriented Strategic Planning*” (Namur, 2018b; Fund. Academia Europea e Iberoamericana de Yuste, 2016), modelo esse também ele utilizado na produção do Festival. Partindo de uma ideia, onde o “*porquê*” está claro, é definida a “*realidade*” final que reflecte aquilo que nos move. E este processo aparentemente linear constrói-se progressivamente, em espiral de reavaliações sucessivas das acções e resultados, numa metodologia de *learn by doing*, que degrau a degrau conduzem à concretização do objectivo final (Mahir, 2018b; Fund. Academia Europea e Iberoamericana de Yuste, 2016).

Encontrado o *porquê* que aqui é motor de toda a acção e nos conduz ao *onde chegar*, e usando as palavras de Newlove (1993: 13 cit in Holdsworth, 2006:52), “*Once we know WHERE we are going in space, we must observe and analyze HOW we are going and WHAT KIND OF MOVEMENT ENERGY we use. Our choice of the type of muscular energy, or from now on, EFFORT, which determines how we carry out an action, is the result of previously experienced inner impulses.*”. Assim, agora retomando a questão inicial *Porquê o Sinopale?*, parece mais evidente que, considerando a forma como aqui se aborda a comunidade, o trabalho que se pretende fazer com ela, este será o contexto preferencial que se neste projecto se pretende explorar. Não perdendo o optimismo previamente referido, serve aqui de inspiração a ideia de Frankl (2005) de que “*Quem tem um **porquê** enfrenta qualquer **como***”.

Cronograma

Tarefa	Início	Término	Dias	Status	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Elaboração de Proposta de Projecto																
Definição de Tema e Objectivos	19-out	23-out	4d	Terminado	█											
Estado da Arte	19-out	1-nov	13d	Terminado	█											
Cronograma	19-out	15-nov	27d	Terminado	█	█										
Elaboração de Apresentação	24-nov	26-nov	2d	Terminado		█										
Apresentação	27-nov	27-nov	0ms	Terminado												
Reformulação de Trabalho	27-nov	29-nov	2d	Terminado												
Entrega de Trabalho	30-nov	30-nov	0ms	Terminado												
Pré-Produção																
Elaboração de Orçamento Previsional	1-nov	20-nov	19d	Em progresso		█										
Formalizar colaboração com o Festival	3-dez	15-dez	12d	Em progresso			█									
Pesquisa de Parcerias / Financiamentos	15-nov	31-jan	77d	Em progresso		█	█	█								
Contactos de Parceria / Financiamento	1-jan	31-jan	30d	Não iniciado				█								
Forcing de Parcerias / Financiamentos	31-jan	15-mar	43d	Não iniciado				█	█							
Reformulação de Orçamento	1-fev	31-mar	58d	Não iniciado					█	█						
Reformulação do Projecto Mediante Orçamento	1-abr	15-abr	14d	Não iniciado							█					
Formalização de Parcerias / Financiamentos	1-mar	31-mar	30d	Não iniciado						█						
Definição de Equipa de Trabalho	1-abr	30-abr	29d	Não iniciado							█					
Procedimentos Contratuais com Colaboradores	2-mai	15-mai	13d	Não iniciado								█				
Procedimentos Legais com o Festival	1-abr	31-mai	60d	Não iniciado								█				
Procedimentos Legais dos R.H.	15-mai	31-mai	16d	Não iniciado									█			
Reunião de Equipa para Redefinição de Projecto	1-jun	15-jun	14d	Não iniciado									█			
Booking alojamento	1-jun	15-jun	14d	Não iniciado										█		

viagens e alimentação																			
Reunião Produção Festival	15-jun	20-jun	5d	Não iniciado															
Definição de estratégia artística	20-jun	30-jun	10d	Não iniciado															
Dossier de Contabilidade	1-abr	15-ago	136d	Não iniciado															
Cronograma detalhado das actividades	1-abr	15-abr	14d	Não iniciado															
Trabalho de Produção no Festival																			
Trabalho de campo - pesquisa / exploração do local	26-jul	30-jul	4d	Não iniciado															
Trabalho de campo - contacto com parceiros	26-jul	7-ago	12d	Não iniciado															
Reunião com elementos da equipa local	28-jul	29-jul	1d	Não iniciado															
Trabalho de campo - definição dos locais	28-jul	31-jul	3d	Não iniciado															
Trabalho de campo - angariação de participantes	29-jul	5-ago	7d	Não iniciado															
Reunião equipa completa - definição de estratégia	3-ago	3-ago	0ms	Não iniciado															
Elaborar plano de sessões	3-ago	4-ago	1d	Não iniciado															
Construção de tabelas de trabalho	3-ago	4-ago	1d	Não iniciado															
Condições de Segurança	28-jul	10-ago	13d	Não iniciado															

Trabalho Formativo e Performativo no Festival																			
Base de dados dos participantes	5-ago	5-ago	0ms	Não iniciado															
Oficina Teatro	5-ago	9-ago	4d	Não iniciado															
Oficina Dança	5-ago	9-ago	4d	Não iniciado															
Oficina Música	5-ago	9-ago	4d	Não iniciado															
Preparação / organização de figurinos e adereços	5-ago	9-ago	4d	Não iniciado															
Preparação / organização de cenografia	5-ago	9-ago	4d	Não iniciado															
Preparação / organização luz e som	5-ago	9-ago	4d	Não iniciado															

Metodologia	1-mai	15-mai	14d	Não iniciado															
Resultados	15-ago	20-ago	5d	Não iniciado															
Discussão dos Resultados	20-ago	25-ago	5d	Não iniciado															
Conclusão	25-ago	26-ago	1d	Não iniciado															
Referências Bibliográficas	1-mai	1-set	123d	Não iniciado															
Anexos	26-ago	1-set	6d	Não iniciado															

Referências Bibliográficas

- ACERT (2018). Consultado em 29 de novembro de 2018, disponível em <https://www.acert.pt/judas/2018/>.
- A Pele (s.d.). Consultado em 29 de novembro de 2018, disponível em <https://www.apele.org/mexe-iv>.
- Bezelga, I. (2015). *Teatro e comunidade em Portugal: práticas que refletem a relação entre Teatro, Educação e Sociedade*. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 213-240). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bakhtin, M. (2009). *Rabelais and his world*. In T. Prentki & S. Preston (Ed.). *The Applied Theatre Reader*. London: Routledge Taylor & Francis Group.
- BonsSons (2018). Consultado em 29 de novembro de 2018, disponível em <http://www.bonssons.com>.
- Cruz, H. (2015). *Arte e comunidade: as formas de uma intersecção*. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 33-60). Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cruz, H. (2015c). *Possíveis leituras síntese e projecções futuras em arte e comunidade*. In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 533-547). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Eliasson, O. (2009, Fevereiro). *Playing with space and light*. [Ficheiro vídeo]. Recuperado a 28, Novembro, 2018, de https://www.ted.com/talks/olafur_eliasson_playing_with_space_and_light#t-554578
- Fund. Academia Europea e Iberoamericana de Yuste (2016, Outubro). *Mahir Nahur speech*. [Ficheiro vídeo]. Recuperado a 28, Novembro, 2018, de <https://youtu.be/TVhw6mtbqHE>
- Frankl, V. (2005). *Um Psicólogo no campo de concentração*. Lisboa: Vega
- Görgün, M. (2018). *Comunicação em conferência sobre Sinopale Festival*. In Summer School of European Academy of Participation, Amsterdam 6 de junho.
- Holdsworth, N. (2006). *Joan Littlewood*. London: Routledge Taylor & Francis Group.
- Namur, M (2011). *Networkink, production, identity: Cultural manager experiences*. *CIDOB d'afers internacionals*, n.o 95, pp. 89-98.

- Namur, M. (2018a). *Comunicação de aula sobre Meaning Oriented Strategic Planning*. In Pós Graduação em Práticas Artísticas e Comunidades, Porto 27 de março.
- Namur, M. (2018b). *Comunicação de aula sobre Meaning Oriented Strategic Planning*. In Mestrado Artes Cénicas, Porto 11 a 13 de outubro.
- Maia, I (2017). *O stress que faz a produtora sentir-se bem*. In Público, 8 setembro.
- Navracsics, T. (2015). *Foreword*. In European Commission (Ed.) *European Capitals of Culture - 30 years* (pp. 1-3). Luxemburg: Publications Office of the European Union
- Martins, A. (2018) *Comunicação de aula sobre Andanças*. In Mestrado em Artes Cénicas, 4, 15 e 29 de outubro.
- O'Brian, T, Ebert, L., Tiller, C. (2012-2014). *Academy of Participation - Capacity building for a cultural inclusive Europe*. Participate! Toolkit for Participatory Practices:14-27.
- Pamuk, O. (2016). *Neve*. Lisboa: Editorial Presença
- Pamuk, O. (2010). *O museu da inocência*. Lisboa: Editorial Presença
- Prendas, J. (2015). *Música e comunidade: uma relação possível?* In H. Cruz (coord.) *Arte e Comunidade* (pp. 273-288). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rancière, J. (2012). *O Espectador Emancipado*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes.
- Sinopale (s.d.). Consultado em 29 de novembro de 2018, disponível em www.sinopale.org.
- Sivil Toplum Diyalogu (2017, 3 de Janeiro). *Kalkınma için Sosyal Girişimcilik Projesi* [Ficheiro Vídeo]. Recuperado a 26, Novembro, 2018, de <https://youtu.be/vsy0sz-fkOg>
- Tremor (s.d.). Consultado em 29 de novembro de 2018, disponível em <http://www.tremor-pdl.com/pt/>.

Anexo 4

Sentido: Porto - Candidatura Criatório



Sentido: Porto

Projecto de Criação Artística Com Recurso à Exploração dos Sentidos

Candidatura CRIATÓRIO 2019
NAPALM_CTDCA

Sentido: Porto

Projecto de Criação Artística Com Recurso à Exploração dos Sentidos

1. A Ideia

Sentido: Porto é um projecto artístico a desenvolver com a população sénior do Porto que pretende despertar os sentidos para a cidade que actualmente nos rodeia, aportando numa (re)descoberta do espaço-cidade como matéria de criação performativa. As vivências despertadas pela exploração sensorial, aliadas às memórias de mais de 60 anos de vivências da cidade por parte dos participantes, resultarão num encontro da identidade do espaço.

Através da implementação de cinco oficinas artísticas nas áreas do Teatro e da Dança Contemporânea (cada uma destinada à exploração de um dos cinco sentidos), o desafio será encontrar um processo artístico que culmine na criação de um espectáculo agregador do material criado durante as oficinas. Como complemento ao processo criativo, aliamos a componente musical através da colaboração do Coro Sénior da Fundação António da Mota.

Para o efeito, serão criadas equipas de trabalho, para cada área artística, que integram um criador nacional e um internacional (trabalhando em duplas) residentes no Porto, de forma a proporcionar um espaço de partilha de experiências entre artistas e a integrar os recém-chegados ao Porto no tecido artístico e cultural da cidade.

Deste processo deverá também resultar uma publicação - *fanzine* - conjunta produzida pela equipa artística envolvida, que documente e reflecta o processo.

2. Entidade Candidata e Equipa Artística

2.1. A NAPALM_ctdca

A NAPALM_ctdca é uma Associação Cultural sem fins lucrativos que surge no Porto em 2008 a partir do desejo de criar uma estrutura artística que permitisse explorar possibilidades dentro das artes performativas. Assim, é por intuição e criação, uma Companhia que pensa as Artes no contexto da arte contemporânea.

Tem um trabalho maioritariamente marcado por uma vertente de exploração do corpo e da linguagem do “espectáculo contemporâneo”; e uma “forma de fazer” que não permite um espectador passivo, mas sim em constante estado de alerta. Os cruzamentos com outras expressões contemporâneas acentuam o carácter multidisciplinar e de pesquisa da Companhia.

Numa era em que impera a rotina, o *light* e o excesso, o consumo descartável, a alienação; num tempo em que os padrões de atenção são cada vez mais reduzidos, numa era de sensacionalismo, fanatismo, de informação fragmentada e numa sociedade fortemente assoberbada pela necessidade de (i)mediatismo, a NAPALM defende um espectáculo que “activa” o espectador e que o “marca”, permitindo assim uma continuidade da acção mesmo fora do espaço de cena. Desenvolve um trabalho que

alterna entre espaços convencionais e não convencionais, entre o palco e a rua, entre o Teatro e a Dança, em conjunto ou alternadamente.

A pesquisa leva igualmente a estabelecer pontes entre a(s) arte(s) e a(s) comunidade(s), trabalhando "para" e "com". Redefinindo fronteiras de actuação e alargando o espectro daquilo a que a NAPALM se propõe fazer, não apenas artisticamente, mas também enquanto agente cultural com responsabilidade e consciência social. O envolvimento de novos públicos para as artes é um dos focos primordiais.

Ao longo de quase 11 anos, de forma regular e contínua tem disponibilizado um programa de Serviço Educativo que aposta na abrangência do alcance de diferentes tipos de públicos. Efectua um trabalho dirigido às diferentes faixas etárias, sociais e territoriais, procurando sempre consolidar uma real criação de públicos e o fomento do interesse pelas artes em geral, e pelas artes performativas em particular.

Habitando o coração da cidade do Porto foram muitas as pessoas que cruzaram o espaço da NAPALM. Mas são ainda muitas as que há por descobrir, por conhecer e reconhecer. Muitas pessoas que habitam a alma identitária da cidade que a NAPALM pretende explorar através da sua linguagem artística contemporânea.

2.2. Equipa Artística

A Equipa Artística é constituída por dois elementos da área do Teatro, dois elementos da área da Dança Contemporânea e a colaboração do Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota. A gestão das equipas ficará a cargo da Direcção Artística. São aqui expostas as notas curriculares resumidas dos elementos já seleccionados para o **Sentido: Porto**. Fica em falta a nomeação de um elemento de Teatro e um de Dança que, por pretendermos encontrar "recentes" habitantes na cidade, não faz ainda sentido seleccionar dado o hiato temporal para a execução do Projecto.

Direcção Artística - Sónia Granja Barbosa (V. N. Gaia, 1984): Licenciada e Mestre em Psicologia; Pós-Graduada em Teatro e Comunidade e em Práticas Artísticas e Comunidades; Mestranda em Artes Cénicas; desde cedo mantém uma actividade regular ligada ao teatro e às artes performativas. Primeiro enquanto estudante e mais tarde, já enquanto profissional, fazendo uma junção entre as artes performativas e a Psicologia.

Há mais de oito anos que tem vindo a desenvolver um trabalho ligado à formação e animação com públicos diversos, onde se destacam sete anos de trabalho com o *O Riscas* onde promoveu inúmeras actividades artísticas com público escolar e respectivas famílias. Tendo particular interesse pela junção de diversas áreas artísticas, bem como pelo trabalho com comunidades diversas, destacam-se ao longo do seu percurso colaborações com a ACERT, nomeadamente na Queima e Rebentamento do Judas (Trigo Limpo - Teatro ACERT), ou com o Festival MEXE (Promovido pela Pele).

Ao longo do último ano esteve envolvida no *European Academy of Participation*, tendo tido a oportunidade de cruzar linguagens e aprendizagens com artistas de mais de diversos países (como Stefan Kaegi - Rimini Protokoll; Hermann Josef Hack; Samir Khebizi - Les Têtes de l'Art; Felipe Castelblanco - Norte Es Sur/Para-Site School; entre outros), estimulando o seu interesse pela implementação de linguagens artísticas contemporâneas

no seu trabalho. Encontra-se de momento a desempenhar funções de Direcção de Cena do espectáculo *Ópera Real*, com um elenco composto por 30 intérpretes, Encenação de António Durães e Direcção Artística de António Salgado, com estreia agendada para Maio de 2019 no Teatro Helena Sá e Costa. Actualmente é responsável pelas aulas de *Práticas Artísticas* da NAPALM, onde desempenha também a função de Produtora Executiva.

Teatro - Jaime C. Soares: (Coimbra, 1984) Encenador, Actor e Professor de Teatro. Iniciou a sua formação artística no Balletteatro Contemporâneo do Porto onde completou o Curso Profissional de Teatro e iniciou a sua incursão pela Dança Contemporânea. Posteriormente faz o Curso de Criação e Composição Coreográfica pelo Fórum Dança e mais tarde completa a sua Licenciatura em Teatro (Interpretação e Encenação).

Com mais de 12 anos de experiência como formador ministra, de forma regular aulas, cursos, workshops e fct's em diversos contextos profissionais e em colaboração com diferentes estruturas tais como: NAPALM, Balletteatro, Jobra, O Teatrão, A Oficina, Espaço T, Bibliotecas, Grupos de Teatro Amador, entre outros.

Enquanto formador, tem experiência de trabalho com a comunidade, abrangendo uma grande variedade de públicos e faixas etárias. Tendo tido oportunidade de leccionar para crianças, adolescentes e adultos com diferentes backgrounds e provenientes de distintos contextos sociais.

Do seu trabalho como encenador destaca a mais recente produção, *Ela, Bela ou a Imaculada Conceção* (2018), onde assume também a escrita do texto.

Em 2008 funda a NAPALM (Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente) onde exerce desde então as funções de Director Artístico e Formador.

Dança - Vera Santos (Porto, 1974): Estudou dança enquanto achava que ia ser escultora, acabando por optar pelo palco. Para dançar melhor estudou teatro, história e crítica de arte. Bailarina/intérprete desde o final dos anos 1980, uma década depois fez a sua primeira criação (na convicção de que estava a interpretar mais um papel) e por essa altura desistiu de concorrer aos apoios da D G Artes. Então coletada como Mestre de outros ofícios, iniciou também o percurso paralelo de leccionação/investigação da dança em diferentes corpos, idades, géneros e aptidões.

Desde 2000, como trabalhadora autónoma, tem disponibilidade para os desafios que lhe têm sido propostos na área da dança (na interpretação de personagens pictóricas, fotográficas, literárias ou imaginárias), na área da performance (do Museu de Serralves aos espigueiros do Lindoso), na área do teatro (como árvore no "À espera de Godot" em Cabo Verde ou como a Márcia de Raúl Brandão no "Teatro da Alma"), na área da escrita (sobre espetáculos e sobre a falta deles), na área da formação (de maiores de 65 que se preparam para missões em África a professores e crianças de 1º ciclo que em Guimarães têm teatro e dança como disciplina na Escola) e na área do pensamento (quando coreógrafa, faz assistência de criação ou orienta visitas no museu). Tudo isto enquanto bailarina/intérprete.

Tem colaborado com vários artistas mas também com lesões, livros, músicas, paisagens e outras matérias que nem sempre dão notícia. Sobretudo tem trabalhado com a realidade e o corpo que nela atua e se transforma.

Música - Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota: é um projeto, sob direcção musical de Jorge Queijo e Tiago Oliveira, com uma forte componente social e

solidária, idealizado em 2012 para o programa ARTES da Fundação Manuel António da Mota sediada no Porto, no âmbito da celebração do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e do Diálogo Entre Gerações. Envolveu um total de 45 participantes seniores, aposentados ou integrados em centros de dia, sendo atualmente composto por cerca de 30 participantes. A aposta no coro com estas características pretende salientar a importância que a música tem na integração do indivíduo em sociedade, possibilitando oportunidades de comunicação entre os membros de diferentes comunidades, tendo-se revelado muito mais do que uma mera estratégia de terapia ocupacional.

O Coro Sénior apresenta-se com um repertório variado, com uma certa dose de humor, contrariando o pressuposto de que a comunidade sénior apenas tem lugar em formações clássicas ou religiosas. A originalidade e o risco assumido na escolha de um repertório pouco habitual conduziram a que os resultados obtidos nas atuações públicas fossem surpreendentes, recebendo aplausos unânimes e culminando invariavelmente em reações emocionalmente fortes.

3. A Proposta - *Sentido: Porto*

3.1. Contexto

Numa sociedade em transformação, onde parece ser cada vez mais difícil a heterogenização das pessoas; onde a identidade cultural tende a uma globalização que embacia a identidade local; parece-nos preponderante pensar a cidade como um espaço de quem o habita no momento, sendo ou não residente, sendo artista ou não artista. E é partindo deste pressuposto que o ***Sentido: Porto*** nasce, da vontade de transversalizar as artes numa prática que se destina a cruzamentos improváveis que pretendem criar encontros que de outra forma dificilmente se proporcionariam, despertando para os *sentidos* e o *sentir* de uma cidade em mutação. E assim eliminar paredes invisíveis que permanentemente criamos a nós próprios, e que nos condicionam e limitam na nossa fruição plena do espaço que nos rodeia, para onde olhamos sempre com os olhos a que nos habituámos.

Numa cidade onde cerca de 1/4 da população está recheada de memórias construídas durante mais de 60 anos de vivências, parece imperativo lembrar a essas pessoas a ingenuidade da (re)descoberta de um espaço que também lhes pertence, fazê-las sentir o espaço da cidade numa espécie de expedição sensorial. Numa cidade onde passaram em 2017 mais de um milhão e meio de hóspedes, importa perceber que Porto temos para mostrar a quem acolhedoramente continuamos a receber. Qual a nossa verdadeira identidade? O que nos desperta os sentidos, considerando aquilo que nós somos? O que temos para descobrir, encoberto pelas transformações efémeras, numa identidade que não se perde? Quem é o Porto, o que vê, que cheiros o habitam, que sons o acompanham, que paladares nos desperta, que texturas nos imprime? Que corpo podemos imprimir à alma da cidade?

No Porto, com o Porto e para o Porto, com o objectivo de (re)descobrir a cidade actual por entre as memórias do que já foi e do que agora é, por quem a habita aqui e agora, numa adaptação permanente de (re)descoberta daquilo que é a identidade ainda crua que na cidade habita. Numa (re)descoberta dos sentidos, procurando o sentido da cidade que não se perdeu ainda e nela vive, à espera de quem passa atento.

3.2. Objectivos

- Desenvolver um programa de oficinas artísticas destinadas ao público sénior, partindo das memórias individuais para uma exploração conjunta do espaço-cidade, (re)descobrimo e criando uma memória colectiva identitária;
- Organizar equipas de trabalho nas áreas do Teatro e da Dança que contemplem artistas nacionais e internacionais, promovendo a sua integração na cidade e no tecido artístico local, fomentando a partilha de experiências;
- Criar, com a comunidade *sénior* local, uma apresentação artística que contemple o resultado formativo das oficinas promovidas;
- Estimular a pesquisa artística, potenciando o *networking* entre artistas de diferentes *backgrounds* culturais;
- Registar, reflectir e documentar o processo de criação, conciliando as diferentes visões da criação artística, através da publicação de uma *fanzine*.

3.3. Público-alvo

O **Sentido: Porto** dirige-se, numa primeira instância, ao público *sénior* da cidade, proporcionando um espaço de experimentação e fruição artística aliada à vivência da cidade por parte dos seus habitantes que há mais de 60 anos nela constroem memórias. Não obstante, pretende-se chegar a novos públicos atraindo uma diversidade de amigos e familiares dos participantes para a apresentação final, contando que a empatia que o espectáculo possa criar promova um crescente envolvimento (directo ou indirecto) com as artes no futuro.

Paralelamente, considerando não só o cruzamento de linguagens artísticas como também o envolvimento de artistas de diversas origens, poderão usufruir de uma experiência profissional que lhes permita encontros potenciadores de novas redes de trabalho na cidade. E, deste modo, chegar também à comunidade artística não portuense residente no Porto, integrando-a de uma forma mais inclusiva no tecido artístico e cultural da cidade.

Contudo, num sentido mais lato, este é um Projecto no Porto, para o Porto. Pretende-se (re)descobrir a identidade da cidade, e que a comunidade local possa usufruir dos seus benefícios, contando que tendemos a cuidar do que sentimos como nosso, aquilo com que nos identificamos.

3.4. Plano de execução

O **Sentido: Porto**, considerando as suas exigências, desenvolve-se em seis fases de execução:

a) Pré-produção

Numa fase inicial do **Sentido: Porto**, tendo já sido definidos os elementos da Equipa Artística originários da cidade, seleccionar-se-ão os dois elementos em falta para completar as duplas de trabalho. Assim, será aberta uma *call* à participação, divulgada em locais estratégicos.

Estes elementos serão seleccionados com base em dois critérios: ter nacionalidade não Portuguesa, estando a viver em Portugal há menos de seis meses; ter o objectivo de trabalhar na área artística na cidade do Porto. Ainda que não seja de todo um critério de exclusão, haverá igualmente uma preocupação com a orientação da linguagem artística, procurando-se sempre uma linguagem tendencialmente contemporânea por forma a potenciar a identificação e um melhor entendimento entre os elementos da equipa de trabalho.

b) Metodologia de Trabalho

Definidos os elementos que compõem a Equipa Artística, será marcado um primeiro encontro para que a rede de contactos se implemente, permitindo que as equipas possam dar seguimento à concepção das estratégias a adoptar nas oficinas por elas a implementar.

Neste sentido, para a elaboração das oficinas está previamente definida uma estrutura de base de trabalho proposta pela Direcção Artística que cada dupla deverá seguir: 1.Memórias → Vivências/Exploração Sensorial → 3.Identidade Colectiva → 4.Criação.

Com base na sequência apresentada às equipas artísticas, e tendo por base o pressuposto de que cada oficina se destina à exploração de um dos cinco sentidos (visão, audição, tacto, olfato e paladar - sem ordem pré-estipulada), cada dupla deverá estruturar a sua própria metodologia de trabalho, conciliando as suas experiências, conhecimentos e vivências. Assim, as duplas definirão um plano de propostas de actividades que proporcionem uma percepção diferente do espaço comum como matéria de criação, no âmbito do teatro e da dança.

c) Implementação das oficinas - exploração e criação artística

Paralelamente à concepção da Metodologia de Trabalho será aberta uma *call* à participação no **Sentido: Porto**. Essa *call* será dirigida a pessoas com sessenta ou mais anos que habitem na cidade do Porto ou cidades fronteiras, até um limite máximo de trinta participantes por área artística. O apelo à participação será feito recorrendo a uma estratégia de comunicação que pressupõe o contacto directo com Instituições da Cidade e a divulgação em diferentes plataformas (STCP, meios de comunicação da União de Freguesias do Centro Histórico do Porto, canais de divulgação online e flyers e cartazes distribuídos em locais estratégicos). Assim, far-se-á um apelo à participação de potenciais

participantes que, sem qualquer custo, poderão inscrever-se numa ou ambas as oficinas promovidas.

Reunidos os participantes, serão implementadas as oficinas de Teatro e de Dança. Aqui, o sentido dos nossos sentidos é o Porto, a cidade. A cidade actual, em mutação. A cidade recheada de portuenses e de memórias que lhes pertencem, que por vezes pouco se revêem num espaço em transformação. Durante três horas, semanalmente, será proporcionado um espaço de exploração da cidade, exploração das descobertas e criação. Pressupõe-se que no final de cada oficina, mediante orientação artística, seja compilado material resultante da criação colectiva que sirva de base para a criação da apresentação final.

Simultaneamente às oficinas decorrerão encontros regulares da Equipa Artística, permitindo um trabalho articulado e um contacto próximo entre os intervenientes, por forma não só a solidificar as relações, como também a direccionar o trabalho em curso para um fim comum. Neste momento é também integrado o Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota possibilitando uma articulação com vista à musicalização do Espectáculo.

d) Criação artística

Após as oficinas, serão reunidos todos os participantes para agregar os resultados. Sob orientação de ambas as duplas da Equipa Artística, previamente organizadas e estruturadas para o efeito, são harmonizadas as diversas propostas e organizadas na montagem de um espectáculo com base nas criações colectivas.

Tendo por base a exploração da cidade, pressupõe-se que este trabalho venha a convergir num enleado de memórias e reflexos do Porto pincelados pela estética das Artes e propondo uma nova sensação da Cidade.

Compete à Equipa Artística, em estreita comunicação com a Produção, encontrar soluções que façam sentido no que respeita à utilização dos recursos por forma não só a viabilizar a apresentação, como “recheá-la” de sentido no decorrer do processo.

e) Espectáculo

O Espectáculo irá acontecer em espaço cedido pela União de Freguesias do Centro Histórico do Porto. Será um espectáculo gratuito, aberto à comunidade geral, com pelo menos duas récitas previstas (em aberto a possibilidade de reposição). Em cena terá os participantes das oficinas e o Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota, num espectáculo em co-criação capaz de reflectir o processo de trabalho laboratorial levado a cabo até à data.

A divulgação será feita em locais estratégicos da cidade (e cidades vizinhas) recorrendo aos meios de comunicação da Junta de Freguesia do Centro Histórico do Porto, canais de divulgação online e concepção de flyers e cartazes distribuídos em locais estratégicos.

f) Reflexão e Criação Documental

Ao longo de todo o processo de trabalho é proposto à Equipa Artística que vá registando as vivências e experiências proporcionadas pelo **Sentido: Porto**, criando para o efeito uma espécie de *Livro de Artista* que contemple um aglomerado de reflexões e memórias acerca do processo.

Terminado o processo de trabalho de campo com a comunidade *sénior*, cada elemento da Equipa Artística deverá compilar o material recolhido e elaborar um artigo reflexivo do trabalho desenvolvido, capaz de espelhar não só o processo, como também as sensações e vivências individuais de cada elemento no grupo de trabalho. Deste modo, num modelo de redacção criativa de um artigo a incluir numa *fanzine*, serão reunidas as diversas experiências, desde a direcção aos artistas passando pela produção, possibilitando uma publicação que contemple uma visão abrangente e criativa do trabalho efectuado. O projecto finaliza com a apresentação da Publicação, prevista para janeiro de 2020 e que encerrará igualmente o processo de trabalhos. Não obstante, pretende-se que o desenvolvimento deste trabalho seja apenas a abertura de uma porta para a sua continuidade futura, esperando-se que a apresentação da Publicação não seja um fecho de processo mas sim um passo intermédio de algo que esteja já em expansão.

Deste modo, o planeamento do Projecto poderá resumir-se no seguinte **cronograma de execução física**:

	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro
Início das Actividades de Produção	█						
Definição da equipa artística estrangeira	█						
Call para participação		█	█				
Reunião Inicial Equipa Artística		█					
Concepção de modelo oficial		█	█				
Implementação das oficinas			█	█			
Reuniões intercalares da equipa artística			█	█			
Ensaio conjuntos					█		
Ensaio geral					█		
Apresentação Final					█		
Reunião final equipa artistica					█		
Produção documental					█	█	
Compilação documental e concepção da fanzine						█	█
Apresentação da Publicação							█

3.5. Orçamento e Cronograma de Execução Financeira

O seguinte quadro orçamental, reflecte e discrimina a divisão do investimento alocado a cada área. Indica igualmente todos os valores, distinguindo o valor de investimento solicitado ao CRIATÓRIO e o investimento próprio da NAPALM. Prevê-se uma execução financeira distribuída de Agosto (2019) a Fevereiro (2020). Os valores são apresentados divididos em sub-categorias de recursos humanos, produção e logística.

CATEGORIA	CRIATÓRIO	NAPALM	TOTAL	OBSERVAÇÕES (critério utilizado)	PLANO DE EXECUÇÃO FINANCEIRA						
					Ag.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.
Recursos humanos											
Direcção Artística	2500 €	0 €	2 500,00 €	25€/hora * aproximadamente 100h		625 €		625 €			1250 €
Produção	1200 €	800 €	2 000,00 €	Valor 10€/h - n° estimado de 100h	300 €	300 €	300 €	300 €	300 €	300 €	200 €
Equipa artística Teatro	3000 €	0 €	3 000,00 €	Valor atribuído à totalidade de colaboração no projecto, incluindo horas de reunião, oficinas, apresentação e concepção e produção documental * 2 elementos da equipa		750 €		750 €			1500 €
Equipa Artística Dança	3000 €	0 €	3 000,00 €	Valor atribuído à totalidade de colaboração no projecto, incluindo horas de reunião, oficinas, apresentação e concepção e produção documental * 2 elementos da equipa		750 €		750 €			1500 €
Equipa técnica	300 €	0 €	300,00 €	Equipa de Luz e som, 150€/dia - ensaio geral + apresentação final				300 €			
Design	320 €	0 €	320,00 €	Concepção Flyers (call e apresentação) + Cartazes (call e apresentação) + design gráfico da fanzine (sem		80 €	80 €				160 €
Audiovisuais	500 €	0 €	500,00 €	Registo vídeo e fotográfico do processo, ensaio geral e apresentação (edição de vídeo incluída)		125 €	125 €		250 €		
Produção											
Espaço	0 €	900 €	900,00 €	Espaço de ensaio, reunião e armazenamento de material - com possibilidade de uso do material técnico		180 €	180 €	180 €	180 €	180 €	
Luz e som	250 €	250 €	500,00 €	Aluguer de equipamentos luz e som para ensaio geral e apresentação final				500 €			
Figurinos	400 €	300 €	700,00 €	Figurinos e adereços cénicos a usar na Apresentação Final			700 €				
Material consumível	150 €	150 €	300,00 €	Valor médio de 5€ por inscrito		150 €	150 €				
Divulgação	1000 €	0 €	1 000,00 €	Divulgação STCP + impressão de flyers e cartazes para call e apresentação final + publicidade nas redes sociais (Instagram e facebook)	600 €		400 €				
Publicação	700 €	0 €	700,00 €	Impressão de tiragem de 400 exemplares com dvd - edição de autor						350 €	350 €
Logística											
Seguros	300 €	0 €	300,00 €	Valor do seguro (5€) * n° máximo de participantes		300 €					
Alimentação	1040 €	0 €	1 040,00 €	Valor de refeição (10€) * n° participantes apresentação final ; valor de refeição * equipa artística (ensaio geral + apresentação final)				1040 €			
Ajudas de custos	300 €	0 €	300,00 €	Deslocações Coro Sénior (ensaio geral e apresentação final)				300 €			
Licenças	40 €	0 €	40,00 €	Classificação Etária			40 €				
Valores Totais											
Total	15000,00 €	2400,00 €	17400,00 €		900 €	3260 €	1975 €	4745 €	730 €	830 €	4960 €

Conclusão

Com o **Sentido: Porto**, e com recurso à criação através das artes performativas, pretendemos criar um espaço de comunhão entre pessoas, proporcionando ligações entre elas e delas com o espaço. Um espaço também potenciador de relações de suporte social que, de alguma forma, ajudem a combater o isolamento em que tendencialmente a população *sénior* corre o risco de incorrer.

Numa imensidão de possibilidades a descobrir, num Porto também ele próprio num momento de plena expansão artística, parece-nos imperativo abrir espaço para novas contaminações artísticas, novos olhares e novos mundos que na cidade querem habitar, e que ao tecido artístico local desejam pertencer.

O formato oficial do **Sentido: Porto** permite um envolvimento de novos públicos com as artes no geral e com as artes performativas em particular, proporcionando uma aproximação real para com o acto da criação artística, tornando-a “mais familiar” e acessível a públicos inusitados.

A componente de processo e de pesquisa para a criação artística contemporânea do **Sentido: Porto** pretende também “fazer parte” e contribuir para a evolução dos discursos artísticos contemporâneos da cidade, acreditando que, ao proporcionarmos a expansão do *networking*, colaboramos também activamente para que isso possa ser uma realidade, potenciando uma plataforma de troca de experiências e conhecimentos que cremos ser artisticamente produtiva.

Parece-nos também relevante o número de possibilidades que se levantam, pois este é um plano formativo transcultural passível de ser replicado em diferentes contextos. A criação de uma *Fanzine* será mais uma forma de materializar o próprio projecto, enquanto documento de criação e reflexão artística do processo.

O **Sentido: Porto**, ao potenciar o vínculo das pessoas com o espaço-cidade pretende promover o sentimento de pertença e, deste modo, comprometer também a comunidade envolvida na participação activa da cidadania num espaço que lhes pertence. Citando Paulo Cunha e Silva, “A arte faz de vida como a ficção faz de realidade”. E é neste sentido que pretendemos caminhar, proporcionando através da criação artística um espaço de combinação de memórias e (re)descobertas sensoriais que nos conduzem ao que de mais genuíno possamos descobrir de nós na cidade que habitamos.

NOTA: Este documento não foi escrito ao Abrigo do Novo Acordo Ortográfico.

ANEXOS



INTENÇÃO DE PARCERIA

Declaramos para os devidos efeitos que, depois de devidamente apreciado o projecto SENTIDO: PORTO, concluímos tratar-se de um acontecimento de relevante interesse cultural para a nossa freguesia.

Assim, disponibilizamo-nos para o acolhimento das apresentações finais do projecto, bem como para prestar qualquer apoio técnico/logístico à boa execução do mesmo, bem como das sessões de preparação.

Disponibilizamo-nos igualmente para parceria de divulgação do projecto junto da comunidade, através dos meios habituais de comunicação.

Porto, 31 de janeiro de 2019

O Presidente

António Fonseca



Para envio de correspondência: Apartado 4637 4000-001 Porto
Rua Gonçalo Cristóvão, 187 - 4000-269 Porto – Telef. 226 052 740 E-mail: geral@uf-centrohistoricoporto.pt NIPC: 510835929

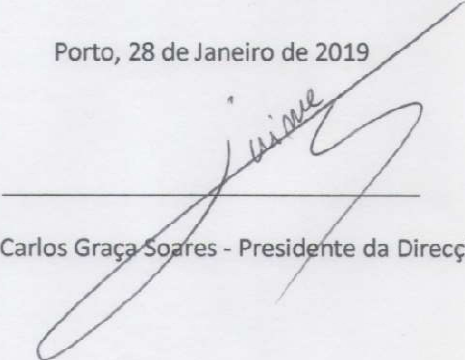


DECLARAÇÃO

A **NAPALM (Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente)**, na pessoa do seu Presidente da Direcção, Jaime Carlos Graça Soares, portador do CC nº: 13100668, declara sob compromisso de honra, que o apoio solicitado ao CRIATÓRIO se destina exclusivamente ao projecto **SENTIDO: PORTO**.

Por ser verdade, passo a seguinte declaração que assino.

Porto, 28 de Janeiro de 2019



(Jaime Carlos Graça Soares - Presidente da Direcção)

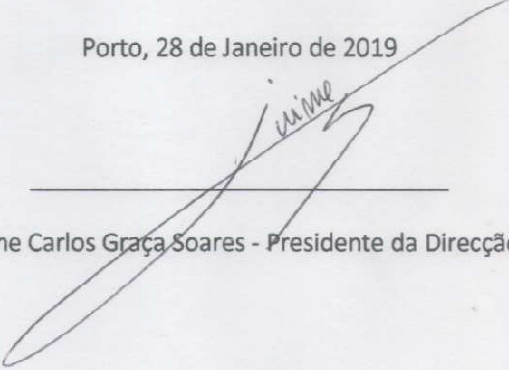


DECLARAÇÃO

A **NAPALM (Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente)**, na pessoa do seu Presidente da Direcção, Jaime Carlos Graça Soares, portador do CC nº: 13100668, declara sob compromisso de honra que no projecto **SENTIDO: PORTO**, se encontram salvaguardados os direitos de autor e os direitos conexos.

Por ser verdade, passo a seguinte declaração que assino.

Porto, 28 de Janeiro de 2019



(Jaime Carlos Graça Soares - Presidente da Direcção)



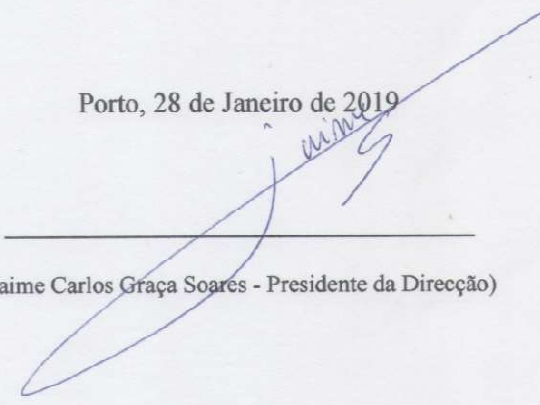
DECLARAÇÃO

A NAPALM (Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente), na pessoa do seu Presidente da Direcção, Jaime Carlos Graça Soares, portador do CC nº: 13100668, declara sob compromisso de honra que a presente Entidade Candidata ao **Criatório** se encontra em cumprimento nos seguintes âmbitos:

- Está regularmente constituída e devidamente registada
- Tem os órgãos sociais eleitos e em efectividade de funções
- Possui a situação regularizada relativamente a impostos devidos ao Estado Português e contribuições para a Segurança Social
- Não se encontra em situação de incumprimento perante o Município do Porto.

Por ser verdade, passo a seguinte declaração que assino.

Porto, 28 de Janeiro de 2019



(Jaime Carlos Graça Soares - Presidente da Direcção)

Anexo 5

Estudos de Viabilidade

Estudo de viabilidade financeira

O presente Projecto integra o Plano Anual de Actividades da NAPALM para 2019 na medida em que uma das apostas insurge sobre o trabalho com a comunidade local. Sendo um dos objectivos primordiais alargar públicos para a companhia, assim como dar-se a conhecer à comunidade local, e considerando que se trata de um Projecto destinado à comunidade *sénior* à qual a NAPALM não chega ainda em grande expressividade, este projecto surge como uma tentativa de alargar o espectro de público a que se destina o serviço formativo e artístico que a Companhia presta. Deste modo, o Plano Anual de Contas da Napalm prevê a existência de *cash-flow* para a boa execução do Projecto.

Deste modo, o investimento financeiro faz sentido integrando as actividades previstas, sendo um investimento reduzido (*budget de 500€*) e com perspectivas de retorno a longo prazo (e.g. com a angariação de dois alunos para as aulas regulares de teatro, em regime de pagamento trimestral - $30€ \times 11 \text{ meses} = 660€$ - o valor é excedido). Recorrendo maioritariamente a recursos já existentes na companhia e protocolados (no que diz respeito a material de luz e som, figurinos e cenografia), assim como à colaboração voluntária e/ou integrada no horário de trabalho já remunerado dos recursos humanos, torna-se necessário apenas o estabelecimento de protocolos e parcerias que viabilizem a execução das actividades para as quais a NAPALM não poderá dar resposta. É neste âmbito que surge a parceria com o Coro Sénior da Fundação António Manuel da Mota, colmatando a impossibilidade financeira da NAPALM de disponibilizar recursos financeiros para a componente musical do Projecto.

De igual modo, tendo as instalações da NAPALM sustentabilidade própria através dos rendimentos do Serviço Educativo (Aulas Regulares e Workshops/Formações pontuais), opta-se pelo uso das instalações de forma parcial apenas para trazer novos públicos ao espaço de ensaio da NAPALM, aproximando-os do trabalho efectuado. Paralelamente, o uso de instalações protocoladas (protocolo em processo com a Junta de Freguesia local), permitem à NAPALM alargar o seu espectro de actuação por forma a solidificar relações institucionais recentemente estabelecidas e de interesse comum.

A possibilidade de angariação de apoios particulares não será excluída, ainda que não seja determinante para a boa execução do Projecto. Apoios de pequenas empresas locais serão aqui vistas apenas como um elemento facilitador das condições já existentes, podendo complementar o Projecto com alimentação e/ou outros recursos de figurinos e adereços, aumentando também as relações institucionais da Companhia com o espaço envolvente e a dimensão da visibilidade do Projecto.

Em caso de necessidade no decorrer do Projecto, poderá ser considerada a possibilidade de atribuir um custo de inscrição nas oficinas. A atribuição de um valor associado à inscrição permitirá à NAPALM segmentar o público que pretende atingir, sem perder o foco no objectivo estratégico da Companhia de angariar novos públicos para o serviço formativo. Tendo este serviço formativo um custo mensal, pretende-se que este Projecto sirva também para segmentar o potencial público com quem se pretende iniciar trabalho no ano lectivo de 2019/20. Não obstante, e porque se pretende aqui perceber a quem chegam as acções promovidas, a atribuição de custo pela inscrição nas oficinas será sempre um último recurso a adoptar.

Estudo de viabilidade social

Numa sociedade em transformação, onde parece ser cada vez mais difícil a heterogeneização das pessoas; onde a identidade cultural tende a uma globalização que embacia a identidade local; parece-nos preponderante pensar a cidade como um espaço de quem o habita no momento, sendo ou não nativo, sendo artista ou não artista.

Numa cidade onde cerca de 1/4 da população está recheada de memórias construídas durante mais de 60 anos de vivências, parece imperativo lembrar a essas pessoas a ingenuidade da (re)descoberta de um espaço que também lhes pertence, fazê-las sentir o espaço da cidade numa espécie de expedição sensorial. Numa cidade onde passaram em 2017 mais de um milhão e meio de hóspedes, importa perceber que Porto temos para mostrar a quem acolhedoramente continuamos a receber. *Qual a nossa verdadeira identidade? O que nos desperta os sentidos, considerando aquilo que nós somos? O que temos para descobrir, encoberto pelas transformações efêmeras, numa identidade que não se perde? Quem é o Porto, o que vê, que cheiros o habitam, que sons o acompanham, que paladares nos desperta, que texturas nos imprime? Que corpo podemos imprimir à alma da cidade?*

Numa Cidade em permanente actividade, são aparentemente ainda poucas as que se direccionam ao público sénior. Numa sociedade com tendência ao envelhecimento, aparentemente estas pessoas terão uma maior necessidade de ocupação de tempo livre, considerando que depois de uma longa vida preenchida com trabalho o momento da reforma é muitas vezes um momento transitório de inadaptação.

Por outro lado, pensando nos mais recentes estudos sobre o envelhecimento, sabe-se que a actividade (física e mental) são fulcrais para o envelhecimento saudável. Assim, encontra-se neste projecto uma breve apresentação do que poderá ser não só uma actividade “lúdica” para a ocupação do tempo, mas igualmente promotora da saúde física e mental.

Aliada a estes factores vem a tendência ao isolamento para a qual estas idades surgem ainda sinalizadas como sendo de risco. Apesar de haver inúmeras actividades que lhes permitem o estabelecimento de relações (onde se incluem as Universidades Sénior, os Centros de Dia e muitas outras de que o Porto dispõe em grande número), não deixa de ser de referencia esse factor, sendo as actividades propostas neste Projecto de suma pertinência na sua inversão.

Estudo de viabilidade legal

Sendo um Projecto de criação colectiva orientada, os direitos autorais estarão assegurados pelo envolvimento dos próprios na sua criação. Serão considerados, dadas as parcerias estabelecidas, pagamentos de *royalties* (caso a apresentação tenha custo associado, o que só acontecerá se houver valor alocado à utilização do espaço).

Partindo da utilização de espaço devidamente licenciado para apresentações publicas, será apenas considerado da responsabilidade da NAPALM a faturação de bilheteira (se aplicável). Não se tratando de um espectáculo, não será necessário o pedido de classificação etária bem como quaisquer outras licenças específicas no que respeita a espaço de representação.

Não havendo pagamentos de honorários associados, não haverá questões contratuais a assegurar, sendo estas da responsabilidade das entidades envolvidas no Projecto em regime de parcerias instituídas e devidamente protocoladas.

No que respeita aos participantes, e por se partir do pressuposto que este Projecto ganhará pela sua divulgação, será dada a assinar uma Declaração de cedência de Direitos de Imagem no que respeita à sua participação nas oficinas e apresentação final, assegurando assim a divulgação do Projecto nos meios necessários com o seu consentimento legal.

Estudo de viabilidade cultural

Tomando por exemplo o recente espectáculo promovido pelo Rivoli (Projecto desenvolvido pelos Rimini Protokoll) 100% Porto e a respectiva adesão e sucesso, prevê-se que a proposta apresentada seja culturalmente bem acolhida e viabilizada não só pelos participantes como pelas entidades culturais locais. Olhando num registo mais abrangente para o trabalho desenvolvido por outras entidades locais, como é o caso da Pele que desenvolve há mais de 10 anos trabalho com a comunidade local, Projectos assentes no trabalho com a comunidade aparentam não só ter uma boa adesão como um sucesso no que respeita ao envolvimento de públicos.

Considerando a tendência das Instituições para a criação de Serviços Educativos (como sendo evidente no Teatro Municipal do Porto Rivoli, no Teatro Nacional São João ou, um outro âmbito, na Casa da Música), são inúmeros os exemplos de trabalhos promovidos com e para a comunidade, cujo principal objectivo assenta na atração e envolvimento de novos públicos no serviço que as instituições prestam à comunidade. Deste modo, as Políticas Culturais locais parecem tender para a preocupação de proporcionar experiências artísticas a “não artistas”, envolvendo as comunidades locais no trabalho que desenvolvem.

Por outro lado, numa população a tender para o envelhecimento, apesar de serem vários os exemplos de trabalhos desenvolvidos com e para a comunidade sénior (como exemplo o Coro Sénior da Fundação António Manuel da Mota aqui em parceria), continua a ver-se um trabalho Institucional ainda pouco direccionado para esta população. Não obstante, o presente trabalho englobará um levantamento de Entidades cujo trabalho abranja a comunidade sénior, por forma a alargar o espectro de participantes do Projecto e tentando proporcionar uma maior oferta de programas de ocupação por essas Entidades desenvolvidos.

Tendo por base a ideia de que o público sénior é em grande escala constituído por pessoas funcionais e capazes, há uma carência de actividades que lhes permitam manter em actividade as suas capacidades, assim como a possibilidade de continuar a usufruir de novas experiências para as quais não dispunham de tempo enquanto população activa.

Anexo 6

Planificação de Reunião

Local: Napalm

Data: 19/02/2019

Hora: 21h30

Assunto: Discussão de Projecto: Sentido Porto

Pessoas presentes: Sónia, Tiago, Jaime (junta-se mais tarde)

Assuntos a discutir:

- Moldes de colaboração do Coro Sénior no Projecto
- Metodologia de trabalho
- Atribuição de funções
- Distribuição de tarefas
- Estratégias de implementação
- Valores/orçamento
- Perspectivas futuras no caso de Criatório recusado

Anexo 7

Distribuição inicial de tarefas

Legenda:

Sónia

Jaime

Tiago

Actividades	Tarefas Pré-produção	Tarefas Produção	Tarefas Pós-Produção
Oficinas	<ul style="list-style-type: none"> - Agendar oficinas - confirmação de disponibilidades da Equipa - Planear oficinas - Encontrar sala de ensaios disponível (se não na NAPALM) - Mapeamento de espaços a explorar no exterior - Preparar a sala de ensaios - Call à participação (elaborar e difundir) 	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicar e discutir plano de oficinas com a Equipa Artística - Comunicar os ensaios aos participantes - Dirigir os ensaios - Preparar e entregar guiões aos participantes - Elaborar o guião de direcção de cena - Ajustar guiões de oficinas) - Combinar produtos das oficinas para apresentação - Articulação entre Napalm e Coro Sénior - Enumerar todos os adereços no local (mesa de adereços) - Preparar camarins no espaço de representação 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer um balanço do processo e o consequente resultado final - Contacto com participantes e entidades envolvidas para respectivo Feedback e agradecimento
Cenografia e adereços	<ul style="list-style-type: none"> - Planear estratégia de cenografia perante inexistência de orçamento - <i>Briefing</i> de material disponível para utilização na Napalm 	<ul style="list-style-type: none"> - Transportar o material - Montar cenário 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer o balanço sobre o trabalho e o consequente trabalho final

Actividades	Tarefas Pré-produção	Tarefas Produção	Tarefas Pós-Produção
Figurinos	<ul style="list-style-type: none"> - Planear estratégia de figurino perante inexistência de orçamento 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar proposta - Acompanhar ensaios com figurinos (ajuste se necessário) 	<ul style="list-style-type: none"> - Assegurar a limpeza de figurinos - Devolver figurinos emprestados - Armazenar os figurinos - Fazer um balanço sobre o trabalho e consequente resultado final
Luz/som	<ul style="list-style-type: none"> - Visitar espaço de apresentação 	<ul style="list-style-type: none"> - Executar o desenho de luz e som (experiências em sala de ensaio) - Transportar o material - Montar som/luz - Operar som/luz - Acompanhar última oficina, ensaio geral e apresentação 	<ul style="list-style-type: none"> - Desmontar o material de luz e som - Fazer um balanço sobre o trabalho e o consequente resultado final
Montagens/desmontagens		<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar plano de montagem e desmontagem de todo o material - Acompanhar montagens 	<ul style="list-style-type: none"> - Desmontar e transportar cenários e adereços - Devolver adereços emprestados - Armazenar cenários e adereços - Fazer balanço sobre o trabalho de montagem e desmontagem

Actividades	Tarefas Pré-produção	Tarefas Produção	Tarefas Pós-Produção
Produção	<ul style="list-style-type: none"> - Reservar espaço de ensaio / oficinas - Reservar espaço de representação - Reunir com os criativos (marcar e dirigir as reuniões) - Contactar entidades de acesso ao público alvo - Constituir a equipa de participantes e respectivas inscrições - Criar bases de dados - Definir ferramentas de comunicação interna - Elaborar plano de divulgação - Angariar patrocínios e/ou apoios - Listar os recursos necessários - Aprovar o orçamento - Elaborar o orçamento definitivo - Licenças e autorizações - Elaborar instrumentos de controlo - Preparar a apresentação do projecto 	<ul style="list-style-type: none"> - apresentar o projecto à equipa - Supervisionar as várias áreas envolvidas - Executar acções de divulgação - Preparar o espaço de ensaios e representação - Assegurar aspectos logísticos: alimentação, transportes ... - Controlar o orçamento - Fazer acompanhamento do espectáculo na imprensa (recolher notícias - <i>clipping</i>) - Preparar folhas de sala - Vender bilhetes 	<ul style="list-style-type: none"> - Supervisionar desmontagens - Supervisionar limpeza, devolução e armazenamento de material - Fazer um balanço financeiro da produção - Fazer um balanço da produção no âmbito da Companhia - Fazer um balanço da produção no âmbito das parcerias e protocolos - Fazer um balanço da produção no que diz respeito à política de divulgação - Encerrar dossiers - Definir continuidade do Projecto
Pagamentos / recebimentos	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar instrumentos de controlo de tesouraria - Receber inscrições - Receber apoios/patrocínios 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer pagamentos a fornecedores (se aplicável) - Receber receitas de outros financiamentos (se aplicável) - Receber receitas de bilheteira (se aplicável) 	<ul style="list-style-type: none"> - fazer pagamentos a fornecedores (se aplicável) - Fazer pagamentos de serviços variados (se aplicável) - Fecho de contas

Anexo 8

Cronograma de Projecto

Tarefa	Responsáveis	Início	Término	Dias	Status	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Concepção de Projecto										
Ideia, tema e objectivos	Sónia (Tiago e Jaime)	01-01	27/fev	57	Finalizado					
Abertura de dossiers	Sónia	19/fev	19/fev	#####	Finalizado					
Definição de Equipa de Trabalho	Sónia	19/fev	19/fev	#####	Finalizado					
Calendarização	Sónia	19/fev	19/fev	#####	Finalizado					
Distribuição de tarefas	Sónia (Tiago e Jaime)	19/fev	19/fev	#####	Finalizado					
Gestão de Projecto	Sónia	19/fev	30-06	131	Finalizado					
Pré-Produção (geral)										
Elaborar dossier de Projecto	Sónia	19/fev	30/jun	131	Finalizado					
Articulação de Recursos Humanos	Sónia	19/fev	30/jun	131	Finalizado					
Agendamento e direcção de reuniões	Sónia	19/fev	13/jun	114	Finalizado					
Pesquisa de Potenciais Parcerias	Sónia (Jaime, Tiago)	20/fev	30/abr	69	Finalizado					
Elaboração Escrita de Propostas de Parcerias / Financiamentos	Sónia (Jaime)	25/fev	05/mar	8	Finalizado					
Elaboração de bases de dados de parcerias para espaço de apresentação	Sónia	01/mar	15/mar	14	Finalizado					
Elaboração de bases de dados de parcerias para espaços de oficinas	Sónia	01/mar	15/mar	14	Finalizado					
Gestão orçamental	Sónia	01/mar	15/jun	106	Finalizado					
Elaborar Dossier de Contabilidade	Sónia	01/mar	05/mar	4	Finalizado					
Elaboração de bases de dados de parcerias para participantes	Sónia	15/mar	01/abr	17	Finalizado					
Contactos protocolares	Sónia (Jaime)	15/mar	15/abr	31	Finalizado					

Reserva de espaço para apresentação final	Sónia (Jaime)	20/mar	30/mar	10	Finalizado					
Definição de estratégia artística	Sónia Jaime Tiago	01/abr	30/abr	29	Finalizado					
Divulgação das oficinas (contactos)	Sónia (Jaime)	15/abr	12/mai	27	Finalizado					
Elaborar Plano e Cronograma detalhado das actividades (oficinas + ensaios)	Sónia	15-04	06/mai	21	Finalizado					
Angariação de participantes	Sónia (Jaime)	15/abr	12/mai	27	Finalizado					
Briefing de material disponível para utilização - cenografia e figurinos	Jaime (Sónia)	20/abr	10/mai	20	Finalizado					
Visita ao espaço de apresentação para confirmação de condições	Sónia	20/abr	10/mai	20	Finalizado					
Assegurar aspectos logísticos	Sónia	01/mai	15/jun	45	Finalizado					
Divulgação da apresentação final (contactos)	Sónia (Jaime, Tiago)	15/mai	15/jun	31	Finalizado					
Seleção de cenografia e figurinos	Jaime (Sónia)	03/jun	13/jun	10	Finalizado					
Levantamento de material emprestado	Sónia Tiago	10/jun	13/jun	3	Finalizado					
Produção										
Articulação entre equipas (Música e Teatro e respectivos participantes)	Sónia (Tiago)	01/mai	20/jun	50	Finalizado					
Questões legais	Sónia	10/mai	11/jun	32	Finalizado					
Base de dados dos participantes	Sónia	13-05	21/mai	8	Finalizado					
Implementação das oficinas	Jaime Sónia	13/mai	10/jun	28	Finalizado					

Contactos protocolares para material em falta	Sónia	13/mai	10/jun	28	Finalizado						
Preparação do espaço das oficinas	Sónia (Jaime)	13/mai	13/mai	#####	Finalizado						
Feedback de ensaios e desenvolvimento de trabalho - reuniões de equipa artística	Sónia	13/mai	13/jun	31	Finalizado						
Ensaio Coro Sénior	Tiago	15/mai	14/jun	30	Finalizado						
Criação de ambiente sonoro - ensaios coro	Tiago	15/mai	05/jun	21	Finalizado						
Rider técnico e recursos	Sónia, Tiago, Jaime	20/mai	24/mai	4	Finalizado						
Preparação / organização de figurinos e adereços	Sónia Jaime	20/mai	24/mai	4	Finalizado						
Preparação / organização luz e som	Tiago Sónia	20/mai	10/jun	21	Finalizado						
Preparação / organização de cenografia	Sónia Jaime	01/jun	13/jun	12	Finalizado						
Elaboração de guiões de apresentação (participantes e eq. Artística)	Sónia	03/jun	15/jun	12	Finalizado						
Dramaturgia e selecção de material a apresentar	Jaime Sónia	03/jun	15/jun	12	Finalizado						
Seleção de alinhamento musical	Jaime (Tiago)	03/jun	05/jun	2	Finalizado						
Comunicação de imprensa e <i>clipping</i>	Sónia	07/jun	15/jun	8	Finalizado						
Venda de bilhetes	Sónia	10-06	15-06	5	Por iniciar						
Recolha de material e registos das oficinas	Sónia	13/jun	10/jun	-3	Finalizado						
Ensaio montagem	Jaime	13/jun	13/jun	#####	Finalizado						
Transporte de equipamentos	Sónia (Jaime, Tiago)	13/jun	15/jun	2	Finalizado						

Preparação do espaço de apresentação	Sónia	14/jun	15/jun	1	Finalizado					
Supervisão de montagens e desmontagens	Sónia	14/jun	15/jun	1	Finalizado					
Montagem técnica	Tiago Jaime Sónia	14/jun	15/jun	1	Finalizado					
Montagem cenográfica	Jaime Sónia	14/jun	15/jun	1	Finalizado					
Ensaio Técnico	Tiago Jaime Sónia	14/jun	14/jun	#####	Finalizado					
Ensaio Geral	Jaime Tiago Sónia	14/jun	14/jun	#####	Finalizado					
Operação de som	Tiago → Sónia	14/jun	15/jun	1	Finalizado					
Apresentação Final	Sónia Jaime Tiago	15/jun	15/jun	#####	Finalizado					
Preparação do lanche de fecho	Sónia	15/jun	15/jun	#####	Finalizado					
Pós-Produção										
Devolução de empréstimos	Sónia	15/jun	17/jun	2	Finalizado					
Armazenamento de materiais	Sónia	15/jun	18/jun	3	Finalizado					
Lanche de fecho	Sónia (Jaime)	15/jun	15/jun	#####	Finalizado					
Armazenamento e manutenção de cenografia e figurinos	Sónia	15/jun	18/jun	3	Finalizado					
Fecho do processo de oficinas	Sónia Jaime	15/jun	15/jun	#####	Finalizado					
Proposta de continuidade	Sónia Jaime	15/jun	15/jun	#####	Finalizado					
Feedback e agradecimentos aos participantes, parceiros e outros envolvidos	Sónia	18/jun	20/jun	2	Finalizado					
Contabilidade - Fecho de contas	Sónia	20/jun	25/jun	5	Finalizado					
Registos e Dossier de Produção										

Balanço do Projecto	Sónia	16/jun	30/jun	14	Finalizado					
Perspectivas futuras	Sónia	16/jun	30/jun	14	Finalizado					
Encerrar dossier de contabilidade	Sónia	26-06	29/jun	3	Finalizado					
Encerrar o Dossier de Produção	Sónia	28/jun	30/jun	2	Finalizado					

Anexo 9

Base de Dados - Espaços a Contactar

Acompanhamento de contactos - Apresentação e/ou oficinas

A aguardar resposta	Rejeitado	Possível mas não o ideal	Viável					
Instituição	Contactado	Site	telefone	email	Pessoa de contacto	Acompanhamento		
Porto Lazer	sim	http://www.portolazer.pt/paginas/contactos_5				Enviar email com descrição completa do projecto + <i>rider técnico</i> + data e horário	responde no limite até dia 15	
Camara municipal do porto - pelouro da cultura	sim							Encaminham para o Teatro Municipal do Porto - não tem outras salas que abarquem espaço - Pequeno auditorio Rivoli - falar com Pedro Silva (chefe de Edição - equipa cénicos)
Auditorio biblioteca almeida garrett	sim					Enviar mail a pedir disponibilidade de data e descrição do projecto - é levado a aprovação superior com custos ou sem custos		Responderam com indicação de indisponibilidade de espaço e sugestão de outros espaços a contactar
Clube dos Fenianos Portuenses	sim	https://www.clubefenianos.pt/				Fazer pedido por email - encaminhado para direcção que responde		tem disponibilidade de data, e valores impraticáveis pelo aluguer de sala.
Conservatorio do porto	sim					enviar mail!		
Casa das Artes	Sim			Não atende!				dia previsto para desmontagem de evento no interior e exterior. pouco provável
ccop - circulo católico de operários do porto	não							
Museu Nacional Soares dos reis	sim				Auditório com 180 lugares	Contactaram a informar que a Directora tomará conta do assunto na próxima semana e entrará em contacto	Espaço vai entrar em obras no início de Junho	Porta aberta para outros projectos depois das obras
Cinema Passos Manuel	não							

Teatro Sá da Bandeira	não						
Ateneu comercial do Porto	não						
- Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da CMP	não	http://portoccd.org/porto-de-vista		nao atende			
- Casa de Bonjónia	sim	http://www.cm-porto.pt/social/cedencia-de-espacos				Pedido do espaço exterior feito para a camara na parte do ambiente	
Junta Freguesia de Bonfim	sim						
Junta Freguesia de Campanhã	sim						
Junta Freguesia de Ramalde	sim						
Junta Freguesia Paranhos	sim						
União Freguesias de Aldoar Foz do Douro e Nevogilde	sim						
União Freguesias de Cedofeita St.º Ildefonso, Sé, Miragaia; S. Nicolau e Vitória	sim					2 auditórios, um em Stº Ildefonso + um - ambos pequenos para a dimensão do projecto - palco pequeno e capacidade para pouco publico; AMBOS DISPONIVEIS!!	Com possibilidade e de usar o espaço para sala de ensaio Com disponibilidade para parceria de comunicação - enviar protocolo para aprovação
União Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos	sim						
Fábrica Social	não						
Museu da Misericórdia do Porto	sim						
Fundação Cupertino Miranda	sim					está a ser analisado, a aguardar resposta	
Museu do carro electrico	sim					csrdias@stcp.pt A/C. Dra. Carla Dias	

Gabinete do Município da CMP	sim				é necessário enviar requerimento demora no mínimo 15 dias a ter resposta e provavelmente será negativa.			
Metro do Porto	sim				Catarina Ferreira - Gabinete de comunicação	Conseguem ceder ponto de luz, não têm estruturas. Fazem apoio à divulgação, incluindo na Metro Tv (desde que se faça chegar um spot com 30seg). Cedem o espaço do jardim, limpam o relvado no dia anterior, desligam tubagens da relva - divulgação a partir de 1 de junho. dão resposta durante a próxima semana.		
Teatro Universitário do Porto	sim							
Serralves	sim							
Fundação José Guimarães	sim							
Escola Alexandre Herculano	sim				A/C da direcção	ligar dia 24		
Faculdade de Belas Artes	sim					A/C Directora	tem sempre valor de aluguer de espalos	utilização de espaço + custo de funcionário
Árvore	sim							
Fundação Eng. António de Almeida	sim	http://www.feaa.pt/Inicio.aspx				só é possível em auditório por estar em obras o jardim - 16/4 dimensões de palco		
Fundação Salesianos ???	não							
Centro Social e Paroquial de S. Miguel de Nevogilde	sim							
Seminário de Vilar	sim					aluguer de espaço - inst sem fins lucrativos	aud grande 3000€ com viva	
Biblioteca Pública Municipal do Porto	sim				Segunda é dia de folga			

Quinta do Covelo	sim							
Parque de S. Roque	sim							
Parque Oriental	sim							
Parque da Cidade	sim							
Quinta da Bonjóia	sim							
Tuna Musical de Santa Marinha								
Esmac								
Casa do Infante	sim					Inviável - com programação semestral fechada até ao final de junho - programação coordenada pela CMP		
Museu do Vinho do Porto	sim					Enviar email para aprovação da divisão municipal dos museus		
Museu do Carro Eléctrico	sim					Administração não é receptiva a estas actividades		
Praça das Cardosas	não					Contacto efectuado com departamento do Turismo, que encaminhou para condomínio que é o responsável pela cedência do espaço		
Divisão Municipal dos Museus	sim					Disponível para contacto a 12-04	novo contacto a 18-04, não estava	
MMIPO	não							
Pavilhão da Água	não							
Palácio das Artes	sim					Vai haver exposição, pode ser usar a exposição como base de trabalho, mas não tem salas disponíveis porque está tudo ocupado com a exposição	mail enviado a 18-04	
Casa Museu Guerra Junqueiro	não							
São Bento	não							
Museu da Ciência da Universidad	não					Não atende!!!		

e								
Palácio da Bolsa	não					Enviar mail para aluguer de salas		
Casa das Artes	não							
Parque da Cidade	não							
ESMAE	não							
Serralves	nao							
Pavilhão da água	nao							

Anexo 10

Gestão Orçamental

Gestão Orçamental

Orçamento previsional			Orçamento real		
categoria	descritivo	Previsto	categoria	descritivo	Previsto
Investimentos possíveis			Investimentos possíveis		
	Consumíveis oficinas	50		Consumíveis oficinas - saquinhos pequenos + fita de papel	12,75
	Pequenos ajustes cenografia	50		Adereços de cena - impressão de folhas de hóstia + arranjo tecidos de palco	51,07
	Pequenos ajustes figurinos	50		Pequenos ajustes figurinos	0
Logística			Logística		
	Transporte de materiais	25		Transporte de materiais (montagem, desmontagem, recolha de material em locais protocolados)	30
	Deslocações RH	25		Deslocações RH	14
	Consumíveis para ensaios e apresentação	25		Consumíveis para ensaios e apresentação (garrafas de água)	12,5
comunicação/divulgação			comunicação/divulgação		
	Impressão de cartazes	10		Impressão de cartazes	3
	Impressão de folhas de sala	15		Impressão de folhas de sala	18
Lanche final			Lanche final		
	Alimentação	75		Alimentação	37,98
	Pratos, copos, guardanapos ...	50		Pratos, copos, guardanapos ...	4,57
Consumíveis internos			Consumíveis internos		

	Aumento de despesa por utilização de espaço	15		Aumento de despesa por utilização de espaço	0
	comunicações	10		comunicações	0
Recursos humanos			Recursos humanos		
	Tempo de serviço retirado a outras tarefas	0		Tempo de serviço retirado a outras tarefas	0
Imprevistos		100	Imprevistos		
TOTAL		500	TOTAL		183,87

Anexo 11

Proposta enviada às Entidades Contactadas



Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]

um projecto NAPALM (Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente)

Dirigido a Adultos a partir dos 60 anos o Projecto **Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]** pretende proporcionar ao público sénior a participação num processo de criação Teatral, com base numa pesquisa sensorial da cidade que habitam, despertando memórias e procurando uma identidade da cidade.

Este processo será levado a cabo em 5 oficinas de exploração sensorial e trabalho artístico de Teatro/Movimento onde não faltará espaço para a descoberta, criação e diversão. Será, acima de tudo, um espaço de encontro, de partilhas e de envolvimento que se pretende desafiante e estimulante.

Reunidos os participantes, serão implementadas as oficinas, com a duração de três horas, proporcionado um espaço de exploração da cidade, exploração das descobertas e criação. Pressupõe-se que no final de cada oficina, mediante orientação artística, seja compilado material que sirva de base para a criação da apresentação final.

A Apresentação contará com a participação dos participantes das oficinas e do Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota, num espectáculo em co-criação capaz de reflectir o processo de trabalho oficial levado a cabo até à data.

CONTACTOS:

www.napalm.pt

contacto@napalm.pt,

Telm.938 844 241

NAPALM_ctdca é uma Associação Cultural sem fins lucrativos que surge no Porto em 2008 a partir do desejo de criar uma estrutura artística que permitisse explorar possibilidades dentro das artes

performativas. Assim, é por intuição e criação, uma Companhia que pensa as Artes no contexto da arte contemporânea. Tem um trabalho maioritariamente marcado por uma vertente de exploração do corpo e da linguagem do “espectáculo contemporâneo”; e uma “forma de fazer” que não permite um espectador passivo, mas sim em constante estado de alerta. Os cruzamentos com outras expressões contemporâneas acentuam o carácter multidisciplinar e de pesquisa da Companhia. Numa era em que impera a rotina, o *light* e o excesso, o consumo descartável, a alienação; num tempo em que os padrões de atenção são cada vez mais reduzidos, numa era de sensacionalismo, fanatismo, de informação fragmentada e numa sociedade fortemente assoberbada pela necessidade de (i)mediatismo, a NAPALM defende um espectáculo que “activa” o espectador e que o “marca”, permitindo assim uma continuidade da acção mesmo fora do espaço de cena. Desenvolve um trabalho que alterna entre espaços convencionais e não convencionais, entre o palco e a rua, entre o Teatro e a Dança, em conjunto ou alternadamente. A pesquisa leva igualmente a estabelecer pontes entre a(s) arte(s) e a(s) comunidade(s), trabalhando “para” e “com”. Redefinindo fronteiras de actuação e alargando o espectro daquilo a que a NAPALM se propõe fazer, não apenas artisticamente, mas também enquanto agente cultural com responsabilidade e consciência social. O envolvimento de novos públicos para as artes é um dos focos primordiais. Ao longo de 11 anos, de forma regular e contínua tem disponibilizado um programa de Serviço Educativo que aposta na abrangência do alcance de diferentes tipos de públicos. Efectua um trabalho dirigido às diferentes faixas etárias, sociais e territoriais, procurando sempre consolidar uma real criação de públicos e o fomento do interesse pelas artes em geral, e pelas artes performativas em particular. Habitando o coração da cidade do Porto foram muitas as pessoas que cruzaram o espaço da NAPALM. Mas são ainda muitas as que há por descobrir, por conhecer e reconhecer. Muitas pessoas que habitam a alma identitária da cidade que a NAPALM pretende explorar através da sua linguagem artística contemporânea.

Sónia Granja Barbosa (Direcção Artística e Produção): Licenciada e Mestre em Psicologia, Pós-Graduada em Teatro e Comunidade e em Práticas Artísticas e Comunidades (ESMAE), frequenta o Mestrado em Artes Cénicas (Direcção de Cena e Produção). Das várias formações que efectuou destaca os cursos, oficinas e workshops de Story Telling (por Fátima Pereira, Pedro Górgia); Clown (por Pedro Fabião, Rodrigo Malvar); Teatro do Oprimido (por Hugo Cruz, Inês Barbosa); Escrita Criativa (por Pedro Chagas Freitas); Percussão Alternativa (por Marcus Vieira, Marcelo Serralva); Curso de Produção e Gestão das Artes Performativas (Gestão dos Direitos do Artista); entre outros. Integrou igualmente seis turmas regulares de Teatro e duas turmas regulares de Dança Contemporânea na NAPALM_ctdca. Ao longo do último ano esteve envolvida no European Academy of Participation (Londres, Amsterdão e Marselha), tendo tido a oportunidade de cruzar linguagens e aprendizagens com artistas de mais de diversos países (como Stefan Kaegi - Rimini Protokoll; Hermann Josef Hack; Samir Khebizi - Les Têtes de l’Art; Felipe Castelblanco - Norte Es Sur/Para-Site School; entre outros), estimulando o seu interesse pela implementação de linguagens artísticas contemporâneas no seu trabalho. Há mais de oito anos que tem vindo a desenvolver um trabalho ligado à formação e animação com públicos diversos, onde se destacam sete anos de trabalho com O Riscas onde promoveu inúmeras actividades artísticas com público escolar e respectivas famílias. Tendo particular interesse pela junção de diversas áreas artísticas, bem como pelo trabalho com comunidades diversas, destacam-se colaborações com a ACERT, nomeadamente na Queima e Rebentamento do Judas (Trigo Limpo - Teatro ACERT), ou com o Festival MEXE (A Pele). Paralelamente às funções de Produção que assume na NAPALM desde 2016, é igualmente responsável pelas aulas regulares de Práticas Artísticas desde 2018. Membro da Direcção, desempenha funções de Direcção de Produção na Dream Metaphor - Associação Cultural desde 2017. É responsável pela Frente de Casa no Teatro Helena Sá e Costa e encontra-

se também de momento a desempenhar funções de Direcção de Cena do espectáculo Ópera Real, com um elenco composto por 30 intérpretes, Encenação de António Durães e Direcção Artística de António Salgado; e ainda Direcção de Cena e Intérprete no espectáculo “A Audição” com estreia agendada para junho de 2019.

Jaime C. Soares (Formação de Teatro/Movimento): Encenador, Actor e Professor de Teatro. Iniciou a sua formação artística no Balletteatro Contemporâneo do Porto onde completou o Curso Profissional de Teatro e iniciou a sua incursão pela Dança Contemporânea. Posteriormente faz o Curso de Criação e Composição Coreográfica pelo Fórum Dança e mais tarde completa a sua Licenciatura em Teatro (Interpretação e Encenação). Frequenta regularmente formações ligadas ao Teatro e à Dança Contemporânea, dos quais destaca os realizados com a Companhia Philippe Genty; Vera Mantero; Companhia Ultima Vez; Sílvia Real; Irene Kalbausch; Jonh Mowat. Como intérprete destaca os seus trabalhos com o Teatro de Marionetas do Porto, Balletteatro, La Fura Dels Baús, Radar 360º e Aldara Bizarro. Ministra aulas regulares de Teatro e diversos workshops um pouco por todo o País. Do seu trabalho como encenador destaca os espectáculos, Alucinação Numa Gota de Água (2005), Primavera já Era... (2007), Uma Pedra Contra a Cabeça, Ficarão de Fora os Cães (2010), O Céu Sou Eu, Tu e Uma Estrela (2011), um e um e um (2012), O Anjo da Guarda (2015) e Ela, Bela ou a Imaculada Conceção (2018). Em 2008 funda a NAPALM (Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente) onde exerce desde então as funções de Director Artístico.

Tiago Oliveira - Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota - (Direcção Musical) - é licenciado em Educação Musical e frequentou o mestrado em Music Education na University of Roehampton, Londres. Frequentou ainda o curso de clarinete na Escola Curso de Música Silva Monteiro e fez o VI Curso de Formação de Animadores Musicais na Casa da Música. Tendo desenvolvido diversos projetos artísticos ligados ao ensino público, Tiago continua ligado ao ensino vocacional, enquanto professor de formação musical e de conjuntos instrumentais. Tiago Oliveira integra ainda diversas formações musicais, entre elas o grupo vocal a cappella Vozes da Rádio, PopUp - Vozes Portáteis, a Orquestra Som da Rua e o grupo de música infantil Fauna&Flora. Tem colaborado em projetos de cariz social e comunitário, compõe e interpreta música para teatro e é formador do Serviço Educativo da Casa da Música e da Orquestra de Jazz de Matosinhos. Para além do Tiago, o coro sénior da FMAM conta com Rui Vilhena. Guitarrista e cantor, Rui tem uma longa carreira profissional na música. Frequentou o Conservatório de Música do Porto e o Círculo Português de Ópera, integrando o grupo a capella Vozes da Rádio desde 1992. Rui Vilhena é frequentemente convidado para colaborar com inúmeros grupos e individualidades do panorama musical e artístico português, tendo já colaborado com artistas como Rui Veloso e Sérgio Godinho, entre outros. Os maestros contam ainda com a preciosa colaboração do jovem Rúben Soares na percussão e voz.

Anexo 12

Plano de Actividades

Data	Hora	Actividade	Local	Disponibilidade
13-05-2019	10h às 13h	Oficina 1	Atmosfera M	Teatro
15-05-2019	16h às 18h	Ensaio Coro	FMAM	Música
20-05-2019	10h às 13h	Oficina 2	Atmosfera M	Teatro
22-05-2019	16h às 18h	Ensaio Coro	FMAM	Música
27-05-2019	10h às 13h	Oficina 3	Atmosfera M	Teatro
29-05-2019	16h às 18h	Ensaio Coro	FMAM	Música
03-06-2019	10h às 13h	Oficina 4	Atmosfera M	Teatro
05-06-2019	16h às 18h	Ensaio Coro	FMAM	Música
10-06-2019	10h às 13h	Oficina 5	NAPALM	Teatro
12-06-2019	16h às 18h	Ensaio Coro	FMAM	Música
13-06-2019	14h às 18h	Ensaio	NAPALM	Todos
14-06-2019	15h às 17h	Ensaio Técnico	Cobertura da Estação de Metro da Trindade	Todos
14-06-2019	17h às 18h	Ensaio Geral	Cobertura da Estação de Metro da Trindade	Todos
15-06-2019	Chegada - 14h30 Apresentação 17h	Apresentação Final	Cobertura da Estação de Metro da Trindade	Todos
15-06-2019	18h30	Fecho de processo	NAPALM	Todos

Anexo 13

Base de dados para envio de convites

CONVITE

GERAÇÃO 6.0

[SENSAÇÕES, ARTES E CIDADE]

A NAPALM_CTDCA GOSTARIA DE CONTAR COM A PRESENÇA DE V/ EXA NA APRESENTAÇÃO DO PROJECTO GERAÇÃO 6.0 [SENSAÇÕES, ARTES E CIDADE], NO PRÓXIMO DIA 15 DE JUNHO ÀS 17H NA COBERTURA DA ESTAÇÃO DE METRO DA TRINDADE.

UMA CRIAÇÃO:


ESTA APRESENTAÇÃO RESULTA DE 5 OFICINAS DE EXPLORAÇÃO SENSORIAL E TEATRAL EFECTUADAS NA CIDADE DO PORTO, COM UM GRUPO DE PESSOAS COM +60 ANOS.

ENTRADA LIVRE

PARCEIROS:







APOIOS:



Tipo de contacto	Instituição	Pessoa de contacto	Email de contacto	Telefone	Status
email	Rutis				Concluída
email	Atmosfera M				Concluída
email	Metro				Concluída
email	Fundação Manuel António da Mota				Concluída
email	Casa da Cultura				Concluída
email	TNSJ				Concluída
email	Rivoli				Concluída

Tipo de contacto	Instituição	Pessoa de contacto	Email de contacto	Telefone	Status
email	Bibliotecas				Concluída
email	ESMAE				Concluída
email	JN				Concluída
email	Santa Casa Mesericórdia				Concluída
email	Lameirinho				Pulada
email	Performart				Concluída
email	Serralves				Concluída
email	Junta de Freguesia				Concluída
email	ESAP				Concluída
email	CACE				Concluída
email	Museu Vinho do Porto				Concluída
email	Porto Lazer				Concluída
email	JF Nevogilde				Concluída
email	?				Concluída

Tipo de contacto	Instituição	Pessoa de contacto	Email de contacto	Telefone	Status
email	?				Concluída
email	?				Concluída
email	?				Concluída
email	Universidade Sênior				Concluída
email	BMAG				Concluída
email	Escola Alexandre Herculano				Concluída
email	Fenianos -				Concluída
email	Conservatorio de Musica do Porto				Concluída
email	Quinta da Bonjóia				Concluída
email	J F Bonfim				Concluída
email	Museu Soares Reis - diretora@mn.sr.dgpc.pt				Não iniciada
email	J F Campanhã				Concluída
email	J F Ramalde				Concluída
email	J F Paranhos				Concluída
email	U F Aldoar				Concluída

Tipo de contacto	Instituição	Pessoa de contacto	Email de contacto	Telefone	Status
email	UF Lordelo Massarelos				Concluída
email	STCP				Concluída
email	FBAP				Concluída
email	Árvore				Concluída
email	FEAA				Concluída
email	?				Concluída
email	Fundação da Juventude				Concluída
email	Pavilhão da Água				Concluída
email	Centro de Convívio de Reformados do Porto				Concluída
email	Associação de Reformados Pensionistas e Idosos do Porto				Concluída
email	Benéfica Previdente				Concluída
	ESOM				
	Dep Teatro ESMAE				
	Coordenador a Mestrado MAC				
	Esmæ - corpo docente				
	Esmæ - corpo docente				

Tipo de contacto	Instituição	Pessoa de contacto	Email de contacto	Telefone	Status
	Esmæ - corpo docente				
	Esmæ - corpo docente				
	Esmæ - corpo docente				
	Esmæ - corpo docente				
	Esmæ - corpo docente				
	Esmæ - corpo docente				

Tipo de contacto	Instituição	Pessoa de contacto	Email de contacto	Telefone	Status
	Lista alunos MAC				
	Lista Alunos PAC				
	Lista alunos TC				

Anexo 14

Cartaz Apresentação Final

GERAÇÃO 6.0 [SENSAÇÕES, ARTES E CIDADE]

[15 . 06 . 2019]
17h COBERTURA DA ESTAÇÃO
DE METRO DA TRINDADE

ENTRADA LIVRE

CONCEPÇÃO DE PROJECTO:
SÓNIA GRANJA BARBOSA

ENCENAÇÃO:
JAIME C. SOARES

DIRECÇÃO MUSICAL:
TIAGO OLIVEIRA

UMA CRIAÇÃO:



PARCEIROS:

ESMAE | POLITÉCNICO
DO PORTO
ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA, ARTES E ESPECTÁCULO



RUTIS
A NOVA FÓRMULA DE INTERVENÇÃO CÍVICA



APOIOS:



Anexo 15

Plano de Comunicação da Napalm

Plano de Comunicação

Ficheiro Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Suplementos Ajuda *Todas as alterações foram guardadas no Drive* Partilhar

100% R\$ % .0_ .00 123- Roboto 24 B I S A

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	MAIO 2019								
2									
3	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO		
4				1	2	3	4		
5				R.S. - Call Geração 6.0		lab			
6		5	6	7	8	9	10	11	
7		R.S. - laboratório	NL lab + outros		R.S. - laboratório				
8		12	13	14	15	16	17	18	
9	NL - cenas feministas + Barcelos	R.S. - lab	r.s Geração 6.0	R.S. - Cenas feministas	R.S. - Cenas feministas				
10		19	20	21	22	23	24	25	
11	NL - cenas feministas + Barcelos + Abre agenda CIT + 10 minutos	R.S. - barcelos	R.S. Geração 6.0		R.S. - barcelos	R.S. - Apresentação Final CIT-EV			
12		26	27	28	29	30	31		
13	R.S. - workshop Nazaré	R.S. Geração 6.0		R.S. - Apresentação Final CIT-EV	Resultado CIT				

+ z 18 Jan 19 Feb 19 Mar 19 Abr 19 Mai 19 Jun 19 Jul 19

Plano de Comunicação

Ficheiro Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Suplementos Ajuda *A guardar...* Partilhar

100% R\$ % .0_ .00 123- Roboto 24 B I S A

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1		Junho 2019							
2									
3	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO		
4								1	
5									
6		2	3	4	5	6	7	8	
7		evento Geração 6.0	R.S. - Geração 6.0						
8		9	10	11	12	13	14	15	
9	NL - Apresentação Geração 6.0	FERIADO	R.S. - Geração 6.0			R.S. - Apresentação Geração 6.0			
10		16	17	18	19	20	21	22	
11	RS Geração 6.0 (balanço apresentação)	R.S. Evento Apresentação final A		R.S. Evento Apresentação final A	FERIADO		evento turma A		
12		23	24	25	26	27	28	29	
13	NL - Apresentações Finais	R.S. Evento Apresentação final B	RS Ap.1				RS Ap.1	R.S. - Projecto Paredes	
14		30							
15									

+ Dez 18 Jan 19 Feb 19 Mar 19 Abr 19 Mai 19 Jun 19 Explorar

Anexo 16

Guiões para vídeos promocionais

Especificações do *spot* a ser divulgado na MetroTV:

- Não superior a 30 segundos;
- 1024 x 768;
- Formato FLV ou MPG.

VIDEO 1

[texto que deve aparecer - não precisa de ser tudo junto]

Projecto Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]

5 oficinas de Teatro

5 sentidos

Musica

Exploração da Cidade

Memórias

Uma Criação da Napalm com comunidade sénior

Concepção de Projecto - Sónia Granja Barbosa

Encenação - Jaime C. Soares

Direcção Musical - Tiago Oliveira

[no final logos de parceiros e apoios]

VIDEO 2

[texto que deve aparecer - não precisa de ser tudo junto]

Apresentação Pública

Geração 6.0

15 de junho

17h

Cobertura da Estação de Metro da Trindade

Entrada Livre

Uma Criação da Napalm com comunidade senior

Concepção de Projecto - Sónia Granja Barbosa

Encenação - Jaime C. Soares

Direcção Musical - Tiago Oliveira

[No final logos de parceiros e apoios]

Anexo 17

Press Release

PRESS RELEASE



Apresentação Pública GERAÇÃO 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]

um projecto **NAPALM (Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente)**

Local: Cobertura da Estação de Metro da Trindade

Data: 15 de Junho de 2019

Horário: 17h

GERAÇÃO 6.0

Dirigido a Adultos a partir dos 60 anos este projecto pretende proporcionar ao público sénior a participação num processo de criação Teatral, com base numa pesquisa sensorial (5 sentidos) da cidade que habitam, despertando memórias e procurando uma identidade da cidade.

A Apresentação pública contará com a participação dos participantes das oficinas e do Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota, num espectáculo em co-criação capaz de reflectir o processo de trabalho oficial levado a cabo até à data.

Link SPOT 30s: <https://www.youtube.com/watch?v=TklvwGYKSw8>

NAPALM (Companhia de Teatro Dança em Conjunto ou Alternadamente). Fundada em 2008, a NAPALM é uma Companhia Profissional de Teatro e Dança Contemporânea sediada na cidade do Porto.

Acreditamos que as artes têm uma importância vital na formação e no desenvolvimento pessoal. Assim, e paralelamente à criação artística temos como missão o desenvolvimento de programas de formação que permitem aos participantes, não apenas aumentar as suas aptidões no campo das artes, como também aprender de forma lúdica e sempre desafiante estratégias úteis à vida diária.

CONTACTOS.

938844241 | 969 760 594 | 222081567

contacto@napalm.pt

www.napalm.pt

###

Anexo 18

Registo de imprensa

22 PORTO

Andam pelas ruas do Porto a estimular sentidos e memórias

Projeto "Geração 6.0" é um laboratório teatral destinado a maiores de 60 anos. Peça final apresentada na Trindade



Oficinas teatrais decorrem em clima de animação

Marisa Silva
localis@jn.pt

PORTO Enquanto contornam a fita-cola branca que desenha no chão o mapa da cidade, Filomena Chambel, Carolina Ferreira e Hernâni Martins recordam sons característicos do Porto. Este é apenas um dos exercícios do laboratório "Geração 6.0: sensações, artes e cidade", orientado pela companhia de teatro NAPALM, com o intuito de explorar a cidade e despertar os sentidos nos adultos com mais de 60 anos. Após o trabalho na sala, os participantes vão pela cidade, em atividades como apalpar árvores.

Em cinco oficinas e com base nas memórias e vivências dos seniores, a NAPALM escreve o guião para a apresentação que, no sábado, decorrerá na estação da Trindade. A Ponte de Luis I, o Palácio de Cristal, a Foz do Douro, a Rua de Santa Catarina e a Estação de S. Bento servirão de inspiração.

"Trata-se de pessoas muito ativas, mas com pouca coisa para fazer. A maioria



Carolina Ferreira
66 anos

"Só fiz teatro quando era pequena, numa peça da igreja. Estas etapas têm sido desafiadoras"



Filomena Chambel
70 anos

"A primeira imagem que tenho do Porto é de Leixões. Vi um barco e pensei que era uma casa na água"

está reformada ou trabalha pouco e, muitas vezes, partimos do princípio que são pouco capazes", explicou Sónia Barbosa, produtora e coordenadora do projeto.

No total, são 12 os seniores que obedecem às ordens do encenador Jaime C. Soares.

"Estou a descobrir coisas que não via. É uma maneira interessante de pôr as pessoas a trabalhar e de não as deixar envelhecer", disse Filomena Chambel, 70 anos, antiga professora.

ULTRAPASSAR A TIMIDEZ

Descrevendo-se como introvertida, Carolina Ferreira, de 66 anos, viu no laboratório um desafio para ultrapassar a timidez. "Achei que era uma forma de me desinibir e ficar a conhecer o que se passa no mundo do teatro", disse a bracarense, relatando a sua primeira memória do Porto: "Passei de carro com os meus pais e padrinhos pela ponte da Arrábida. Fiquei impressionada porque a ponte era muito alta e as pessoas em baixo pareciam muito pequeninas", contou. ■

Quatro feridos em acidente com carros artesanais

Prova em Parada de Todeia foi cancelada

PAREDES Quatro pessoas ficaram feridas - uma delas com gravidade - depois de terem sido colhidas por dois carros que participavam na 6.ª Corrida de Carros Artesanais de Parada de Todeia, uma prova que aconteceu na tarde de ontem naquela freguesia do concelho de Paredes. Organizada pelo Agrupamento de Escuteiros local, a competição foi cancelada após o acidente.

O despiste aconteceu quando se realizava a terceira de cinco voltas, de uma prova que começou com a participação de 23 carros.

"Os carros já estavam na meta quando se despistaram e atingiram uma mesa da organização, apanhando quatro pessoas que estavam no local", afirmou ao JN Albertino Silva, presidente da Junta de Parada de Todeia.

Os quatro feridos - um dos quais um homem com cerca de 70 anos e com lesões graves - foram assistidos no local pelos Bombeiros Voluntários de Cete, pelas equipas da VMER do Vale do Sousa e da SIV de Valongo e transportados para o Hospital Padre Américo, em Penafiel.

"A prova terminou logo após o acidente. Não havia condições para continuar. As pessoas e a organização, ficaram psicologicamente abaladas após o acidente", rematou presidente da Junta. ■ **MÓNICA FERREIRA**



Prova de carros terminou após o acidente

11 de junho de 2019 Jornal de Notícias

A FECHAR

Elevação de Espinho a cidade

ESPINHO O 46.º aniversário da elevação de Espinho a cidade será assinalado no domingo. Às 11 horas, o Centro Multimeios será o palco da sessão solene das comemorações. No mesmo dia, mas às 16 horas, é inaugurada a exposição "Arte em lata", no Museu Municipal de Espinho, que também assinala uma década de existência.



Eleitos quatro doces para final

CONCURSO Gabriela Ribeiro, Rui Pereira, Sandro Joana Sousa são os finalistas do concurso "Delícia do Porto". Os quatro concorrentes conquistaram o lugar na final, que vai ser disputada a 20 de junho, fân-dega do Porto. Na meia-final foram eliminados dos seis concorrentes, após terem sido submetidos a uma avaliação pelo júri, composto pelos chefes Lúcia Stanisic, Hélio Loureiro e Ana Soeiro e por António Jorge Braga, da Associação dos Industriais de Pão, Pastelaria e Similares do Norte.

"Se já não tinha dúvidas de que o mês de junho se estava a tornar histórico para o Norte, agora tenho a certeza absoluta"

Luis Pedro Martins

presidente do Turismo Porto e Norte de Portugal sobre os obtidos pela região nos World Travel Awards

Marchas populares saem à rua quinta-feira

AROUCA A Praça Brandão de Vasconcelos acolhe, depois de amanhã, a partir das 10.30 horas, o desfile de marchas populares organizado pelo Patronato - Centro Paroquial e Social Santa Mafalda, com o apoio do Município. Diversas instituições do concelho participam na festa que pretende celebrar os santos populares.

Inscrições para férias desportivas

VALE DE CAMBRA As férias desportivas municipais decorrem entre o dia 24 e 19 de julho no vilhão Municipal, envolvendo-se a criação de preços variam entre 132 euros. As inscrições podem ser feitas nas instituições municipais, nas formações em valedecambra p

Anexo 19

Planos de sessão

Oficina 1 - visão

1. Abertura

- Apresentação
- Explicação do projecto - funcionamento, propósito e contexto
- Apresentações genéricas dos participantes
- Ansiedades e expectativas

2. Aquecimento

- Caminhar | posturas
- Transformação de corpos - formas de caminhar | peso do corpo | apoios
- 3 palavras como base de pesquisa

3. Exercício

- Direcção do olhar
- Exploração do espaço (Zoom)
- Exploração do outro (Zoom)

4. Saída para o exterior

- Raio próximo da Atmosfera M - pesquisa de imagem de associação às 3 palavras

5. Regresso

- partilha de descoberta
- "memória mais antiga da cidade"

6. Fecho

Oficina 2 - olfato

1. Abertura

2. Aquecimento

- Caminhar
- Caminhar sobre...
- Caminhar história

3. Exercício - Teatro imagem

- mapa da cidade (com base nas memórias)
- Agrupamento com base na proximidade
- Reprodução das memórias em estruturas vivas (moldagem)

4. Saída para o exterior

- Palácio
- Recolha olfativa em sacos - cheiros que remetam para memórias

5. Regresso

- Partilha
- Olhos fechados - sentir aroma e partilha de 3 palavras

6. Fecho

Oficina 3 - Audição

1. Abertura

2. Aquecimento

- Caminhar
- Exploração de criação de sons
- sons únicos

3. Exercício

- Diálogo sem palavra (pares)
- Pares - Cego e guia com som

4. Saída para o exterior

- caminhada silenciosa (exploração sonora do percurso)

5. Regresso

- estatua/movimento com base nos sons em processo de criação (coro)

6. Fecho

- Ponto de situação intermédio - gestão de expectativas

Oficina 4 - Tacto

(desenho do mapa da sessão anterior no chão)

1. Abertura

2. Aquecimento

- caminhar sobre o “mapa”
- Recuperação de memórias significativas

3. Exercício

- Palavras em *post its*
- Mapeamento de memórias sonoras

4. Saída para o exterior

- Exploração das texturas do jardim
- Desenho (físico) do recorte da cidade

5. Regresso

- Mapping - espaços significativos
- Desenho do recorte dos espaços

6. Fecho

Oficina 5 - Paladar

1. Abertura

- A que sabe a cidade?

2. Aquecimento

- Partilhas associadas ao paladar
- Memórias e exploração gustativa

3. Exercício

- proposta de sabores inusitados e recuperação de memórias associadas
- Partilha ao microfone, exposição controlada

(Sem saída exterior!)

4. Fecho

Ponto de situação e balanço do processo

Plano de actividades

Fecho de figurinos e cenografia

Anexo 20

Narrativas das Oficinas

Oficina 1

O dia amanhecia iluminado e auspicioso. O caminho era, naquele dia, diferente e avizinhava-se uma enxurrada de experiências promissoras. As expectativas eram inúmeras, as apreensões mais ainda.

A chegada deles foi antecipada. Ela e o Jaime apresentavam-se ali, perante alguns olhares curiosos e expectantes que estavam já à espera para os acolher. As pessoas foram chegando e, aos poucos, as vozes tímidas espalhavam-se pelo espaço amplo e vazio, preenchendo-o de murmuros pouco reconhecíveis.

A hora chegou. Ao contrário do esperado, propuseram a todos que se sentassem em roda, no chão. Queriam perceber a disponibilidade e flexibilidade das pessoas com quem iriam ter três horas de partilha. Apenas uma pessoa pediu uma cadeira, porque tal como disse, o estatuto da idade lhe permitia. Era a Margarida, “a mais velha do grupo” como orgulhosamente se intitulava.

O Projecto foi apresentado e explicado pelas palavras dela. Propunham-se ali a cinco oficinas, cada uma dedicada à exploração de um sentido, que iria incluir trabalho de pesquisa no exterior e posterior criação artística. Foi explicado que seria com base naquilo que aquelas pessoas lhes trouxessem que iria ser criada a dramaturgia da apresentação. Foram cuidadosamente evitados todos os palavrões que pudessem deixar dúvidas por responder. As datas das oficinas, do ensaio de montagem e ensaio geral foram dados. A data da apresentação final foi comunicada, mesmo que naquele momento ainda não se soubesse o que iria acontecer.

Foi explicada a ligação com a música e o trabalho conjunto que se pretendia com o Coro, e ela percebia ali, na resposta pronta da Branca, que havia elementos comuns a ambos, pondo em causa a permanência nas oficinas.

As apresentações básicas pessoais foram feitas e o gelo foi-se quebrando com o humor sempre presente. E os sorrisos iam surgindo. Os nomes foram ditos e cada rosto começava a ganhar uma vida, uma história na memória de cada um de deles, que escutavam atentamente.

Ela deliciava-se por entre as expectativas partilhadas de cada um, por entre as histórias contadas, as vidas que ali se dispunham a interromper para se envolver num Projecto em que ela e o Jaime acreditavam. Sem os conhecerem de parte alguma, confiavam neles aquele tempo precioso de que dispunham. E ela, no seu íntimo, estava grata por isso e queria retribuir da melhor forma que sabia e conseguia.

E as propostas começaram a surgir. Tal como ela sempre começa, caminhavam. Mudavam-se posturas, transformavam-se corpos. O foco, ali, naquele dia, era a visão. As sensações visuais, a predisposição para observar. Incentivavam-se os olhares atentos, a visão periférica, o foco, a direcção da observação, as alterações à visão ou ao foco visual. Ali, naquela sala iluminada e despida, ainda familiar, procuravam-se coisas novas, coisas que não tivessem observado ainda. Propunha-se ali que todos se sentissem como ela, como uma criança que se encontra pela primeira vez num espaço totalmente novo, que descobre em cada recanto uma novidade promissora, com uma história por contar.

A saída para o exterior era curta naquele dia. Conforme planearam, as apresentações alongar-se-iam e tudo teria que ser mais precipitado. Com base em palavras aleatórias, fora proposto a cada participante que, individualmente, encontrasse uma correspondência de imagem no exterior para cada uma das palavras. Explorando não só a observação, mas a polissemia de interpretações e histórias que cada palavra vazia pode abarcar. Pouco ou nada tinha sido explicado da forma como o processo se desenrolaria, eles queriam manter a expectativa e evitar que qualquer palavra dita ao acaso condicionasse a procura dos participantes. Ela não queria que o trabalho fosse feito em função da correspondência de expectativas, ela queria estimular a criatividade e brincar com o inesperado, como uma criança feliz brinca com o voo das borboletas.

O regresso à sala fez-se breve, com uma ansiedade evidente por cada um dos participantes em partilhar a sua experiência. Cada um tinha alguma coisa a dizer, atabalhoadamente sobrepondo a sua voz às outras que simultaneamente iam deixando escapar as suas histórias. Ela percebia ali o quanto era importante aquele espaço de atenção, de foco e de direcção do olhar, esperto e atento a cada partilha que aquelas pessoas tinham para fazer.

Organizaram-se as vozes, deu-se espaço à palavra. À luz do que acontece no teatro, há um espaço para a partilha. Um espaço organizado num contexto, um motivo, uma acção. A acção ali era simples, era o sentar numa cadeira, expostos aos olhares atentos dos outros, para partilhar a experiência e o primeiro quadro que nas memórias mais remotas que guardavam, viam o Porto pintado. Um quadro de cada um, pessoal, com uma história que, espontaneamente, todos contavam entusiasmados. Por entre episódios pessoais que tanto mais nos diziam das experiências, da história de vida e das memórias com impacto que guardavam.

E dali, daquele momento de partilha organizada, daquela generosidade de exposição, ela sabia que conseguiam criar algo que, para cada uma daquelas pessoas, fosse significativo. Algo com que facilmente cada um daqueles olhares expectantes se identificasse e, numa história comum, se revisse. Ela sabia que, em conjunto com o Jaime, facilmente conseguiriam

reunir a matéria de trabalho que procuravam e que algo ali se começava, espontânea e naturalmente, a construir.

As três horas de que dispunham voavam a uma velocidade vertiginosa naquela manhã quente de segunda-feira. Aquele início de semana apressava-se a terminar com o fecho da sessão. O *feedback* pedido aos participantes, novamente em roda, mostrou-lhes que aquilo que fica é, não só as pequenas descobertas actuais em confronto com memórias passadas, mas também o espaço de partilha, convívio e boa disposição.

Ela percebe, ali, ao fechar a porta atrás de si, deixando para trás uma sala quente e vazia, que se fechava um espaço de conforto, de calorosas partilhas pessoais. Um espaço de intimidade entre conhecidos e desconhecidos, um espaço de atenção. Um espaço prazeroso por onde tinham entrado olhares expectantes e tinham saído sorrisos ternos. E, ao fechar a porta ao sair, ela sabia que iria passar a semana na expectativa de regressar.

Oficina 2

Depois de um fim de semana agitado, por entre inúmeros trabalhos distintos e histórias hilariantes que em catadupa proliferaram, ela amanhecia finalmente para a segunda oficina 6.0. Depois de uma semana recheada de conversas e partilhas, com conhecidos e desconhecidos, envolvida num entusiasmo que até então desconhecia, mergulhava numa nova semana solarenga para mais partilhas sorridentes.

Conforme planeado, a chegada era precoce para que pudessem receber os participantes mais madrugadores. Ainda assim não conseguiam ainda ser os primeiros a habitar a sala quente e silenciosa. À medida que iam chegando, iam-se aproximando como crianças que procuram o conforto do professor, por entre partilhas calorosas. Enquanto se assinavam documentos e se formalizavam burocracias, as histórias contadas eram sucessivas e procuravam nos nossos olhos uma atenção inquietante. As palavras eram cuidadosamente escolhidas, como se tivessem passado horas a pensar naquilo que com eles iriam partilhar. Eles os dois desdobravam-se para dispor da atenção procurada, que não era suficiente. As relações iam-se criando, os nomes iam-se decorando e iam-se encaixando em vidas que, à imagem dela, se construiam. Muito além do que era dito, ela divagava por entre pensamentos e construía aos poucos as vidas que ali se expunham diante de si.

Havia novos rostos, novos nomes, que prontamente justificavam a ausência na semana anterior. Havia rostos em falta, alguns deles previamente anunciados, mas que a fizeram prever a instabilidade do grupo que se iria seguir.

As propostas seguiam-se sem grandes demoras. Ela, naquele dia, liderava maioritariamente a sessão. Ela propunha exercícios de teatro-imagem e, aos poucos, novos corpos se iam construindo. Corpos colectivos, de imagens comuns. Corpos que escondiam histórias e memórias, corpos vincados pelo passar do tempo que, tal como cada imagem que representavam, traziam consigo as fragilidades de cada espaço. Corpos que timidamente se tocavam, corpos com que maioritariamente não tinham sido habituados a trabalhar, mas que ali disponham para cada proposta. Disponham para ela, para eles, para os outros. Disponham para cada proposta que lhes era colocada, por entre um desconforto por vezes disfarçado, por vezes esquecido. Um desconforto que aos poucos se vê a dissipar num envolvimento cada vez mais focado nas premissas que eram dadas.

E o exterior desperta a curiosidade. Predispostos à exploração olfativa, a proposta era a descoberta. A descoberta de aromas, de sensações, de memórias. A descoberta e a recolha, para que pudesse ser partilhada. O dia sentia-se ventoso e, com o vento, os aromas

perfumados do Porto faziam-se escoar de forma perene. A tarefa tornara-se difícil, mas não menos acolhida por cada um. Por entre saquinhos por encher, qual memória por construir ainda, não houve um que regressasse vazio.

Naquele momento ela percebeu que as recorrências, os *clichés*, a iam acompanhar no trabalho. Ela percebeu que as beatas que ponteiam o chão por onde quer que se circule, só habitavam um saquinho dado. Ela percebeu que as flores cada vez mais escassas iriam ser a recorrência mais fácil e imediata. Ela percebeu que seria difícil ir além do expectável e propor algo que permitisse às pessoas extrapolar além do imediato, do habitual. Ela percebeu que o desafio seria maior do que pensava. Mas percebeu também que, mesmo assim, a satisfação dos participantes e dela própria não diminuía. Ela percebeu que, talvez mais importante do que a descoberta inovadora e com um sentido estético artístico para o qual a maioria das pessoas não estavam predispostas, o envolvimento e prazer que retiravam das propostas era, por si só, genuinamente valioso.

Ela percebia que ali rapidamente todos se esqueciam das idades, dos estatutos e dos constrangimentos sociais. Ela percebia que todos, dentro das limitações físicas que traziam, se tentavam superar cautelosamente sem constrangimentos sociais e expectativas morais. Ela percebia que a decisão de acreditar que aquelas pessoas seriam capazes de se superar fazia com que elas próprias se tentassem superar aos poucos.

Por entre problemas nos joelhos, costas empenadas, surdezes limitadoras, memórias perdidas... Nenhuma limitação parecia impedimento para que aquelas pessoas fossem tratadas com maior condescendência do que qualquer outra, nada fazia ver que as propostas não pudessem ser feitas de forma atrevida e ousada. E que sorte ela tinha na predisposição que encontrava em todos para se testarem e levarem ao limite do que, eles próprios, não se atreviam a ser.

Ela, deliciada, olhava ao redor em momentos de trabalho e via naqueles jovens de mais de 60 anos uma vitalidade que não encontrava em muitos velhos de 30. Ela via ali pessoas a gatinhar e rebolar pelo chão como bebés, a saltar com a vitalidade de jovens, a brincar com o entusiasmo de crianças. Ela via ali que a limitação que pusera na idade era apenas uma limitação social que implicava que muitos não se pudessem juntar ao grupo. E sabia, ali, que aquele grupo envergonharia muitos outros com quem trabalhara noutras histórias, mais jovens no bilhete de identidade, mas menos rejuvenescidos no espírito.

As lideranças, os conflitos, as relações pessoais começavam também elas a deixar transparecer afinidades e divergências. As histórias passadas de que não se conseguiam dissociar, traziam consigo algumas animosidades que se reflectiam discretamente no trabalho

que faziam. Ela surpreenda-se ao ver que, mais do que os adolescentes rebeldes, aquelas pessoas lidavam com as divergências de uma forma assumida e castradora. Ela via também, não só o cor-de-rosa daquilo que ali se criava, mas o cinzento dos conflitos acesos que ali se reflectiam. E tentava discretamente, sem os valorizar, geri-los, atenua-los. Sabendo que não seria capaz de resolver todos os males do mundo, mas acreditando que podia de alguma forma contribuir para que eles fossem menores.

Uma vez mais, durante aquelas três horas, os relógios corriam apressados pelo vento veloz que se fazia sentir. O tempo encerravam-se num ápice, deixando em aberto o entusiasmo da próxima sessão. Aqui havia já trabalho de casa, procurando um vínculo, uma continuidade da pesquisa feita para a vida rotineira do dia a dia. Procurando uma postura activa na descoberta, um prolongamento da forma diferente de ver a realidade, de observar, com outros olhos, aquilo que os rodeia.

A tarde permaneceu agitada e envolvida em palavras reflexivas sobre o que ali, naqueles instantes se tinha passado. Palavras que levavam à exaustão cada pormenor, cada insegurança, cada falha e cada sucesso. Palavras que redefiniam a estratégia a seguir, que recalculavam cada passo a dar.

Oficina 3

O despertador entoava com outra vibração naquele dia. Ela estava já disponível para que os ouvidos, atentos, se dispusessem a uma nova exploração. Esperava-a uma jornada predisposta a ouvir, a escutar, a abrir cada poro a uma audição a que não estava já habituada. Também ela se dispunha à exploração que propunha a cada participante do Projecto.

Não tardara a chegar, numa manhã de transito atribulado com escapes barulhentos e buzinas apressadas. Naquela sala, envolvida no silencio, ela escutava cada palavra que as pessoas lhe traziam, de uma semana longa de histórias vividas.

As actividades começavam. O desconforto era proposto, numa exploração de criação sonora que pretendia ir muito além do que era habitual. Cada pessoa, mesmo as que, fruto do tempo que passara, mais dificuldade tinham com a audição, se desafiavam a confiar nos colegas ouvindo-os, escutando-os atentos e seguindo-os com os seus passos apreensivos num trilho que aos poucos se ia traçando. Ela liderava novamente os exercícios e propunha, sem receios, que todos se desafiassem sucessivamente. Passava a liderança ao Jaime que, por entre propostas sonoras, despoletava reacções inesperadas.

Por entre os sons atentos de um grilo que insistentemente falava, na dramatização abstracta de algo que estava a ser criado, em grupos numerosos recheados de divergências e conflitos que do exterior se sobrepunham as tarefas, surge uma vivência inesperada das situações. E ela percebe que aquelas pessoas estavam efectivamente envolvidas nas tarefas quando, revoltada, a Julieta interrompe o exercício dizendo:

- É impossível continuar, eu não consigo trabalhar com ela. Ela matou o grilo! Chegou ali e esmagou-o! Não pode ser assim, o grilo continua a cantar!

E ela percebe que, apesar dos conflitos, das adversidades e de muitas vezes se mostrarem contrariados na execução das propostas, em nada essa oposição se relaciona com a proposta artística, acolhida de forma surpreendentemente envolvente. Aquela pessoa, envolvida pela revolta de se ver a trabalhar com alguém de quem não gostava, vivia de forma ainda mais intensa a proposta dramática, encontrava na dramaturgia uma justificação para a não concretização da tarefa que a ela, pessoalmente, a incomodava. A não receptividade expunha-se pela dificuldade de comunicação numa linguagem artística, contrariamente aos conflitos exteriores que previamente teriam ocorrido.

Por entre gargalhadas surpreendidas, num ambiente de diversão, ela via naquele episódio surpreendente uma riqueza extrema no envolvimento na tarefa. Ela percebia que,

independentemente de todas as questões que a gestão de grupos possa trazer, como o teatro social também tanto lhe ensinara, estava ali exposto um envolvimento na tarefa inesperado.

Predispostos para a escuta atenta, saiam à rua. Contrabalançando com o esperado, a proposta era uma caminhada silenciosa. O pressuposto era não emitir sons, absorver apenas aquilo que o momento lhes pudesse trazer. Absorver e memorizar, registar na gaveta das memórias, num recanto onde pudessem ir buscar mais tarde cada experiência em silêncio vivida. E ela percebe que todos, sem excepção, se envolviam num silêncio nada constrangedor de descoberta, atentos a cada momento que o quebrava para onde, instintivamente, dirigiam o olhar para atribuir sentido a sons que até então eram desconhecidos. Ela via ali que as descobertas eram sucessivas num percurso longo de uma caminhada desafiante pela cidade familiar a todos.

O percurso, previamente pensado por ela e pelo Jaime, fazia-se lentamente. Nem a distração das câmaras que naquele dia se juntavam a eles os impedia de permanecer envolvidos. Aquela hora, de distância curta, recheava-se de sonoridades que não associavam previamente ao espaço que os rodeava. Chegados à sala, poucos eram os que não tinham um som novo para acrescentar.

Naquele dia agitado, os conflitos começavam a ser evidentes. Ela percebia que chegara ao meio do processo das oficinas, ela percebia que as relações se tornavam mais próximas e mais intensas. Ela percebia, a dada altura, que aquele momento era decisivo. O Jaime, incomodado com o levantar dos ânimos, propõe uma mudança do plano. Ela acata a decisão prontamente. As propostas terminam antecipadamente, a sessão interrompe-se discretamente para um balanço necessário. As relações são discutidas, as expectativas reanalisadas, as vozes individuais são ouvidas. Naquele dia de escuta, os ouvidos abrem-se às partilhas individuais de desconfortos, à discussão em grande grupo daquilo que, por entre ânimos mais exaltados, parecia dificultar a prossecução dos objectivos traçados. Ela e o Jaime mediavam uma discussão pouco acesa sem moralismos, mas necessária para que os ânimos fossem geridos. Ela sabia que não o tinham planeado e percebe que, mais do que qualquer plano previamente estipulado, aquele momento era crucial na continuidade do Projecto.

Ela, por entre queixas camufladas e carapuças que claramente se enfiam, sem que partilhas íntimas e justificações fossem dadas, vê que cada um partilha os seus desconfortos. Percebe que essa partilha, por si só, diminui a sua intensidade e, à medida que iam transpondo para palavras o que sentiam, a exaltação diminui progressivamente. Ela percebe que, dali em diante, num espaço de partilha e de escuta activa, cada atitude tem um espaço para se justificar e para ser entendida e aceite. Mesmo não havendo consensos e acordos comuns, a

opinião de cada um era valorizada e reflectida. E o desenrolar da história era, claramente, acolhido de forma mais pacífica.

Com o alongar da conversa a hora acabou por passar. Aos poucos o grupo ia ficando mais reduzido, por entre afazeres que se iam impondo. A conversa foi terminando naturalmente sem que a sessão terminasse com um gosto amargo de desconforto. Apenas ela, nos seus medos e receios, temia que outras coisas importantes tivessem ficado ainda por dizer.

Oficina 4

O verão parecia começar a aproximar-se e com ele o calor matinal que a envolvia naquele dia. Ao longo da semana tudo tinha sido meticulosamente preparado para mais uma sessão onde não havia já tempo a perder.

A chegada precoce desenhava no chão um esboço do percurso que na semana anterior tinham percorrido. Com fita de papel, num mapa que fazia ver a falta de jeito deles para o desenho e manualidades, estava ali um traço abstracto que só com quem tinha passado pela experiência podia ser preenchido de sentido.

Aos poucos os participantes iam-se juntando, curiosos e ansiosos para receber novas propostas. Faltava apenas explorar o tacto e o paladar e os palpites iam saindo aleatoriamente nas vozes sorridentes de cada um.

Descalços, como vinha a ser habitual, eles percorriam as memórias criadas na semana anterior. Eles recuperavam aquilo que de mais significativo ficara. Eles escreviam em papeis coloridos breves palavras daquilo que, para cada um, fazia sentido. Eles preenchiam o pequeno percurso de memórias que, juntos, foram construindo. Ela, curiosa, ia lendo cada partilha significativa. Eles, de sorrisos nos rostos, iam contendo as palavras que sabiam excessivas para algo com que se entusiasmavam.

Naqueles instantes ela percebe que, uma vez mais, a presença exterior de jornalistas curiosos não os retira da concentração e envolvimento na actividade proposta. Daquele passeio pelas memórias construídas, vai sucessivamente os corpos a transformarem-se naquilo que cumulativamente ia sendo criado.

Um breve ponto de situação antes da saída foi necessário, um balanço para que o processo pudesse ser integrado, para que fizesse sentido. E os poros atentos pudessem pesquisar, num percurso de descobertas tácteis que os esperava. A urgência no correr contra o tempo não lhes era escondida, os medos e as ansiedades dela e do Jaime eram também eles partilhados, e a responsabilidade colectiva era assumida de forma espontânea e natural.

O percurso era breve, por entre histórias que se iam partilhando livremente nas ruas atribuladas que atravessavam até lá chegar. Os Jardins do Museu do Romântico entreabriam as portas para um novo espaço de descoberta, de pesquisa, de curiosidade. Um espaço onde os olhos se deliciavam, mas o desafio era, esquecer a visão, procurar as sensações que tudo lhes causava, encontrar novidades para explorar. Os recortes, as texturas, a dor e a suavidade. Cada nova sensação era bem-vinda. O toque, que tanto desconforto causa aparentemente, mas que

ali era procurado. E que seria continuado posteriormente, para os corpos ligados, em contacto e união.

Os caminhos fizeram-se breves. O dia punha-se quente e agradável. Cheirava a verão precoce, e eles decidiram saborear esse momento em paisagens verdes expostas aos olhares de quem passava. Eles decidiram que, contrariamente ao esperado, a protecção das paredes familiares de uma sala confortável em nada preparava aquelas pessoas, inexperientes e apreensivas, para a exposição a que se propunham. E os jardins acolhedores do palácio acolheram as propostas seguintes para que, no envolvimento das tarefas de dramatização seguintes, pudessem também dispor de olhares curiosos que passavam.

E ela percebe que só aquilo, aqueles instantes, podiam ser o momento final. O desfecho. O culminar do processo. Ela percebe, ali, por entre pessoas que passam, por entre olhares que param, por entre câmaras fotográficas curiosas, algo estava espontaneamente a acontecer. Naturalmente. Sem estruturas, sem palcos. Sem artificios, sem protecções. Eram eles ali, expostos, numa exposição que ela não imaginava possível, sem desconforto. Sem vergonha. Sem timidez. Num espaço aberto, mas que viam seguro, pela confiança que neles depositavam. Num espaço exposto aos olhares externos, às avaliações curiosas e aos palpites infundados de quem passava, onde eles encontravam envolvimento, conforto e concentração. E ela, ali, naquele momento, percebeu que nada teria a temer.

Regressados à sala, ela não contem as palavras confortantes pela surpresa dos pensamentos que a assombraram durante as tarefas. Tudo se começava a construir, tudo se começava a desenhar. E eles, predispostos a cada desafio, faziam-na acreditar que chegariam a bom porto.

As recomendações finais eram dadas. O feriado que se avizinhava na semana seguinte transportava-os para um espaço que só para ela e para o Jaime era familiar. A sessão seguinte seria nas instalações da Napalm. Por entre conclusões perspicazes, sabia-se que iam trabalhar sobre o paladar. Para não frustrar expectativas, prevenia-se que a imaginação seria preponderante na sessão que se seguia. Pediam-se materiais e pequenas colaborações para complementar tudo o que a Napalm podia ceder. Prontamente inúmeras foram as propostas, disponibilidades e acréscimos. E ela não imaginava que, com um pequeno pedido, se seguiria uma semana de telefonemas com confirmações se poderiam acrescentar inúmeras pequenas coisas que achavam poderem vir a ser úteis. Ela percebia ali que não eram apenas eles que, numa semana longa entre oficinas, se envolviam nas tarefas, pensando-as e estruturando-as. Também cada um dos participantes reflectia sobre elas, pensava carinhosamente em cada pormenor e se dispunha a mais, tanto mais que ela não conseguia sequer imaginar.

As despedidas do espaço faziam-se, estranhamente, sem nela deixar com o fechar da porta uma nostalgia previsível. Atrás de si deixava apenas um espaço, as memórias sabia levá-las consigo. Atrás de si deixava apenas um ponto de partida para algo que estava ainda em construção. Não olhou para trás ao sair, não hesitou. Percebera naquele momento que o que a fazia sentir-se em casa ali, num sítio estranho, eram as pessoas que a rodeavam. E que a acompanhariam para outros locais. Ela sabia que o espaço não era vinculativo naquele Projecto, era apenas um local inócuo sem significado onde a partilha e as memórias se iam construindo. Era um espaço para fora do qual a imaginação os levava e, a cada viagem proposta, era como se ali não estivessem. Fechava a porta sem receios atrás de si, sabendo que tão cedo não a voltaria a abrir. Deixava para trás um elevador monótono que tão cedo não voltaria a partilhar com rostos formais, sisudos e desconhecidos. Deixava para trás a construção das memórias que ficavam e que, no caminho que percorria ainda, se solidificariam e ganhariam outra forma. Onde quer que fosse.

A semana recheou-se de pensamentos e especulações. O desenho da apresentação final começava a delinear-se, recolhendo meticulosamente por entre inúmeros registos feitos das sessões, cada pedacinho de histórias partilhadas e experiências criadas. Aos poucos, numa dramaturgia que ela e o Jaime iam encontrando, por entre discussões acesas e entusiasmantes, o desenho daquilo que viria a ser o momento final começava a construir-se. Uma sequência, para eles, lógica. Sentidos, para eles significativos. Mensagens que se passavam, sem grandes preocupações e responsabilidades, sem grandes pressões. Porque ambos sabiam que aquele momento, ainda que o encarassem com grande responsabilidade, era acima de tudo para ser desfrutado, para ser vivido com prazer. Era o momento que nós lhes queríamos oferecer, com o cuidado que conseguissem ter. Um momento do qual não se iriam envergonhar, protegido e controlado, mas que lhes permitisse um espaço de deleite que vincasse nas memórias de cada um a experiência vivida.

Oficina 5

A última sessão chegara. O grupo estava cada vez mais reduzido e sólido. Os resistentes que permaneciam por entre vidas que lhes permitiam, ao contrário de tantos outros que foram saindo, envolviam-se de uma forma surpreendente e inesperada.

A chegada à Napalm foi envolvida num acolhimento diferente do habitual. Contrariamente às manhãs solitárias que ela e o Jaime ali passavam, aquele dia preenchia-se de vozes familiares e acolhedoras e o espaço ganhava uma nova vida. A cada pessoa que chegava era dada a liberdade de ocupação de um espaço comum. Não tardou a que todos se sentissem em casa. Por entre bolos cozinhados de propósito para partilhar, por entre sacos de inutilidades descobertas, todos traziam consigo o conforto do lar e o entusiasmo de fazer parte. Rapidamente todos se sentiam em casa, até ela, mais do que nunca. Os sacos abriam-se, por entre um imenso tecido previamente preparado e estendido no chão. A sala preta a que estavam habituados ganhava uma cor que desconheciam.

A tarefa era proposta. O desafio era lançado. Por entre capacidades desconhecidas, pedia-se que aquele tecido colorido, que viria a ser o palco que iriam pisar, fosse habitado por pequenas construções confeccionadas por cada um. Pedia-se que, a quatro, seis ou oito mãos, fossem preenchendo aquele espaço vazio das memórias que tinham generosamente partilhado. Pedia-se que fossem construindo, à luz do que nas cabeças de cada um tinha surgido, um espaço capaz de habitar cada paragem do mapa que juntos tinham construído.

Não tardaram a pôr mãos à obra. E entre uma saída breve para um telefonema aos atrasados, ela depara-se com uma construção crescente de algo que nunca ousaria imaginar. No espaço de minutos, do nada tinha-se passado a alguma coisa. A cada instante que de forma imperceptível ia voando, ela deliciava-se com cada transformação que via acontecer ali. De forma orientada, cada pedaço de tecido, de linha, de plástico e fita ia dando forma à imaginação de cada um. Cada pedaço de partilha ia transpondo para um palco os espaços das memórias partilhadas que ao longo de tão poucas horas tinham construído.

Por entre elogios gentilmente cedidos, viam-se pessoas que pegavam pela primeira vez numa agulha e se aventuravam na tentativa das costuras. Viam-se pessoas que diziam não serem aptas às manualidades a prestarem-se a ajudar e a dar forma à imaginação. Por entre cada segundo que se dissipava, o palco deles nascia ali, por entre capacidades (re)descobertas, por entre memórias partilhadas, por entre frustrações pelos outros colmatadas, por entre superações inusitadas.

E ela, naquele instante, percebe que só por aquele momento, só por aquela proposta, só por aquela tarefa todo o trabalho tinha já valido a pena.

Aquelas horas foram recheadas de partilhas saborosas, por entre memórias gustativas e associações imediatas. Aquelas horas foram polvilhadas por inúmeros sabores que iam surgindo das memórias de cada um, daquelas que gentilmente partilhavam sem deixar de parte a tarefa que cumpriam. E à medida que o Porto deles ia ganhando forma no espaço, também o Porto deles se ia recheando de sabores característicos despertados pelas memórias que dali surgiam.

Ensaio e montagem da apresentação

Um ensaio extra fora marcado, considerando que os constrangimentos de horário do coro os fizeram alterar os planos de agenda de ensaio geral. Por entre a contrariedade de um tempo que não passa pela pressa de ver terminado, e um tempo que passa apressado sem que as tarefas se cumpram no tempo estipulado, o grupo de participantes regressa àquela que era agora a “casa de ensaios” deles. Entram e acomodam-se, sentindo-se efectivamente em casa. Dispunham as suas coisas pelo espaço, circulavam sem cerimónias, traziam os netos e descalçavam-se. Conheciam já as regras da casa, cada canto, como se ali tivessem sempre estado. Transportavam para aquele espaço novo as memórias já construídas e transformavam-no num espaço onde pertenciam, onde se incluíam e tornavam-no familiar.

O ensaio não tardou a começar. Toda a sequência era, finalmente, exposta a cada um cuidadosamente. Tudo o que era ali proposto tinha já sido construído e trazido pelo grupo. O Jaime, que liderava cada passo a dar, orientava apenas a ordem em que cada passo se dava. Testavam-se microfones e ensinava-se aos mais inexperientes como utilizá-los. Caminhava-se descalço por entre os espaços construídos, reproduzia-se cada resultado das dramatizações de forma sequencial e progressiva.

Por entre orientações apressadas do Jaime, ela passeava-se entre a Rita e o Tiago que, atarefados nas respectivas tarefas, tentavam também dar resposta eficaz ao que se tinham proposto. Ela tentava disfarçar uma ansiedade imensa, por entre tecnologias que não colaboram que obrigam a visitas inesperadas, para resolver pequenos problemas que progressivamente iam surgindo. Ela respira de alívio ao perceber que, na proximidade e intimidade do contacto que se foi criando, todos ali circulam num espaço comum onde tudo é permitido, porque todos caminham no mesmo sentido.

Os figurinos iam-se decidindo, os adereços descobrindo e aperfeiçoando. Tudo ganhava vida e forma, pouco a pouco, por entre propostas, partilhas e confirmações inseguras.

Naquele ensaio as músicas fazem-se ouvir. Apesar do Coro não estar presente, apesar do Tiago ter brindado com a sua presença individual para com ela resolver outras questões, as quarenta vozes entoam naquele espaço pequeno para tantas expectativas que se foram criando. Às vozes do Coro juntam-se, mais tarde, os sons da cidade, recolhidos e editados pelo Tiago e que, por entre inúmeras adversidades, lhe conseguira fazer chegar naquela tarde atribulada. Aquelas pessoas, que com eles faziam a longa caminhada, ouviam finalmente a totalidade dos sons que envolveriam as memórias que ali se propunham a expor.

O ensaio apressado, por entre vidas atarefadas, foi terminando progressivamente. As ansiedades e medos partilhados foram-se gerindo, por entre palavras de conforto e confiança genuína nas capacidades individuais de cada um. O conforto da presença do grupo, a procura constante do apoio do grupo, fez-lhe ver que naquele contexto, naquela relação simbiótica de espaço-tempo, um grupo estava formado, na sua essência. Uma comunidade funcionava ali, dentro de uma cultura própria, normas e memórias muito específicas que ao longo do tempo partilhado tinham construído. Ela sabia-o, ela via-o. Mas ela sabia-o também circunscrito àquele espaço, àquele momento. E que estava a dois dias de caminhar para a sua dissipação. E ela sabia que também esse fim deveria ser acautelado, prevenido. Também essas emoções deveriam ser geridas. E também esse momento deveria fazer parte do processo que não se iria encerrar numa apresentação eufórica e desmedida, sem fecho final.

Ensaio geral

Por entre aventuras infindáveis, num dia cinzento, abafado e húmido, as transpirações acalmavam quando olhavam ao redor e percebiam que ali, naquele espaço despido, tinham criado um espaço de espectáculo pronto a acontecer.

O tempo apressava-se numa urgência inconstante para algo que ansiavam. O teste de som fazia-se ouvir por entre olhares atentos de quem passava. Os ensaios começavam, ainda com a chegada gradual e calma dos elementos do Coro. Ela estava feliz por rever alguns rostos familiares que simpaticamente a iam cumprimentando. O Jaime, atarefado por entre instruções e adaptações ao espaço, num trabalho exaustivo com todos os elementos presentes, ia progressivamente tornando mais claras cada dúvida e receio dos participantes. O Tiago, numa calma feliz que lhe é característica, ia ajustando pequenos pormenores, testando variações e combinando com ela pequenos ajustes necessários para que nada lhes fugisse do controlo.

Por fim, numa sucessão de acontecimentos previstos, tudo corria mal, como sempre se quer num ensaio geral. Desde o vento que se fazia ininterruptamente ouvir, desde ligações que estranhamente não funcionam, passando pela surpresa dos participantes que resolvem alterar as suas histórias no momento final. E estranhamente, por entre ansiedades nervosas, tudo se envolvia de gargalhadas, sorrisos e olhares brilhantes e atentos. Aos poucos tudo ia ganhando forma, numa pressa sustentada pelas agendas preenchidas dos cerca de cinquenta rostos que ali sorriam.

Ela, por entre um guião que vira e revira vezes sem conta, concentrava-se numa tarefa que lhe era nova. Por entre os inúmeros botões pouco familiares, tentava a todo o custo corresponder à necessidade de ir dando voz a quem de direito, a seu devido tempo. Ela, por entre uma cumplicidade progressivamente construída, ia comunicando com olhares discretos com o Tiago e com o Jaime, tentando fazer cumprir aquilo a que se propunham. Ela, amontoando ali tarefas infindáveis que começavam na produção e se encerravam na direcção de cena, prendia-se ao chão junto da mesa de som que lhe faria companhia naqueles instantes. E ela percebia que a direcção de cena, envolvida em tarefas que na literatura tão vincadamente se tenta distinguir da figura do produtor, ali se aglutinava no processo de trabalho. Uma figura que ela representava também, mas que não fazia sentido distinguir. Uma figura que culminava na elaboração de guiões, na sua execução, mas que se misturava com tantas outras tarefas que de forma fluida se diluam. Uma figura que, perante uma gestão permanente do projecto, uma presença constante e um envolvimento global, ali não faria

sentido. E ela percebia o alívio que era ter que ali estar, presa, impedindo-a de circular a todo o momento pelo espaço para colmatar pequenas falhas que não tinha que controlar. Ela percebia que aquele espaço, que pela força das circunstâncias lhe teve que ser destinado, lhe fora também conveniente para combater os bichos carpinteiros que a assombram com o nervosismo.

O Coro, finalmente, fazia-se ouvir ali. As vozes, uma por uma, por entre afinações e desafinações, por trás de rostos que ali tinham forma e histórias vincadas. Um coro sénior com uma jovialidade que espelhava os reflexos do humor constante do Tiago. Um coro pelo qual ela se apaixonara da primeira vez que o vira, pela forma como se envolviam, como se deliciavam e se divertiam a cada instante.

E ali, perante a surpresa conjunta de todos, aos poucos tudo ia ganhando forma. O Coro observava atento uma performance que desconhecia ainda. Atarefados, os participantes do grupo de teatro ouviam atentamente as vozes que em tanto diferiam das gravações sem personalidade, sem rosto. Entre ela, o Tiago e o Jaime trocavam-se palavras de conforto, tiravam-se dúvidas e ajustavam-se pormenores. E tudo se fazia, ganhava forma, com o correr veloz do tempo.

A hora chegara ao fim sem que ninguém abandonasse o seu envolvimento no decorrer das tarefas. O tempo prolongou-se um pouco mais com quem podia, apenas para limar pequenas arestas. A diversão estava instalada e o S. Pedro parecia não se opor ao que estavam a fazer. O ensaio não tardou a terminar, seguindo-se uma longa jornada de desmontagem necessária onde a calma habitava já, capaz de agilizar cada passo do processo de forma natural e espontânea. Ela e o Jaime, que se tinham disposto a fazê-lo, contaram com a ajuda pronta do Tiago que em cada momento se envolvia de uma disponibilidade inigualável para colaborar. Tudo foi ágil e fluido. Em segurança, os materiais foram guardados conforme ela acordara previamente com a Metro do Porto na pequena porta escancarada em que nunca reparara nas centenas de vezes que por aquela estação circulara. Também ela, ali, naquele espaço familiar, descobria pequenos recantos agora. Descobria sensações impensáveis e construir memórias que não mais iria esquecer.

O dia terminou cinzento e pouco promissor. A noite foi abençoada com chuvas quentes torrenciais, qual clima tropical a que aquela cidade não pertence. Num acto de conforto, ela adormeceu feliz ao perceber que o S. Pedro tinha reservado a sua incontinência para um horário que lhe permitira desfrutar do dia que passara.

Apresentação final

O derradeiro dia em que o *TicTac* regressivo iria deixar de soar chegara. O calendário marcava 15 de junho e recheava-se de inúmeras pequenas tarefas que meticulosamente ela tinha planeado para aquele dia.

A manhã começava cedo, por entre outras histórias que continuavam a escrever-se paralelamente. Ela dispunha-se ali à preparação de cada pequeno detalhe que a Napalm teria que ter para acolher no final quem se quisesse juntar para um pequeno lanche, um espaço de convívio final onde todos pudessem estar livremente, apenas num convívio ao estilo do teatro argentino e tão tipicamente português com os pés debaixo da mesa. As compras eram feitas, por entre a falta de tempo para preparar algo mais personalizado para oferecer.

As cadeiras que restavam montavam-se, as mesas dispunham-se, as embalagens abriam-se, as bebidas preparavam-se. Numa procura permanente de corresponder às expectativas, ela tinha prevenido o Tiago, a quem tinha transmitido o convite para o Coro, que não se tratava de um banquete, mas sim de uma humilde forma de agradecer o tempo dispensado, um pequeno conforto para o estômago, onde todos pudessem usufruir de pequenos instantes de partilha e convívio.

O dia não amanhecera iluminado pelos raios de luz que acompanharam as oficinas, fazendo temer um desfecho pouco promissor. Envolvida nas tarefas apressadas, ela não tinha tempo para ocupar o pensamento com ansiedades infortuitas que não resolveriam qualquer problema incerto. Alguns materiais eram separados, para colmatar pequenas falhas do ensaio do dia anterior. Tudo era repensado ao pormenor. Na companhia sempre presente do Jaime, ela encontrava a segurança de atravessar a porta e, carregada de dezenas de garrafas de água, deslocar-se para o espaço onde todos iriam finalmente terminar a contagem regressiva.

Por entre refeições esquecidas, a montagem começa. A azáfama de carregar os materiais num elevador agitado, acompanhada pelos olhares curiosos que ao sábado se passeiam pausadamente, tornou o processo mais morado do que o previsto. O Tiago não tardou a juntar-se a eles, envolvido na sua calma a enrolar e desenrolar cabos como uma criança que brinca feliz com o brinquedo favorito. Às mãos atarefadas do Tiago juntaram-se as do Samuel, da Rita, de alguns dos participantes que se apressavam a chegar... E, numa calma inexplicável, por entre uma ansiedade que não era já claustrofobia e castradora, tudo se montava aos poucos, qual castelo de conto de fadas, onde cada pedra tem o seu lugar.

Aparentemente, hora e meia antes da hora marcada, tudo podia já acontecer. Ao longe ouvia-se a concorrência sonora de um rancho que actuava na praça. Os olhares curiosos iam

passando, e algumas palavras simpáticas iam sendo dirigidas a cada um. Alguns olhares conhecidos faziam pequenas visitas prévias, com palavras de conforto e alento. Aquele espaço, habitualmente despido e sossegado, conhecia uma agitação que lhe era pouco frequente e desejada.

Os pequenos ajustes eram preparados, os testes eram feitos. Alertas de segurança eram engenhosamente montados para evitar imprevistos indesejáveis. As devidas sinalizações eram distribuídas pelo espaço e cada um, envolvido em cada tarefa que espontaneamente lhe ia surgindo, se incumbia de cada pequena tarefa que faria toda a diferença no conjunto a que se propunham.

Os elementos do Coro iam também chegando progressivamente, vindos de uma outra história que teriam gosto em ver contada. Apressadamente começavam a correr para a vertiginosa contagem regressiva para o momento em que os relógios de cada um iam parar.

A hora marcada não tardou a chegar, e ela percebe ali que, por entre ansiedades geridas, tudo estava pronto a acontecer. Os olhares familiares não tardavam a juntar-se, curiosos. As folhas de sala, a que carinhosamente todos chamavam folhas de jardim, eram entregues pela ajuda pronta do Samuel e da Rita que se passeavam atarefados por entre as pessoas que aos poucos se reuniam. A frente de casa, a assistência de sala, aparentemente inexistentes ali, eram assegurados por aqueles que se foram envolvendo no Projecto e ali, orgulhosamente, mostravam que o conheciam, que faziam parte. Alguns curiosos aguardavam já o início de algo que não imaginavam o que viria a ser. Alguns fãs, como se autodesignaram, que tinham reunido no dia anterior faziam-se mostrar orgulhosamente, dizendo que tinham já assistido ao “espectáculo do dia anterior” e que tinham voltado para ver outra vez, sem saberem que só naquele dia seria a sério.

Ela, por entre botões pouco familiares e nas mãos trémulas e frias, troca os olhares necessários para que o som seja lançado. E para que os relógios, ali parassem. Eram 16h55 em ponto quando, por entre vozes ténues, os sons começam a entoar num espaço amplo e ventoso. O Coro assumira já as suas posições, o grupo de Teatro, conforme planeado, espalha-se pelo publico e ia captando a sua atenção. Por entre convites tímidos, iam-se fazendo os convites para que aquele espaço, até então só deles, passasse a ser um espaço comum por todos habitável. Um espaço de memórias partilhado e que orgulhosamente ali exibiam.

Ela, ansiosa, passeava os olhos por todos os espaços à procura de reacções. Curiosa e atenta, tentava a todo o custo absorver o momento, desfrutá-lo e captá-lo. Ela guardava, num rolo de câmara inexistente, pequenas relíquias de micro-expressões trazidas por cada pessoa que ali se encontrava. Cada expressão confiante dos participantes, cada sorriso surpreendido

dos coralistas, cada olhar surpreendido do publico ao ser conduzido por aquela viagem. Ela guardava também a expressão ansiosa e atenta do Jaime, contrastante com a calma e deleite do Tiago. Ela guardava a inquietude do Samuel por trás da câmara que em nada lhe era familiar, a Rita que saltitava por entre as pessoas feliz. Ao longe espreitava o grupo de professores que a acompanhara, de colegas e conhecidos. Tentava ler, curiosa, cada reação que manifestavam. E por entre tanta informação que em catadupa lhe assombrava o pensamento, o olhar cúmplice do Jaime procura o dela, para que avançassem o prelúdio e tudo efectivamente começasse. Confirmado com o Tiago, todos estavam prontos. E a magia acontece.

As hostes estavam abertas, o plano cumpria-se, a música entoava. Por entre folhas preenchidas de guiões já decorados, ela dividia-se entre botões, a preocupação com cada uma daquelas pessoas com quem se envolvera, o Tiago que ali perto lhe dava uma confiança inimaginável, e o Jaime que na sua azafama a conduzia por entre cada passo que davam.

Ela, por entre turbilhões inconstantes de pensamentos, pensava quem tinha criado aquilo que ali se fazia. A quem pertencia a autoria, de quem era a responsabilidade por tudo o que ali acontecia. Por entre histórias recolhidas, ali generosamente partilhadas, por entre ideias estruturadas, por entre músicas recriadas... Todos ali tinham uma responsabilidade activa naquele resultado final. Aquele resultado final a que chamaram Apresentação Final, porque temeram dar-lhe o peso do Espectáculo. Uma apresentação do resultado de um processo intenso e intensivo que ali culminava, num resultado que ela via como artístico, aos seus olhos, mas que aos olhos de tantos outros poderia não o ser. E assombravam-lhe também todas aquelas palavras de inúmeros autores, numa tentativa infundada de definir o que é a arte. E ela pensava onde aquilo que ali faziam se enquadrava, se era arte ali, naquele aglomerado de artistas e “não artistas” que eram um só naquele espaço.

Ela percebia, ali, envolvida numa imensa panóplia de tarefas que naturalmente lhe foram incumbidas, que aquele momento final era preponderante. Não porque o processo tivesse menos valor, porque tinha sido toda a construção que os trouxera até ali. Mas porque era aquele momento que lhe dava o impacto e a importância de que cada oficina carecia. Era aquele momento, o objectivo final, que os tinha conduzido para a prossecução de um plano organizado. Era aquele momento o destino final de uma viagem que se propuseram a fazer, juntos. Aquele momento fotográfico que, como nos casamentos, reúne cada pedacinho de história escondida que fica por contar. Aquele momento em que todos se unem na concretização de um objectivo comum e justifica toda a união do grupo que ali se criou. Naquele contexto circunscrito de espaço-tempo que propuseram e dispuseram entre si. Mas

ela sabia que aquele era só um momento do processo. Aquele que mais facilmente iriam, no futuro, recordar. Aquela marca mais vincada que fica nas memórias. Mas que esconde, por trás de si, tantas outras marcas significativas que se espelham ali. Tantas gargalhadas, tantas partilhas, tantas palavras. Aquela marca vincada onde cada traço que expressa esconde tantos outros que se traçaram, progressivamente, para lhe darem uma forma. Onde tudo se reúne e se contempla de sentido. Mesmo que esse sentido seja dificilmente ali exposto e partilhado, porque a cumplicidade das memórias partilhadas só àquelas pessoas pertence.

O tempo voava ali. Rapidamente se precipitavam para o final, e parecia que não tinham ainda quase começado. Aquele parar do relógio aconteceu para uma vertiginosa chegada ao fim. Por entre sorrisos divertidos, por entre respirações fundas, passos inquietos e danças ainda por terminar, o Tiago olhava-a nos olhos e dizia-lhe:

- Está feito!

Desmontagem e fecho de processo

Já a preparar-se para arrumar apressadamente, é chamada ao palco para os agradecimentos que odeia. Para um protagonismo que a incomoda e que a aterroriza. Leva consigo quem consegue, mas tantos outros lá deveriam estar para aqueles aplausos efusivos. Depois de cada participante que saíra já timidamente, depois de cada coralista que abandonara já um palco improvisado, depois de todos os que realmente lhes importavam ali, estavam eles... Ela, o Jaime, o Tiago e o Ruben. Os ditos artistas. Aqueles que trabalharam uma vida inteira para ali chegarem. E que ali, pouco importavam. Porque apenas conduziram aquelas pessoas numa viagem partilhada. Uma viagem também deles, mas guiada por cada um que tinha já dali saído. E eles, que se fizeram rodear de tantos outros, mais ou menos activos, mais ou menos criativos, mas que daquela ficha técnica inócua constavam e que ali deveriam ter recebido cada caloroso aplauso que também lhes era dirigido.

Aquele momento constrangedor terminara finalmente, e ela perdia-se por entre palavras de pessoas conhecidas e desconhecidas. Perdia-se por entre incentivos efusivos de pessoas que não sabia existirem, até então. Perdia-se por entre comentários críticos, por entre olhares atentos, cumprimentos e sorrisos. Por entre palavras úteis e necessárias para que pudesse compreender a visão externa e neutra que ela não sabia já ter. Ela, que fugia aos protagonismos e exposições, ela, que se escondia no conforto dos bastidores, estava ali exposta com um Projecto que era seu, que fizera acontecer. Ela, que não tinha ali por onde fugir, acolhia atentamente cada palavra que lhe era dirigida, vendo pessoas a saltar à sua frente sem conseguir desviar-se do lugar. Ela não perdia de vista por um só segundo os olhares cansados e eufóricos de cada uma daquelas pessoas que a eles se tinham juntado naquela caminhada. Ela, que sabia ter chegado ao fim, tinha ainda um longo trabalho pela frente.

Por entre tarefas aparentemente distribuídas, entre tantas mãos disponíveis para ajudar, tudo parecia agilizar-se naturalmente.

Ela regressa à Napalm, apressada, a um espaço habitualmente sossegado e familiar. Já vários olhares a aguardavam atentos e expectantes. A porta abria-se, as pessoas eram convidadas a entrar, apresentava-se o espaço, pequeno e humilde para acolher uma imensidão tão grande de memórias construídas. A música, previamente seleccionada, começa a soar. Aquelas músicas originais, familiares ao Coro que as cantava à sua maneira, à maneira do Tiago, faziam-se ouvir para que aquelas pessoas, ainda estranhas ao espaço, encontrassem o conforto de uma casa que também a elas se abria. Aqueles que já conheciam os cantos da

casa, ajudavam no acolhimento. Encaminhavam cada pessoa, orientavam e orgulhosamente mostravam que já faziam parte. O espaço, habitualmente frio e despido, estava preenchido de vozes que entoavam, de histórias que se contavam, de sorrisos que iluminavam aquela sala escura. Sem cerimónias, o lanche ia sendo partilhado, cada um se ia servindo e falando livremente. Ela, atarefada por entre cada embalagem que terminava ou cada copo que se virava, ia ouvindo atentamente cada palavra que lhe era dirigida. Rodeada de desconhecidos, ali, naquele espaço, depois daquele momento, cada voz lhe era familiar.

Ela recolhia cada palavra acolhedora que tinham para lhe dizer. Cada *feedback* que, espontaneamente, lhe davam. Aquelas pessoas não se limitavam aos elogios calorosos e gratos pela iniciativa, por terem sido incluídos e pelo prazer de fazerem parte, não se limitavam a recordar o momento em que ela, de olhos brilhantes e voz trémula, fora apresentar o Projecto ao Coro, atrás de um microfone que a intimidava. Davam opiniões honestas e sinceras, criticavam proactivamente, diziam que gostavam de ter sido mais incluídos, comparavam e exemplificavam com outros trabalhos em que tinham participado. Davam sugestões para que, numa próxima, as agendas melhor se pudessem conciliar. E ela percebia que, por entre tantas vozes que fizeram questão de a fazer parar por uns segundos para serem ouvidas, escondiam atrás das palavras a esperança de que o Projecto continuasse e se desenrolasse em muitas outras aventuras ainda por viver. Ela ouvia, por trás do que ficava por dizer, a esperança de que outras oportunidades surgissem e de um envolvimento que tinha ali apenas iniciado. Ela entendia que aquele momento não era apenas uma despedida, era só um primeiro passo de um caminho que se abria e podia, no futuro, ser percorrido. Ela, envolvida nas vozes acolhedoras e sorrisos ternos, percebia ali cada brilho no olhar do Tiago quando falava do Coro, percebia ali que, naquele final, algo estaria também a começar.

O Jaime tardara na chegada, por entre desmontagens envolvidas num cansaço que se fazia agora sentir. Os elementos do Coro tinham já seguido o seu caminho aos poucos, ficando apenas os resistentes em convívios mais íntimos com antigos amigos que ali encontraram. As vozes eram já poucas e ténues, ela era já perseguida e obrigada a sentar-se pela voz brincalhona do Hernâni ou pelo cuidado atento da Filomena que a obrigava a comer. E por fim, eram só eles ali. O Jaime, ela, e cada olhar cansado e sorriso triste dos participantes por ver finalmente chegar o momento da despedida. Há partilhas, há memórias recordadas, há gargalhadas e até algumas lágrimas discretamente enxugadas. Há um balanço, há críticas fundamentadas, há justificações e desculpas apresentadas. Há ali, em pouco mais de uma hora, uma partilha íntima de cada sensação, cada pensamento que assombra aquelas pessoas, um espaço aberto, receptivo e acolhedor para tudo o que possa surgir. Ela e o Jaime partilham

cada receio, cada fragilidade. Eles dão-se ali àquelas pessoas, naquilo que foi para eles também um processo gratificante e empoderador. Eles partilham expectativas futuras, receios e apreensões naquilo que viriam a ser os dias, as semanas seguintes. Eles não escondem nada, expõem cada vontade, cada desejo e cada limitação. Num ambiente seguro que ali construíram, num envolvimento acolhedor de cada voz que se faz ouvir. E ali, naquele espaço, são sugeridas soluções, caminhos e estratégias. Naquele espaço surgem inúmeras ideias de caminhos a seguir. Numa espécie de assembleia geral onde tudo é exposto e discutido, onde cada opinião se faz ouvir. Mas sem uma decisão tomada, que a longo prazo lhes iria chegar. Não são feitas promessas, que pudessem não ser cumpridas. Não são criadas expectativas, que pudessem não ser fundamentadas. Mas as portas que se abrem para a saída progressiva de cada um, depois de abraços envolventes e sorrisos tristes, ficam abertas para o regresso desejado.

E, saídos todos um por um, ela e o Jaime, exaustos e já vencidos pelo cansaço, ocupam espaçosamente os sofás onde, em silêncio, se deleitam.

Claro que estes instantes de silêncio, de sossego, foram breves. Por entre o cansaço também eles escondiam uma euforia pela concretização do projecto, por terem, efectivamente, chegado a bom porto. Por terem ali visto superar tantas expectativas de tantas coisas, por terem superado cada adversidade sem que isso ameaçasse a sua concretização. As partilhas efusivas foram surgindo, ainda por entre posições que tentavam aliviar um cansaço exaustivo. Aqueles instantes onde os pés latejavam, as costas doíam, e cada músculo do corpo aos poucos começava a gritar histericamente a reclamar por cada movimento dos dias anteriores.

Enchendo-se de coragem, o dia não tinha ainda terminado para eles. Acompanhados da Rita, que incansável se prontificava a acompanhar, regressam àquele espaço novamente despido, sombrio e silencioso. Vão recolher cada memória que ali deixaram ficar. A entrega do material na Esmac faz-se acontecer, conforme acordado, dentro do horário previsto e em boas condições. Cada material é verificado e confirmado por ela, num excesso de preocupação exaustivo e desgastante, mas que não sabe não ter. À noite regressam cabos, fios, caixas, cadeiras, mesas.... Tudo se envolve num caos que ela não conseguia já gerir. E aquele espaço já vazio e silencioso volta a preencher-se de memórias espalhadas, desarrumadas, dispersas. Memórias de que ela precisava de se distanciar por algumas horas para poder juntar, analisar e arrumar.

E assim foi. Regressou a casa, num pensamento esvaziado pelo cansaço que não lhe permitia já qualquer reacção. Por entre apenas breves palavras de agradecimento que ficaram

por dizer ao Tiago, ainda informais e sem filtro, que se tornavam claustrofóbicas ao guardar para si.

E, no conforto do silêncio, deixava-se envolver pelos sonhos capazes de arrumar as ideias que passeavam dispersas pelos pensamentos desarrumados até que o dia brevemente amanhecesse.

Anexo 21

Guia de levantamento de material Esmae | IPP

Documento Comprovativo de Transporte de Bens da ESMAE

(nº 1, alínea a) e nº 3 e 4 do artigo 3º do Decreto-Lei nº 147/2003, de 11 de julho)

Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo

Rua da Alegria, nº 503 4000-045 Porto

NC: 503606251 - Tel.: 22 519 37 60

Email: esmae@esmae.ipp.pt

Guia nº	79
Data (dd-mm-aaa)	14.06.2019

Entidade Destino		Período de empréstimo (dd-mm-aaaa)	
Nome	Sónia Barbosa	De:	14.06.2019
Morada		A:	15.06.2019
Cód. Postal		Obs.	
E-mail			
Tif/Tlm			

	Descrição	Quantidade	Valor unitário	Valor parcial	Observações	Entregue
1	Sistema de PA Behringer PPA500BT	1	360	360		
2	Microfone AKG CK391B	2	355	710		
3	Tripé de microfone standard	2	45	90		
4	Tripé para coluna áudio	2	150	300		
5	Cabos XLR-XLR 20 mts	2	40	80		
6	Cabos de coluna com extensão	2	35	70		
7	Mala de transporte	1	10	10		
8	Saco de transporte de tripés de microfone	1	12	12		
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
Valores estimados para efeitos de Seguro:			Total	1632		

Entrega			
Data	ESMAE (nome e assinatura)	Requerente (nome e assinatura)	Observações
14/06/19	<i>Elizabete Gomes</i>	<i>Sónia Barbosa</i>	

Devolução			
Data	ESMAE (nome e assinatura)	Requerente (nome e assinatura)	Observações

OBS: Todos os equipamentos levam cabos de alimentação

A cedência de artigos por parte da ESMAE está condicionada pela total aceitação das seguintes condições gerais:

- a. O empréstimo de artigos apenas poderá ser efectuado se o requisitante se responsabilizar pela integridade dos artigos desde a sua recolha até à devolução;
- b. A ESMAE reserva o direito de exigir documentos que comprovem a responsabilização pelos artigos pela parte do requisitante;
- c. A ESMAE reserva o direito de exigir que o requisitante contrate seguro para os artigos durante o período de empréstimo, sob pena de não efectuar a cedência;
- d. O valor dos artigos será definido pela ESMAE na guia de empréstimo;
- e. O período de empréstimo e respectiva responsabilidade inicia-se no acto de recolha no local de armazenagem e será vigente até à sua devolução e reposição no local de arrumo designado pela ESMAE;
- f. O requisitante deve assumir a seu cargo todos os meios humanos necessários para a recolha e devolução dos artigos, desde e até aos locais de arrumo designados pela ESMAE;
- g. A Coordenação Técnica /Produção da ESMAE poderá definir quais os meios humanos necessários para as operações descritas no ponto anterior;
- h. Qualquer cedência está sujeita à emissão de guia de empréstimo que deve ser assinada pelo requisitante ou seu representante no acto de entrega dos artigos;
- i. A guia de empréstimo será emitida em duplicado, sendo um exemplar para o requisitante e outro para arquivo na ESMAE;
- j. A recolha e devolução de artigos deve ocorrer nos períodos das 9:00 - 12:30 às 14:00 - 17:00 em dias úteis;
- k. A devolução de artigos apenas será efectiva se acompanhada de acto de conferência e validação da guia de empréstimo;
- l. A entrega e devolução de artigos apenas poderá ser efectuada depois de agendada junto da Coordenação Técnica/Produção;
- m. A falta de regularização de uma guia de empréstimo comprometerá qualquer pedido posterior, até que o processo pendente seja encerrado;
- n. Qualquer excepção aos procedimentos expostos nestas condições gerais estará sujeita a autorização prévia da Coordenação Técnica/Produção;
- o. A cedência de artigos não inclui consumíveis ou peças de desgaste rápido, a ESMAE reserva o direito de definir os limites destes casos.

Disposições Legais

De acordo com o nº 1, alínea a) do artigo 3º do Decreto-Lei nº 147/2003, de 11 de julho, alterado pelo Decreto-Lei nº 198/2012, de 24 de Agosto e pela Lei nº 66-B/2012, de 31 de dezembro, estão excluídos da obrigação de emissão de documentos de transporte "os bens manifestamente para uso pessoal ou doméstico do próprio". Os nº 3 e 4 do Decreto-Lei nº 147/2003, de 11 de julho, definem que a prova da proveniência e destino dos bens não sujeitos a obrigatoriedade de documento de transporte, pode ser feita mediante a apresentação de qualquer documento comprovativo da natureza e quantidade dos bens, sua proveniência e destino.

Anexo 22

Guiões de Apresentação Final

GERAÇÃO 6.0

[Sensações, Artes e Cidade]

15 de Junho - Cobertura da Estação de Metro da Trindade

[Guião Geral]

Chegada de público

Sons da cidade - os actores são "guias turísticos" visita guiada pelos espaços do Mapa

CORO - "Nasce Selvagem"

(indicação para devagarinho começarem a largar os "Turistas" e ocuparem as posições atrás do Mapa

Início da Apresentação - "mensagem de sala" - JAIME

Ambiente sonoro Ponte D. Luís

Construção da **imagem da Ponte D. Luís**

CAROLINA sai da imagem vai ao microfone e partilha "Nome, idade, freguesia onde mora e memória" e **memória**

Ambiente sonoro S. Bento

CAROLINA inicia construção da **imagem de S. Bento** e os restantes seguem-na

Construção da imagem de S. Bento

JULIO segue com o comboio até ao microfone e partilha "Nome, idade, freguesia onde mora e memória" e **memória**

Ambiente sonoro de Sta. Catarina

JULIO inicia construção de Sta. Catarina

Construção da **imagem de Sta. Catarina**

ISABEL sai da imagem vai ao microfone e partilha "Nome, idade, freguesia onde mora e memória" e **memória**

Ambiente sonoro Palácio de Cristal

ISABEL inicia construção da imagem do Palácio de Cristal

Construção da **imagem do Palácio de Cristal**

HERNANI sai da imagem vai ao microfone e partilha "Nome, idade, freguesia onde mora e memória" e **memória**

Ambiente sonoro da Foz

HERNANI inicia a construção da imagem da Foz

Construção da **imagem da Foz**

FILOMENA sai da imagem vai ao microfone e partilha "Nome, idade, freguesia onde mora e memória" e **memória**

FILOMENA regressa à imagem da Foz

CORO - "Perdi a memória"

TODOS - **construção de imagens em sequência**

Constroem imagem da ponte D. Luís - ficam

Saem um a um para construir a imagem de S. Bento - ficam

Saem um a um para construir imagem de Sta. Catarina - ficam

Saem um a um para construir imagem do Palácio de Cristal - ficam

Saem um a um para construir a imagem da Foz E FICAM ATÉ AO FIM DA MÚSICA

CORO - "Capitão Romance"

TODOS começam a alargar o espaço da Foz dispondo as toalhas em linha, na relva (fora do mapa! - se tiverem pessoas do público no sítio onde querem por a toalha peçam para as pessoas saírem) sentam-se/deitam-se na **praia**
(Jaime leva os sabores para entregarem)

Na deixa da música (turururu) começam progressivamente a levantar-se na direcção do público dizendo o **pregão** "QUEM QUER SABORES DO PORTO" (ou similares)

A música acaba enquanto estão pelo público, a **distribuir os sabores**, a partilhar **memórias** com o público e vão dizendo o pregão.

(Não saem antes de iniciar a música do coro!)

CORO - "Chamem a Polícia"

Vão-se deslocando para as toalhas novamente

Transformam as toalhas em bancas de venda "da **Vandoma**"
(O JAIME entrega-vos os cheirinhos)

Convidam o público a **comprar cheirinhos** (não saem da posição até indicação do JAIME)

Com a indicação do JAIME saem das bancas para distribuir os **saquinhos de cheiros** pelo público (partilhando **memórias**) -
GERIR O NUMERO DE SACOS!!!

CORO - "Quero é viver"

Construção da **Cidade 3D**

Regressam ao **Mapa** (com os objectos dos espaços escolhidos)

Assumem LENTAMENTE as posições com os objectos dos espaços escolhidos e ficam em **estátua** até ao final da música

No fim da música, TERESA, ALICE, JULIETA e ANA PAULA vão para junto do micro para a partilha das **memórias** do espaço
TERESA vai ao microfone e partilha "Nome, idade, freguesia onde mora e memória" e **memória** associada ao espaço
ALICE vai ao microfone e partilha "Nome, idade, freguesia onde mora e memória" e **memória** associada ao espaço
JULIETA vai ao microfone e partilha "Nome, idade, freguesia onde mora e memória" e **memória** associada ao espaço
ANA PAULA vai ao microfone e partilha "Nome, idade, freguesia onde mora e memória" e **memória** associada ao espaço

Regressam às posições no Mapa

CORO - "Porto em Nirvana"

JAIME distribui o **fió** pelo Mapa e depois pelo público

Música termina

Texto de convite ao "**bailarico**" - JAIME

CORO - "Ró da Graça"

Com o início da música todos vão saindo do mapa e vão dançando, convidando o público a dançar também FORA DO MAPA

CORO - "Asas delta"

CORO - "Só Gosto de ti"

No final da música o CORO vai saindo do espaço que ocupa para o Mapa, um a um. Quando virem que o coro TODO está no Mapa, devem ir assumindo progressivamente as posições do Mapa para os agradecimentos

No final da música - **agradecimentos** conforme ensaiado

FIM

GERAÇÃO 6.0

[Sensações, Artes e Cidade]

15 de Junho - Cobertura da Estação de Metro da Trindade

(Guião Coro)

Chegada de público - Sons da cidade - os actores são “guias turísticos”
visita guiada pelos espaços do Mapa

DEIXA DE INICIO DA MÚSICA

CORO - “Nasce Selvagem”

(lentamente comecem a largar os “Turistas” e ocuparem as posições
atrás do Mapa)

FIM DA MÚSICA

Início da Apresentação - “mensagem de sala”

Ambiente sonoro Ponte D. Luís

Construção da imagem da Ponte D. Luís

CAROLINA sai da imagem vai ao microfone e partilha “Nome, idade,
freguesia onde mora e memória”

Ambiente sonoro S. Bento

CAROLINA inicia construção da imagem de S. Bento e os restantes seguem-na

Construção da imagem de S. Bento

JULIO segue com o comboio até ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória”

Ambiente sonoro de Sta. Catarina

JULIO inicia construção de Sta. Catarina

Construção da imagem de Sta. Catarina

ISABEL sai da imagem vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória”

Ambiente sonoro Palácio de Cristal

ISABEL inicia construção da imagem do Palácio de Cristal

Construção da imagem do Palácio de Cristal

HERNANI sai da imagem vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória”

Ambiente sonoro da Foz

HERNANI inicia a construção da imagem da Foz

Construção da imagem da Foz

FILOMENA sai da imagem vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória”

FILOMENA regressa à imagem da Foz

DEIXA DE INICIO DA MUSICA

CORO - “Perdi a memória”

TODOS - construção de imagens em sequência

Constroem imagem da ponte D. Luís - ficam

Saem um a um para construir a imagem de S. Bento - ficam

Saem um a um para construir imagem de Sta. Catarina - ficam

Saem um a um para construir imagem do Palácio de Cristal - ficam

Saem um a um para construir a imagem da Foz E FICAM ATÉ AO FIM
DA MÚSICA

MUSICA SEGUE SEM DEIXA, NA SEQUÊNCIA DA ANTERIOR

(Caso a cena atrase - DEIXA PARA PAUSA ENTRE AS MÚSICAS!)

CORO - “Capitão Romance”

TODOS começam a alargar o espaço da Foz dispondo as toalhas em linha, na relva (fora do mapa! - se tiverem pessoas do público no sítio onde querem por a toalha peçam para as pessoas saírem) sentam-se/deitam-se na praia

(Jaime leva os sabores para entregarem)

Na deixa da música (turururu) começam progressivamente a levantar-se na direcção do público dizendo o pregão “QUEM QUER SABORES DO PORTO” (ou similares)

FIM DA MUSICA

A música acaba enquanto estão pelo público, a distribuir os sabores, a partilhar memórias com o público e vão dizendo o pregão (a cena continua até entrar a música seguinte).

DEIXA DE INICIO DA MUSICA

CORO - “Chamem a Polícia”

Vão-se deslocando para as toalhas novamente

Transformam as toalhas em bancas de venda “da Vandoma”

Convidam o público a comprar cheirinhos (não saem da posição até indicação do JAIME)

Com a indicação do JAIME saem das bancas para distribuir os saquinhos de cheiros pelo público (partilhando memórias)

MUSICA SEGUE SEM DEIXA, NA SEQUÊNCIA DA ANTERIOR

CORO - “Quero é viver”

Construção da Cidade 3D

Regressam ao Mapa (com os objectos dos espaços escolhidos)

Assumem as posições com os objectos dos espaços escolhidos e ficam em estátua até ao final da música

FIM DA MUSICA

No fim da música, TERESA, ALICE, JULIETA e ANA PAULA vão para junto do micro para a partilha das memórias do espaço

TERESA vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e memória associada ao espaço

ALICE vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e memória associada ao espaço

JULIETA vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e memória associada ao espaço

ANA PAULA vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e memória associada ao espaço

As quatro regressam às posições no Mapa

DEIXA DE INICIO DA MUSICA

CORO - “Porto em Nirvana”

Distribuição de fio pelo Mapa e depois pelo público

FIM DA MUSICA

Texto de convite ao “bailarico”

DEIXA DE INICIO DA MUSICA

CORO - “Ró da Graça”

Com o início da música todos vão saindo do mapa e vão dançando, convidando o público a dançar também FORA DO MAPA

MUSICA SEGUE SEM DEIXA, NA SEQUÊNCIA DA ANTERIOR

CORO - “Asas delta”

MUSICA SEGUE SEM DEIXA, NA SEQUÊNCIA DA ANTERIOR

CORO - “Só Gosto de ti”

No final da música o **CORO** vai saindo do espaço que ocupa para o Mapa, um a um. Quando o coro estiver todo no Mapa, os restantes juntam-se progressivamente nas posições para os agradecimentos

No final da música - **agradecimentos** conforme ensaiado

- Teatro —> Cruza Coro —> Cruza Teatro —> Cruza Coro —
Junta —> Tiago + Ruben —> Jaime + Sónia

FIM

GERAÇÃO 6.0

[Sensações, Artes e Cidade]

15 de Junho - Cobertura da Estação de Metro da Trindade

(Guião DC + Operação de Som)

Legenda:

1 - Ent 1 - MIRCRO

2 - Line in 7/8 - PC

3 - LR left - micros gerais CORO (elevador)

4 - LR right - micros gerais CORO (estrada)

5 - VOL left - controle 1 e 2

6 - VOL right - controle 1 e 2

Chegada de público

1 - Off | 2 - 0 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

Sons da cidade - os actores são “guias turísticos” visita guiada pelos espaços do Mapa

DEIXA JAIME —> Sónia —> TIAGO

1 - Off | 2 - Off | 3 - 75 | 4 - 50 | 5 - Off | 6 - Off

CORO - “Nasce Selvagem”

(JAIME indica para devagarinho começarem a largar os “Turistas” e ocuparem as posições atrás do Mapa)

Fim da música

1 - MAX | 2 - Off | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

Início da Apresentação - “mensagem de sala” - JAIME

1 - Off | 2 - 0 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

Ambiente sonoro Ponte D. Luís

Construção da **imagem da Ponte D. Luís**

1 - MAX | 2 - 30 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

CAROLINA sai da imagem vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e **memória**

Transição progressiva entre sons

1 - Off | 2 - 0 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

Ambiente sonoro S. Bento

CAROLINA inicia construção da **imagem de S. Bento** e os restantes seguem-na

Construção da imagem de S. Bento

1 - MAX | 2 - 30 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

JULIO segue com o comboio até ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e **memória**

Transição progressiva entre sons

1 - Off | 2 - 0 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

Ambiente sonoro de Sta. Catarina

JULIO inicia construção de Sta. Catarina

Construção da **imagem de Sta. Catarina**

1 - MAX | 2 - 30 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

ISABEL sai da imagem vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e **memória**

Transição progressiva entre sons

1 - Off | 2 - 0 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

Ambiente sonoro Palácio de Cristal

ISABEL inicia construção da imagem do Palácio de Cristal

Construção da **imagem do Palácio de Cristal**

1 - MAX | 2 - 30 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

HERNANI sai da imagem vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e **memória**

Transição progressiva entre sons

1 - Off | 2 - 0 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

Ambiente sonoro da Foz

HERNANI inicia a construção da imagem da Foz

Construção da **imagem da Foz**

1 - MAX | 2 - 30 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

FILOMENA sai da imagem vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e **memória**

FILOMENA regressa à imagem da Foz

1 - Off | 2 - 30 | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

Diminuição progressiva 2 + 5 + 6 até Off

Deixa Tiago

1 - Off | 2 - Off | 3 - 75 | 4 - 50 | 5 - Off | 6 - Off

CORO - “Perdi a memória”

TODOS - **construção de imagens em sequência**

Constroem imagem da ponte D. Luís - ficam

Saem um a um para construir a imagem de S. Bento - ficam

Saem um a um para construir imagem de Sta. Catarina - ficam

Saem um a um para construir imagem do Palácio de Cristal - ficam

Saem um a um para construir a imagem da Foz E FICAM ATÉ AO FIM DA MÚSICA

DEIXA TIAGO caso a cena atrase (SILENCIO)

CASO A CENA ATRASE 1 - Off | 2 - Off | 3 - Off | 4 - Off | 5 - Off | 6 - Off

1 - Off | 2 - Off | 3 - 75 | 4 - 50 | 5 - Off | 6 - Off

CORO - “Capitão Romance”

TODOS começam a alargar o espaço da Foz dispondo as toalhas em linha, na relva (fora do mapa! - se tiverem pessoas do público no sítio onde querem por a toalha peçam para as pessoas saírem) sentam-se/deitam-se na **praia**

(Jaime leva os sabores para entregarem)

Na deixa da música (turururu) começam progressivamente a levantar-se na direcção do público dizendo o **pregão** “QUEM QUER SABORES DO PORTO” (ou similares)

A música acaba enquanto estão pelo público, a **distribuir os sabores**, a partilhar **memórias** com o público e vão dizendo o pregão.

Fim da música

1 - Off | 2 - Off | 3 - Off | 4 - Off | 5 - Off | 6 - Off

(Não saem antes de iniciar a música do coro!)

Deixa JAIME → Sónia → TIAGO

1 - Off | 2 - Off | 3 - 75 | 4 - 50 | 5 - Off | 6 - Off

CORO - “Chamem a Polícia”

Vão-se deslocando para as toalhas novamente

Transformam as toalhas em bancas de venda “da **Vandoma**” (JAIME entrega os cheirinhos)

Convidam o público a **comprar cheirinhos** (não saem da posição até indicação do JAIME)

Com a indicação do JAIME saem das bancas para distribuir os **saquinhos de cheiros** pelo público (partilhando **memórias**) - GERIR O NUMERO DE SACOS!!!

CORO - “Quero é viver”

Construção da **Cidade 3D**

Regressam ao **Mapa** (com os objectos dos espaços escolhidos)

Assumem LENTAMENTE as posições com os objectos dos espaços escolhidos e ficam em **estátua** até ao final da música

Fim da música

1 - Off | 2 - Off | 3 - Off | 4 - Off | 5 - Off | 6 - Off

No fim da música, TERESA, ALICE, JULIETA e ANA PAULA vão para junto do micro para a partilha das **memórias** do espaço

1 - MAX | 2 - Off | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

TERESA vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e **memória** associada ao espaço

ALICE vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e **memória** associada ao espaço

JULIETA vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e **memória** associada ao espaço

ANA PAULA vai ao microfone e partilha “Nome, idade, freguesia onde mora e memória” e **memória** associada ao espaço

As quatro regressam às posições no Mapa

1 - Off | 2 - Off | 3 - Off | 4 - Off | 5 - Off | 6 - Off

DEIXA TIAGO

1 - Off | 2 - Off | 3 - 75 | 4 - 50 | 5 - Off | 6 - Off

CORO - “Porto em Nirvana”

JAIME distribui o **fió** pelo Mapa e depois pelo público

Música termina

1 - MAX | 2 - Off | 3 - Off | 4 - Off | 5 - MAX | 6 - MAX

Texto de convite ao “**bailarico**” - JAIME

1 - Off | 2 - Off | 3 - 75 | 4 - 50 | 5 - Off | 6 - Off

CORO - “Ró da Graça”

Com o início da música todos vão saindo do mapa e vão dançando, convidando o público a dançar também FORA DO MAPA

CORO - “Asas delta”

CORO - “Só Gosto de ti”

No final da música o CORO vai saindo do espaço que ocupa para o Mapa, um a um. Quando virem que o coro TODO está no Mapa, devem ir assumindo progressivamente as posições do Mapa para os agradecimentos

1 - Off | 2 - Off | 3 - Off | 4 - Off | 5 - Off | 6 - Off

No final da música - **agradecimentos** conforme ensaiado

- Teatro —> Cruza coro —> Cruza Teatro —> Cruza coro — Junta —>
Tiago + Ruben —> Jaime + Sónia

FIM

Anexo 23

Folha de Sala

GERAÇÃO 6.0 [SENSAÇÕES, ARTES E CIDADE]

A PREMISSA ERA A DE EXPLORAÇÃO DA CIDADE DO PORTO, ATRAVÉS DOS 5 SENTIDOS E RECORRENDO ÀS MEMÓRIAS DOS SEUS HABITANTES MAIS ANTIGOS. OUVIR AS SUAS HISTÓRIAS, MAS SIMULTANEAMENTE AJUDÁ-LOS CRIATIVAMENTE A CRIAR NOVAS MEMÓRIAS, A RE-DESCOBRIR A "SUA" CIDADE.

FORAM 5 OFICINAS DE 3H DE EXPLORAÇÃO, CADA UMA DELAS DEDICADA A UM DOS CINCO SENTIDOS: VISÃO, OLFACTO, AUDIÇÃO, TACTO E PALADAR. DEPOIS EM SALA DE ENSAIO, CONJUGAMOS AS HISTÓRIAS, OS OLHARES, OS SABORES, OS SONS, OS AFFECTOS, AS MEMÓRIAS – NOVAS E VELHAS - E CRIAMOS EM CONJUNTO UM MAPA DE PESSOAS QUE SE INTERLIGAM COMO PEQUENOS CAMINHOS OU LARGAS AVENIDAS.

EM SIMULTÂNEO TRABALHAVA-SE O CORO, À DISTÂNCIA, MAS COMO METÁFORA DA METRÓPOLE SEMPRE EM MOVIMENTO, SEMPRE LIGADOS, FOMENTANDO UM TRABALHO EFECTUADO EM ESTREITA COLABORAÇÃO, PARA QUE NO FINAL O RELÓGIO PUDESSE TOCAR AFINADO E À HORA EXACTA.

FORAM NO TOTAL 20H HORAS DE PROCESSO E DE COMUNHÃO ENTRE AS ARTES E AS PESSOAS. SENDO ESTA MAIS UMA PROVA DE QUE NÃO IMPORTA IDADE, SEXO OU CONDIÇÃO SOCIAL, O QUE IMPORTA MESMO SÃO AS PESSOAS. AQUI TEMOS UM GRUPO COMPOSTO POR HOMENS E MULHERES COM +60 ANOS E QUE VIVEM A CIDADE COMO QUALQUER OUTRO. UMA CIDADE QUE TAL COMO ELES, TAL COMO NÓS, SE TRANSFORMA UM POUCO MAIS A CADA DIA QUE PASSA. UMA CIDADE VIVA E PLENA DE ACTIVIDADE.

POR ISSO, VIVEMOS, SORRIMOS E ABRAÇAMOS OS DIAS, OS AMIGOS, A FAMÍLIA... ABRAÇAMOS O OUTRO. PORQUE PARA O OUTRO, O OUTRO SOMOS NÓS..

BEM HAJAM PELA VOSSA PRESENÇA E POR PARTILHAREM ESTA VIAGEM, ESTE MOMENTO E ESTA CIDADE CONNOSCO.

FICHA ARTÍSTICA:

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL DE PROJECTO - **SÓNIA GRANJA BARBOSA**

COORDENAÇÃO ARTÍSTICA - **SÓNIA GRANJA BARBOSA**

ENCENAÇÃO - **JAIME C. SOARES**

DIRECÇÃO MUSICAL - **TIAGO OLIVEIRA**

FIGURINOS E CENOGRAFIA - CRIAÇÃO COLECTIVA

APOIO A FIGURINOS - **CLÁUDIA RIBEIRO; RITA CUZZ**

APOIO À CENOGRAFIA - **RITA CUZZ**

CRIAÇÃO DE AMBIENTE SONORO - **TIAGO OLIVEIRA**

DESIGN GRÁFICO DE MATERIAL DE DIVULGAÇÃO - **RITA ROLDÃO**

REALIZAÇÃO DE VÍDEO PROMOCIONAL - **PEDRO RIBEIRO**

PRODUÇÃO - **SÓNIA GRANJA BARBOSA**

INTERPRETAÇÃO - **ALICE MEIRELES; ANA PAULA CARNEIRO; ANTÓNIO FÉLIX;**

CAROLINA FERREIRA; FILOMENA CHAMBEL; HERNANI MARTINS; ISABEL SANTOS;

JULIETA SILVA; JÚLIO ROLDÃO; MARIA JOSÉ MACHADO; ODETE SILVA; TERESA

MADUREIRA

MÚSICOS - **TIAGO OLIVEIRA, RUI VILHENA, RÚBEN SOARES**

CORO - **CORO SÉNIOR DA FUNDAÇÃO MANUEL ANTÓNIO DA MOTA**

UMA CRIAÇÃO:



PARCEIROS:



APOIOS:



ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO
ARTES CÉNICAS
DIRECÇÃO DE CENA E PRODUÇÃO

Geração 6.0 [Sensações, Artes e Cidade]
História de um Projecto em Construção
Sónia Granja Barbosa

